

CINARA BACCILI RIBEIRO

**A PROFISSIONALIDADE DO REGENTE DE COROS
INFANTO-JUVENIS EM CAMPO GRANDE - MS**

Brasília, 2016

CINARA BACCILI RIBEIRO

**A PROFISSIONALIDADE DO REGENTE DE COROS INFANTO-
JUVENIS EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Música da Universidade de Brasília – UNB, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Música.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Medeiros Pereira

BRASÍLIA

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BAP654 Baccili Ribeiro, Cinara
p A profissionalidade do regente de coros infanto
juvenis em Campo Grande - MS / Cinara Baccili
Ribeiro; orientador Marcus Vinicius Medeiros
Pereira. -- Brasília, 2016.
125 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Música) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Regência Coral Infanto-juvenil. 2.
Profissionalidade. 3. Educação Musical. I. Medeiros
Pereira, Marcus Vinicius , orient. II. Título.

CINARA BACCILI RIBEIRO

**A PROFISSIONALIDADE DO REGENTE DE COROS INFANTO-
JUVENIS EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Música da Universidade de Brasília – UNB, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Música.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Medeiros Pereira

Banca examinadora

Professor Dr. Marcus Vinicius Medeiros Pereira
Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Delmary Vasconcelos de Abreu
Universidade de Brasília

Professor Dr. Sérgio L. F. Figueiredo
Universidade do Estado de Santa Catarina

Defesa realizada em: ____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho ao meu esposo Rafael Salgado e aos meus pais José Ribeiro e Teresa Baccili, meus maiores incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof^o Dr. Marcus Vinícius Medeiros pela dedicação e compreensão durante meu processo formativo.

Agradeço imensamente à Prof^a. Dra. Delmary Vasconcelos de Abreu pela motivação e apoio em todos os momentos na construção desta dissertação.

Ao professor Dr. Sérgio Figueiredo pela contribuição com a pesquisa e participação nas bancas de qualificação e finalização do mestrado.

Agradeço imensamente a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação Música em Contexto da Universidade de Brasília pelo apoio incondicional durante o meu processo de qualificação acadêmica.

Também agradeço aos meus colegas de curso pelo compartilhamento, troca de conhecimento e pela acolhida na cidade de Brasília. Em especial ao Luis Antônio Braga Vieira Junior, Idelvânia Oliveira e Olívia Benevides Marques pelo reconhecimento de meu esforço e companheirismo durante todo o processo.

Aos participantes do processo de pesquisa que contribuíram gentilmente com o levantamento inicial e com as entrevistas, compartilhando suas experiências de profissão para o engrandecimento do conhecimento.

Ao Prof. Dr. Manoel Camara Rasslan pela gentileza em contribuir com materiais e sugestões para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação musical e que, de alguma forma, puderam contribuir para o meu crescimento como musicista e educadora musical.

Agradeço também ao IFMS pela liberação de algumas horas de trabalho para minha qualificação profissional e aos meus colegas de instituição pelo auxílio nos momentos de angústia.

Em especial, agradeço aos meus alunos. Com eles pude aprender e reaprender, muitas vezes, o verdadeiro significado de ENSINAR.

Por fim, agradeço minha irmã Miriam pela contribuição ao final deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa envolve um estudo sobre a constituição da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul durante o início profissional na tentativa de compreender de que forma os profissionais atuantes têm articulado os conhecimentos adquiridos durante seu processo formativo com os diferentes contextos em que atuam. A linha teórica foi construída considerando os conceitos de Monteiro (2010), Morgado (2011), Rocha (2012), Lüdke (2004), Teixeira e Leal (2012), Lima *et al.* (2007), Roldão (2005) e Sacristàn (1999), que compreendem a profissionalidade como tudo que envolve o perfil de uma profissão, onde há uma relação direta entre os aspectos do exercício prático profissional somado às questões de formação e o desenvolvimento de suas qualidades profissionais. Para tanto seguimos o procedimento metodológico apoiado na pesquisa qualitativa pelo método de estudo de casos múltiplos, utilizando um questionário para a realização da coleta de dados iniciais para mapear as características gerais da formação dos regentes da região. A partir dos dados iniciais foram escolhidos cinco regentes de coros infanto-juvenis, atuantes em Campo Grande – MS, para que fossem realizadas entrevistas de aprofundamento. A seleção destes sujeitos foi orientada pelos seguintes critérios: ter o início do exercício profissional em regência infanto-juvenil na cidade de Campo Grande, ter a atuação profissional em coros infanto-juvenis a menos de 10 anos e disponibilidade em contribuir com a pesquisa. Em seguida, são apresentados dados coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas onde foram analisadas as principais características destes profissionais e, assim, demonstramos como se dá a constituição de sua profissionalidade. Esta análise foi construída apoiada em três categorias básicas: ação profissional dos regentes corais infanto-juvenis; elementos da profissionalidade; formação profissional e nos mostrou que a profissionalidade desses regentes envolve conhecimentos e habilidades da área musical e do universo docente. Além disso, a opção para a atuação na área de regência veio da necessidade de profissionais pelo mercado de trabalho e os dados mostraram a urgência de um intenso diálogo e intercâmbio entre o processo formativo – especialmente na articulação de conhecimentos entre a universidade e a realidade encontrada no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Regente Coral Infanto-Juvenil. Profissionalidade.

ABSTRACT

This research involves a study on the professionalization and on the establishment of professionalism of conductors of children and youth choirs in the city of Campo Grande, Mato Grosso do Sul in the beginning professional. The principal aim is to understand how the working professionals have articulated the knowledge acquired during their formative process with the different contexts in which they operate. The theoretical line was built considering the concepts of Monteiro (2010), Morgado (2011), Rocha (2012), Lüdke (2004), Teixeira and Leal (2012), Lima et al. (2007), Roland (2005) and Sacristan (1999), comprising the professionalism as everything involving the profile of a profession where there is a direct relationship between the aspects of professional practice exercise added to the training issues and to the development of their professional qualities. We follow the methodological approach supported in qualitative research of a multiple case study. A questionnaire was used to collect data about the general characteristics of the region's choir conductors. With this initial information, five conductors of child and youth choirs of Campo Grande were chosen to make depth interviews. The selection was made using the following criteria: to have initiated their professional child and youth choir conducting in the city of Campo Grande – MS, to have less than ten years of professional experience in child and youth choir conducting and be available to contribute with the research. Following that, the collected data was analysed through three categories: professional action, elements of professionalism and professional training. This analysis showed that the professionalism of these conductors involves knowledge and skills from the musical and the teacher worlds. Besides that, the option for the choirs conducting was demanded by the labor market and the data showed the urgency of an intense dialogue and exchange between the formative process – especially at the university – and the working reality.

Keyword: Children and youth choirs conductors. Professionality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Contextos de atuação dos regentes em Campo Grande – MS.....	54
Tabela 2-	Objetivos dos coros.....	55
Tabela 3-	Formação dos regentes.....	66
Tabela 4-	Características da iniciação profissional e dos locais de atuação.....	79
Tabela 5-	Dificuldades do início profissional.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Diferenciação entre profissionalidade e profissionalização.....	25
Quadro 2-	Contribuições dos cursos de aperfeiçoamento na visão dos regentes.....	61
Quadro 3-	Importância da formação continuada na visão dos regentes.....	64
Quadro 4-	Conhecimentos necessários aos regentes – literatura/profissionais em exercício em Campo Grande.....	105
Quadro 5-	Conhecimentos necessários aos regentes corais infanto-juvenis: a visão dos profissionais.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Tempo de atuação profissional dos regentes.....	53
Gráfico 2-	Tipos de grupos de atuação dos regentes.....	54
Gráfico 3-	Tipos de formação dos regentes.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – PROFISSIONALIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS E SUA RELAÇÃO COM A PROFISSIONALIZAÇÃO DO REGENTE DE COROS	21
1.1 Aspectos teóricos sobre profissionalidade	21
1.2 Profissionalidade docente	25
1.3 Profissionalidade e profissionalização do regente de coros.....	31
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS	37
2.1 O estudo de caso	38
CAPÍTULO 3 - OBSERVAÇÕES INICIAIS DO CAMPO EMPÍRICO: DIALOGANDO COM A LITERATURA	44
3.1 Entre a literatura e a realidade profissional dos regentes de coros em Campo Grande – primeiras aproximações.....	44
3.2 Os regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande – MS: características do campo empírico	52
CAPÍTULO 4 – PROFISSIONALIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: OS CASOS DOS REGENTES INFANTO-JUVENIS DE CAMPO GRANDE - MS	65
4.1 Categoria 1 – Formação Profissional.....	66
4.1.1 Início da formação musical	67
4.1.2 Formação continuada - solução de problemas.....	69
4.1.3 Técnica vocal: aspectos do desenvolvimento dos regentes	70
4.1.4 Propostas para a formação profissional	72
4.1.5 Novas perspectivas e possibilidades na UFMS.....	77
4.2 Categoria 2 – Ação profissional	78
4.2.1 Primeiro contato com a profissão: características e necessidades dos locais de atuação.....	78
4.2.2 Atribuições dos regentes.....	87
4.2.3 A escolha de repertório: adaptações e limitações	88
4.2.4 A utilização da expressão corporal como recurso ao ensino do canto coral.....	93
4.2.5 Desafios inesperados.....	96
4.3 Categoria 3 – Elementos constituintes da profissionalidade dos regentes corais infanto-juvenis	97
4.3.1 Conhecimento + Exercício Profissional = Aprendizagem da profissão	98
4.3.2 Inserção profissional – conhecimentos relevantes aos regentes iniciantes	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
Referências	114

ANEXOS	119
---------------------	------------

INTRODUÇÃO

O pensamento em torno da prática da regência coral e sua articulação com o modelo proposto tanto pelos cursos superiores de música, quanto pelos cursos de complementação formativa, chamou minha atenção desde o início de minha atuação como regente coral. O regente profissional, principalmente de coros infanto-juvenis¹, precisa ser um músico mais do que completo, reunindo um conjunto de conhecimentos e habilidades musicais muito bem consolidados somados aos conhecimentos psicopedagógicos para garantir a realização de trabalho adequado ao que se propõe.

No Brasil o canto coral tem sido utilizado intensamente como ferramenta para o processo de educação musical em Organizações não Governamentais (ONGs), escolas de educação básica (sendo inserido na grade curricular ou como atividade extracurricular) e, também, em escolas livres/alternativas de música². Para tanto, a partir da observação cotidiana dos regentes de coros infanto-juvenis, especialmente em Campo Grande, notamos que nem todo profissional atuante é formado em regência (seja em nível de formação técnica ou em nível de bacharelado em regência), e alguns atuantes não possuem, nem mesmo, a formação em música. Entendemos aqui, apoiados no pensamento de Nóvoa (1995), uma formação como um processo que passa pela experimentação, inovação, e ensaios de novos modos de trabalho, construídos a partir de uma reflexão crítica sobre a sua utilização e, ainda, como um processo de investigação diretamente articulado com a prática profissional (NÓVOA, 1995, p. 28). Como então tem sido o processo formativo³ destes sujeitos que vem atuando como regentes de coros infanto-juvenis no início de seu atuação profissional?

O interesse pela temática apresentada surgiu de minha própria vivência musical enquanto regente de coros infanto-juvenis. Apresento aqui uma descrição sucinta desse

¹ De acordo com o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente compreendemos como criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos, e, como adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990, p.1).

² As escolas de música alternativas não têm que atender a regimentos externos e instrumentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os documentos dela decorrentes. Não há controle por parte de nenhuma agência estatal ou religiosa. Já as instituições oficiais de ensino estão submetidas às determinações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e têm o reconhecimento legal dos diplomas e certificados por elas conferidos, uma vez atendidas as determinações desse órgão. (REQUIÃO, 2002, p.63).

³ “Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (NÓVOA, 2002, p. 39).

percurso como forma de destacar as semelhanças com a iniciação profissional de outros regentes. O objetivo desta descrição é ressaltar que o processo formativo do regente de coros acontece, muitas vezes, antes, durante e depois do exercício e atuação como regente, variando de acordo com a experiência profissional e com a oportunidade de contato com o conhecimento.

O canto coral fez parte de minha formação e da complementação do estudo do canto desde minha iniciação musical. Na formação superior iniciei os estudos no curso de Bacharelado em Música com habilitação em canto, e depois pude complementar os estudos com a Licenciatura Plena em Música pela Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FAC-FITO). Na grade curricular do Bacharelado havia a disciplina de Canto Coral sendo obrigatória para todos os alunos. Já a disciplina de regência fez parte do currículo obrigatório da Licenciatura em Música, tendo como foco principal as questões relativas às técnicas de regência. Ambas as disciplinas focavam o canto coral adulto, em que todo trabalho de técnica vocal e escolha de repertório era pensada para um grupo de estudantes de graduação em música de diversas habilitações. O enfoque da prática coral era todo voltado para a execução musical, ou seja, os alunos como cantores já iniciados musicalmente. Na disciplina do bacharelado não houve uma preocupação em refletir e discutir sobre os momentos do ensaio coral. Na licenciatura pudemos experimentar, ainda que de maneira superficial, como era estar à frente de um grupo como regentes; no entanto, o foco dado às aulas ainda era em torno da prática de coro adulto.

Durante a graduação, mesmo sem ter uma aula direcionada à prática coral infanto-juvenil, tive a oportunidade de ser inserida como regente em um projeto social da Prefeitura Municipal de Osasco como estagiária, por um período de um ano e meio. Neste projeto o canto coral era utilizado como ferramenta de inclusão social e iniciação musical dos participantes, alunos oriundos de regiões da periferia do município. No projeto pude contar com o auxílio técnico musical de profissionais mais experientes, professoras atuantes no Conservatório Villa Lobos, mas que ainda não eram graduadas em música, proporcionando-me uma aprendizagem e troca de conhecimento, tanto na área de canto coral quanto na área de musicalização infantil. Esta inserção cuidadosa por parte de meus professores e colegas me possibilitou um pouco mais de segurança durante a minha construção profissional como regente de coros infanto-juvenis. A partir da observação, do compartilhamento de ideias e discussões sobre as propostas de

planejamento dos ensaios pude crescer como profissional e, assim, ampliar minhas possibilidades enquanto regente de coros infanto-juvenis.

Ao finalizar a graduação tive, na atuação como regente coral, a abertura de um campo de trabalho importante para minha carreira. Inicialmente, fui convidada por uma ex-professora para substituí-la, durante uma licença maternidade, frente a um coro infanto-juvenil em uma ONG na cidade de São Paulo chamada PRÓ-SEGUIR. Para tanto, fui convidada a acompanhar os ensaios durante alguns meses antes da substituição, uma atenção inicial com o foco em minha adaptação ao contexto social do grupo e ao nível de conhecimento musical dos participantes. Depois da licença da professora, a mesma retornou sua atuação no grupo até sair definitivamente e me indicar para assumir o trabalho em seu lugar. Este projeto tinha como objetivo principal proporcionar a inclusão social por meio de atividades artísticas às crianças de baixa renda da região do Rio Pequeno⁴, em situação de vulnerabilidade social. Neste projeto minha experiência durou por volta de um ano e me proporcionou uma visão sobre o funcionamento do trabalho coral infanto-juvenil que me auxiliou quando vim a assumir outros grupos.

Mesmo com todo acompanhamento e possibilidades de observações durante a faculdade, somado ao cuidado com relação à minha inserção no projeto por minha professora, ainda assim foi inevitável sentir certa insegurança ao me deparar com minha primeira experiência profissional autônoma como regente de um coral. Uma das vantagens, nesta experiência com o grupo da ONG, foi o fato de poder contar com um pianista acompanhador, o que facilitou minha interação com os coralistas e permitiu dividir, de certo modo, as responsabilidades dos ensaios, possibilitando uma relação de troca de conhecimento e ideias a serem colocadas em prática. A presença de outro profissional atuando nos coros infanto-juvenis não é realidade em todos os diversos contextos existentes no país. Para Moreira (2015) “(...) é prática comum, no Brasil, que o regente desempenhe sozinho as diversas funções que o trabalho exige”, portanto, minha primeira experiência foi uma exceção à regra (MOREIRA, 2015, p.119).

A partir dessas experiências iniciais como regente, o trabalho com a área de canto coral infanto-juvenil tornou-se meu principal foco profissional. Pude trabalhar em projetos importantes como Projeto Guri⁵, em duas cidades distintas, em Osasco e em

⁴ Rio Pequeno: bairro localizado na Zona Oeste do município de São Paulo.

⁵ “Mantido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, o Projeto Guri é considerado o maior programa sociocultural brasileiro e oferece, nos períodos de contra turno escolar, cursos de iniciação

Cotia; Projeto TIM Música nas Escolas (Embaixadores da Paz) em São Paulo, inicialmente com musicalização e aos poucos com o foco na atividade de canto em grupo. Em Campo Grande, após meu ingresso como professora substituta de canto no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2006, atuei como colaboradora no Projeto Córrego Bandeira, projeto de extensão da Universidade com apoio do Instituto Ayrton Senna; além de experiências com coros na Escola de Música Arte e Viva e na ONG Viver Bem. Desde 2011 tenho atuado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) com o Projeto de Extensão Coro Escola do IFMS em Aquidauana.

Grande parte dos projetos destinava-se a atender comunidades das periferias das cidades, tendo como foco central proporcionar aos participantes uma inclusão social por meio da prática musical, possibilitando a sociabilização⁶ dos participantes. O conhecimento musical era apenas a ferramenta de contribuição para a interação social. Apenas na escola de música o foco principal estava ligado à prática musical em grupo, ou seja, era uma aula para complementar a aprendizagem musical que os alunos já tinham nas aulas de instrumento. Em cada contexto social há uma maneira de interação com a música, desta forma, tive que me construir e reconstruir como regente, adequando-me a cada realidade a qual interagia. Tive que aprender a lidar com problemas emocionais, familiares e de indisciplina, o que me fez perceber que o trabalho do regente coral infanto-juvenil transcende, muitas vezes, a música, contribuindo diretamente para a transformação do indivíduo, por ser capaz de transformar a maneira dos aprendizes olharem o mundo por meio do conhecimento músico-cultural. Grings (2011) corrobora este fato, afirmando que:

O regente só pode executar música com um grupo de pessoas, o que exige dele, conhecimentos das ciências humanas. Esta característica diferencia o regente de outros músicos voltados à performance, aproximando-o da área de educação musical (GRINGS, 2011, p. 20).

É importante ressaltar que esta característica do regente de ser mais próximo das questões das áreas humanas é mais evidente em coros amadores, onde há uma

musical, luteria, canto coral, tecnologia em música, instrumentos de cordas dedilhadas, cordas friccionadas, sopros, teclados e percussão, para crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos” (disponível em <http://www.projetoguri.org.br/quem-somos/>, 2016).

⁶ Sociabilização aqui está sendo utilizada seguindo a definição do dicionário Michaelis: ato ou efeito de sociabilizar. Sociabilizar: tornar (-se) sociável; reunir (-se) em sociedade. Socializar (-se) (MICHAELIS, *on line*, 2012).

aproximação das questões educativas durante toda a ação do regente, e não sendo, necessariamente um aspecto encontrado em outros contextos.

As experiências nesses diversos espaços, diversos contextos, foram me moldando enquanto profissional. A falta de um preparo e de uma formação específica para este campo de atuação gerou certas inseguranças e angústias profissionais que foram sendo supridas a cada curso de complementação na área e na troca de experiências com outros colegas de profissão. A graduação em música, somada às experiências como cantora e regente de coro, permitiram a observação e a conscientização sobre as reais necessidades de um trabalho com o canto coral. Essa primeira etapa formou meu referencial inicial de regência coral infanto-juvenil e auxiliou na compreensão de que o regente necessita ter um olhar cuidadoso para possibilitar um ambiente seguro para a construção de um processo de aprendizagem musical dos coralistas, onde, a partir dessa experiência, se consolidará um novo referencial musical dos participantes. E, ao tratarmos de coros infanto-juvenis, a prática educativa torna-se indissociável do trabalho com a performance musical na ação dos regentes.

As incertezas quanto à atuação como regente também passam pela necessidade de lidar com o ensino da música. Esta demanda, especificamente no meu caso, foi sendo sanada por minha busca constante por materiais, cursos e conversas com outros profissionais, bem como em minha formação no curso de licenciatura. Nos cursos de capacitação pude conhecer novos repertórios, novas formas trabalhar a técnica vocal, tudo de uma maneira criativa e divertida, apesar de grande parte dos cursos serem destinados aos coros adultos. As ideias foram sendo transformadas e articuladas, fazendo-me adaptá-las às reais condições de execução musical de cada grupo. Para tanto, tive que desenvolver minha capacidade criativa, adaptando arranjos musicais, exercícios de técnica vocal, tudo para que meus alunos pudessem melhorar suas condições de aprendizagem musical, execução musical e para que o repertório auxiliasse, também, na reflexão sobre cidadania.

Todo este processo formativo, durante a inserção no campo de atuação, gerou algumas inquietações relacionadas à atuação do regente de coros gerando algumas questões que me acompanharam até a elaboração deste trabalho. Em minha atuação no ensino superior pude notar a presença de algumas dúvidas semelhantes às minhas por parte dos alunos da licenciatura. A necessidade em compreender como adaptar os conhecimentos trabalhados na faculdade à realidade do trabalho sempre me foi

questionada. Aqueles licenciados que foram inseridos em escolas de educação básica, projetos sociais, ou ainda, em escolas de música, e que vieram a trabalhar com a regência de coros me procuravam tanto para a busca de materiais como para conversar sobre as dificuldades enfrentadas em seus grupos. Desta forma, coloquei-me a refletir sobre os regentes de Campo Grande têm se capacitado para atuar adequadamente com o público infanto-juvenil. Os profissionais têm buscado complementação dos seus conhecimentos? Há uma preocupação com sua construção como profissional?

Em Mato Grosso do Sul, atualmente, são oferecidos dois cursos de licenciatura em música, uma graduação é presencial e é ofertada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e a segunda acontece à distância, e é oferecida pelo Claretiano Rede de Educação. A oferta de cursos focados na formação de professores geralmente envolve disciplinas relacionadas à regência coral, sendo de extrema importância para o desenvolvimento das capacidades dos profissionais que têm atuado ou que pretendem atuar como regentes de coros. Além destes cursos formais há uma ação contínua no fomento de cursos que possam contribuir com os profissionais de regência do Estado. Eventos como Encontros de Regência Coral, Painel Funarte de Regência Coral, Seminário Internacional de Regência Coral, Oficinas de Regência Coral puderam contribuir consideravelmente para a ampliação de conhecimento na área nos últimos anos, trazendo nomes importantes do cenário da regência nacional e internacional como Marco Antonio da Silva Ramos, Samuel Kerr, Eduardo Lachevitz, André Vidal, Hans Peter Schurz, entre outros. Porém, muitas vezes, os cursos retrataram um universo mais próximo de coros adultos, logo, não objetivavam a atender as necessidades específicas dos regentes atuantes em coros infanto-juvenis.

Tendo em vista toda a problemática em torno do processo formativo dos regentes, notamos alguns questionamentos recorrentes que têm acompanhado estes profissionais. Qual seria a função de um coro infanto-juvenil? Seria a prática musical? Seria incentivar a interação social? Seria ampliar o conhecimento sobre diversidade musical existente no mundo e estimular o respeito? Esta função estaria atrelada aos contextos em que estes coros estão inseridos? Devo fazer um coro com base nos conhecimentos de técnica vocal, preparando novos cantores? Seria importante o trabalho de expressão cênica? Como devo proceder na escolha do repertório? Faço um coro *a cappella*, ou com acompanhamento instrumental? Como escolher arranjos, será que o que tenho feito está adequado? Tenho que construir novos arranjos? Como suprir as necessidades administrativas do grupo e o contato direto com os pais? Apesar dos

resultados positivos, o processo educativo musical tem se efetivado para meus alunos? Essas são algumas questões que sempre me acompanharam neste processo e que também foram trazidas a mim por outros regentes. São questões que têm servido de guia para autorreflexão e condução das ações dos regentes.

Dependendo das suas escolhas e direcionamentos, os coros terão objetivos distintos, podendo incluir objetivos educativos ou não. Dessas conversas informais foi possível notar a busca incessante por uma complementação formativa por parte dos profissionais na tentativa de suprirem as necessidades reais de sua atuação nos coros. A principal temática presente nos discursos dos regentes de coros infanto-juvenis é se, realmente, cada um deles, seria o profissional ideal para a realização do trabalho e, também, qual seria a forma mais adequada de atuação frente ao desenvolvimento do coro. Estas questões emergem principalmente no discurso de regentes, que, como eu, são formados em música, mas não necessariamente em regência, que iniciaram a atividade em coros sem necessariamente ter uma experiência, vivência anterior e que trabalham principalmente com coros amadores onde a prática coral acaba se aliando, também, à iniciação musical dos participantes.

A partir deste contexto temos como tema central desta pesquisa de que forma se dá a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande, MS nos primeiros anos de profissão. Tendo como objetivo geral compreender de que forma tem acontecido a formação profissional e quais os elementos constituintes da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande. Para isso pretende-se investigar, por meio dos objetivos específicos, seus processos formativos; a influência dos locais de atuação nestes processos; quais as dificuldades enfrentadas por estes profissionais no contato com a profissão; as formas como estes regentes percebem seu percurso formativo; o papel da formação inicial e continuada na constituição destes profissionais; além de confrontar esta realidade com aquilo que a literatura específica da área tem identificado como característica, exigências e indicações relacionadas à atuação deste profissional.

Desta forma, ao investigar como os regentes tem constituído sua profissionalidade, ou seja, todas as articulações de seu conhecimento com o exercício de sua profissão, poderá nos auxiliar a identificar as características e necessidades para a atuação profissional de um regente coral infanto-juvenil, principalmente no início do exercício profissional, contribuindo para a reflexão e para o desenvolvimento de propostas relativas à formação – inicial e continuada – destes profissionais.

Nesta perspectiva, apresentamos no primeiro capítulo questões teóricas que envolvem aspectos norteadores sobre a profissionalidade. Também serão apresentados aspectos da profissionalidade **docente** na tentativa de compreender de que forma estes cruzam com a constituição da profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis. Utilizaremos como referencial para a reflexão a respeito da profissionalidade, autores como Monteiro (2010), Morgado (2011), Rocha (2012), Lüdke e Boing (2004), Teixeira e Leal (2012), Lima *et al.* (2007), Roldão (2005) e Sacristàn (1999), que de maneira sucinta, compreendem a profissionalidade como tudo que envolve o perfil de uma profissão, onde há uma relação direta entre os aspectos do exercício prático profissional somados às questões de formação e o desenvolvimento de suas qualidades profissionais. Ou seja, a compreensão sobre a profissionalidade do regente coral nos dará ferramentas para entender e repensar como tem se dado a profissionalização deste indivíduo em contato direto com sua prática profissional.

No segundo capítulo serão apresentados os aspectos teóricos que envolvem a metodologia de pesquisa escolhida, a pesquisa qualitativa por meio do Estudo de Caso, apoiados nas propostas de Yin (2003). Nele apresentamos todos os procedimentos metodológicos escolhidos para a realização da coleta e transcrição dos dados desta pesquisa.

O terceiro capítulo traz dados da literatura sobre a ação dos regentes de coros infanto-juvenis, além de apresentar uma análise sobre a produção acadêmica da área de regência coral no país.

No capítulo quatro, são apresentados os procedimentos realizados para a organização e elaboração da análise dos dados assim como os resultados obtidos por meio delas. Neste capítulo, debruça-se sobre a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis de Campo Grande – MS, e apresenta-se, também, os dados do levantamento realizado sobre os regentes, desta cidade, com o intuito compreender quais os tipos de profissionais têm atuado e as especificidades de sua formação profissional.

Nas considerações finais, retoma-se o processo de pesquisa, procurando responder às questões apresentadas como norteadoras desta investigação e apresentando novas possibilidades que se abrem a partir dos resultados encontrados.

CAPÍTULO 1 – PROFISSIONALIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS E SUA RELAÇÃO COM A PROFISSIONALIZAÇÃO DO REGENTE DE COROS

Neste capítulo serão apresentados os aspectos teóricos norteadores do termo profissionalidade. Trataremos também de aspectos referentes à profissionalidade docente, já que grande parte do referencial teórico encontrado tem vinculado o termo à atividade profissional do professor e, ainda, por entendermos que o regente coral infanto-juvenil desempenha, em muitos casos, o papel também de professor. A linha teórica embasará, ainda, neste capítulo, quais características da profissionalidade docente são encontradas na atividade do regente de coros segundo a literatura específica da área, possibilitando, assim, a construção dos aspectos que envolvem a profissionalidade do regente coral na cidade de Campo Grande, MS.

1.1 Aspectos teóricos sobre profissionalidade

Como objetivo geral deste trabalho é investigar de que maneira acontece o desenvolvimento da iniciação profissional, ou seja, de que forma acontece a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis de Campo Grande, MS, torna-se central a discussão sobre os termos que norteiam este estudo. Com a intenção de construir um quadro teórico que orientasse e fundamentasse a pesquisa, procedemos a uma revisão de literatura para a construção da definição destes conceitos.

A compreensão sobre o termo “profissionalidade” tem sido tratada por diversos autores como Lüdke e Boing (2004), Monteiro (2010), Ramalho, Nunes e Gauthier (2003), Roldão (2005), Sacristán (1999), entre outros. Grande parte da utilização dos termos tem sido vinculada diretamente à atividade docente, porém, sua origem se deu dentro da área da sociologia. Inicialmente o termo foi utilizado na Itália, *profissionalità*, ligada às lutas sindicais contra as organizações capitalistas do trabalho nas décadas de 1960 e 1970 (MONTEIRO, 2010, p. 6). No Brasil o termo foi introduzido pela “(...) via francesa associada às instabilidades e ambiguidades do trabalho em períodos neoliberais, sendo utilizada como uma evolução da ideia de qualificação” (BOURDONCLE, 1991 *apud* LÜDKE e BOING, 2004, p. 1173).

Dentre as definições encontradas podemos notar que há uma relação direta entre os aspectos do exercício prático profissional atrelados às questões de formação e de desenvolvimento da profissionalidade. Ou seja, a profissionalidade só será desenvolvida quando em contato com a prática profissional; não há profissionalidade isenta de vínculo com a experiência profissional. No caso do regente de coros, a profissionalidade se dará junto aos grupos corais em que este possa, porventura, atuar. Como há uma grande diversidade de tipos de coros (infantil, juvenil, terceira idade, entre outros), todo o desenvolvimento da profissionalidade, profissionalização e, também a identidade profissional se dará de maneira distinta em cada profissional, dependendo, diretamente de seu ambiente de atuação.

Em linhas gerais, é possível perceber que o termo “profissionalidade” é tratado de maneira semelhante por diversos autores em seus estudos: o conjunto de saberes mobilizados, adquiridos e atualizados pelo sujeito no exercício de sua profissão, que acabam por caracterizá-la e distingui-la das demais.

Monteiro (2010), por exemplo, define profissionalidade como o perfil global de uma profissão, ou seja, tudo que faz com que esta seja distinta de outros grupos profissionais com suas características específicas (MONTEIRO, 2010, p. 8). Esta visão global nos traz o reconhecimento de que há uma série de fatores envolvidos na constituição da profissionalidade. Ramalho, Nunes e Gauthier (2003 *apud* Gatti 2010, p. 1360) corroboram e aprofundam esta visão ao defender que está atribuído à profissionalidade o conjunto de características de uma profissão, que enfeixam a racionalização dos conhecimentos e saberes necessários ao exercício profissional, ou seja, da junção de todos os conhecimentos e saberes. Na mesma linha de raciocínio, Rocha (2012), afirma que a profissionalidade é “(...) a racionalização dos saberes e habilidades utilizadas no exercício profissional, manifestada, em termos de competência de um dado grupo, que expressam elementos da profissionalização” (ROCHA, 2012, p. 6).

Este conjunto de destrezas essenciais para a caracterização de uma profissão só poderá ser evidenciado ao analisar o profissional em sua prática cotidiana, uma vez que este conjunto de fatores só é efetivado durante a ação, ou seja, no exercício da profissão.

Monteiro (2010), em sua linha de pensamento, define a profissionalidade por níveis de importância profissional e de acordo com a relevância da profissão para a sociedade. Para o autor, são fatores principais que definem os níveis da profissionalidade: valor de serviço – relevância dos saberes profissionais para as

pessoas e para a sociedade; conteúdo identitário – saberes, valores e qualidades que distinguem uma profissão e seus profissionais; autonomia profissional – independência e responsabilidade a partir das quais a profissão pode ser individualmente exercida e coletivamente gerida; estatuto profissional e social – influência e prestígio da profissão. Em sua definição o autor também apresenta o termo como sendo um “*continuum*” cujas variáveis principais são o valor de serviço (utilidade e eticidade) e seu estatuto (profissional e social).

Ao compreender que o desenvolvimento da profissionalidade se dá da junção do exercício profissional com os conhecimentos prévios, somados às transformações ocorridas durante a imersão profissional, fica nítido que este é um processo contínuo, caminhando com o passar dos anos de experiência. Tardif e Faucher (2011) corroboram esta ideia ao entender que ela se constrói de maneira progressiva e contínua, baseia-se no desenvolvimento de competências e da identidade profissional, inicia-se na profissionalização e prolonga-se ao longo de toda a carreira, sendo, por isso, um processo que permite aos profissionais apropriarem-se das práticas, da cultura e dos valores da profissão (TARDIF e FAUCHER *apud* MORGADO, 2011, p. 797).

Dialogando com esta perspectiva, Moita (2013) trabalha com a ideia de identidade profissional, apresentando-a como um processo que atravessa toda a vida profissional, desde a escolha pela profissão, tipo de formação inicial, até os espaços onde a profissão acontece. É possível perceber uma conexão entre este conceito e a visão de Roldão (2005) sobre a profissionalidade, entendendo-a como um conjunto de atributos, socialmente construídos, que permitem distinguir uma profissão de outros muitos tipos de atividades, igualmente relevantes ou valiosas. É um modo específico como o profissional sabe conduzir e mobilizar seus conhecimentos para a sua função específica profissional (ROLDÃO, 2005, p. 108). Sendo um modo específico como cada profissional conduz seus conhecimentos isso torna a profissionalidade uma característica identitária, pois será construída diante das condições de cada profissional. Moita (2013) completa e amplia esta concepção ao afirmar que a identidade profissional vai sendo desenhada não apenas da relação com as questões intraprofissionais, mas também com as interações que vão se estabelecendo entre o universo profissional e outros universos socioculturais (MOITA, 2013, p. 116).

Como tratado até agora, o termo profissionalidade nos traz a relação com diversos outros conceitos em torno do desenvolvimento de uma profissão. Teixeira *et al.* (2010) apresentam, em seu trabalho sobre profissionalidade, uma definição bastante

semelhante a dos outros autores anteriormente citados. Tal compreensão do conceito é construída a partir da convergência do pensamento de autores como Libâneo (2000), Contreras (2002), Bazzo (2007) e Zabazande (2004) que conceituam o termo como um conjunto de saberes, habilidades, hábitos e valores constituintes do que há de específico em dada profissão (TEIXEIRA *et al.*, 2010, p. 3). Uma contribuição para o entendimento da questão é apresentada por Teixeira et al. (2010) ao fazer uma diferenciação entre profissionalidade e profissionalização, já que estes também são termos inter-relacionados, como apresentado, no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Diferenciação entre profissionalidade e profissionalização.

Profissionalidade	Profissionalização
Competências, habilidades, atitudes, saberes desenvolvidos ao longo da profissionalização	Processo onde se insere a profissionalidade
Saberes que evoluem e se resignificam no exercício da profissão	Busca incessante por uma identidade ou perfil profissional
Instável, construída progressivamente em contextos específicos.	Processo de aquisição de capacidades: Formação + valores + aptidão + atitude + valores + formas de trabalho, que vão se constituindo no exercício da profissão.
Especialidade de cada profissão	Expressão por uma posição social e ocupacional
Relacionada à construção identitária – capacidade criadora	Tipo determinado de relações sociais de produção e processo de trabalho

Fonte: Quadro elaborado a partir de Teixeira *et al.* (2010, p. 3).

É possível perceber, portanto, que a profissionalidade está mais ligada aos saberes mobilizados no exercício da profissão, enquanto que a profissionalização trata do processo em que a profissionalidade é construída, Teixeira e Leal (2012), com base no diálogo estabelecido entre as concepções de Libâneo (2000), Veiga (2002), Brezezinski (2002), Lessard e Tardif (2003), corroboram e sustentam este entendimento ao afirmar que a profissionalidade se refere diretamente às competências (habilidades, atitudes e saberes) desenvolvidas ao longo do processo de profissionalização.

Portanto a profissionalidade é instável, uma vez que se constrói progressivamente em contextos específicos. Ela se constrói do que é específico em cada profissão e se constitui historicamente a partir das habilidades, destrezas e valores que se incorporam e materializam nas práticas profissionais.

Face ao cenário vivenciado em Campo Grande – MS, onde não há um curso técnico e/ou superior específico para a formação de regentes, é cabível questionar como

tem sido construída e materializada a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis. Neste sentido, a pesquisa pretende investigar quais são os aspectos que caracterizam sua iniciação na profissão, bem como o processo de amadurecimento deste profissional em contato com a realidade dos coros infanto-juvenis. Busca-se, portanto, compreender melhor as especificidades de sua prática profissional durante a inserção no mercado de trabalho, na tentativa de promover e possibilitar um debate que contribua para as reflexões e práticas de formação e capacitação deste profissional.

Na próxima seção será tratada a profissionalidade docente, com o objetivo de aproximar as semelhanças da atividade do docente com a prática profissional do regente de coros infanto-juvenis.

1.2 Profissionalidade docente

Ao proceder ao levantamento de literatura acerca da profissionalidade e da profissionalização, destacaram-se os trabalhos que se debruçaram sobre estes conceitos relacionando-os com a prática docente. Desta forma, apresentamos aqui algumas destas reflexões partindo do pressuposto que a compreensão sobre como se constitui a profissionalidade docente poderá trazer alguns elementos que nos auxiliem no exercício de delinear e compreender as características existentes da profissionalidade do regente, visto que, muitas vezes, sua atuação pode confundir-se, ou até mesmo, tornar-se uma atividade de docência (tema que será mais detalhado na seção que segue).

Pretende-se destacar aqui quais são os elementos determinantes para o desenvolvimento de uma profissionalidade docente que contribua para que o indivíduo possa **atuar com tranquilidade e segurança** em sua iniciação no percurso profissional. A fase de inserção e adaptação do docente em seu ambiente de trabalho é de extrema importância, pois pode ser determinante para a permanência, ou não, na profissão. Huberman ao tratar da entrada na carreira docente, nos apresenta aspectos relacionados ao “choque do real”, situação que traz ao docente a “confrontação inicial com a complexidade da situação profissional”:

O tatear constante, a preocupação consigo próprio, a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e a transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com os alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc.(HUBERMAN, 2013, p. 39).

Tal situação pode ser pensada do ponto de vista da iniciação do regente de coros infanto-juvenis, uma vez que suas experiências formativas, em geral, envolvem a lida com coros adultos e já iniciados musicalmente. Desta forma, ao encontrar crianças e adolescentes que, paralelamente à prática coral serão iniciados no universo musical, o regente se defronta também com uma realidade diferente daquela idealmente abordada em seu processo formativo, e precisa inserir-se numa relação pedagógica com seus coralistas – para além das dificuldades em encontrar material adequado a esta faixa-etária.

Para Lima (2007), o “(...) choque com a realidade (expressão cunhada por Veenman) configura-se como a diferença encontrada pelos professores entre a idealização da realidade e a realidade tal qual agora vivencia pessoalmente na inserção profissional” (Lima *et al.*, 2007, p. 5). Estes aspectos podem significar a permanência ou o afastamento da profissão, a busca por novas descobertas ou a frustração por não encontrar novos caminhos de ação para a prática de ensino. Segundo Huberman (2013) “o aspecto da sobrevivência e o da descoberta são vividos em paralelo” e são contrabalanceados e dependentes um do outro, “o segundo permite aguentar o primeiro” (HUBERMAN, 2013, p. 39). Ao finalizar essa fase inicial, os professores - e, em paralelo, os regentes - entrariam em uma fase de estabilização profissional, onde o docente passaria a se sentir, de certa forma mais seguro de suas ações, lhe dando maiores condições de “liberdade” ou de “emancipação” como Huberman complementa. Com relação às questões pedagógicas, a estabilização profissional “precede ligeiramente ou acompanha um sentimento de competência pedagógica crescente” proporcionando maior confiança nas ações do professor (HUBERMAN, 2013, p. 40). O autor ainda apresenta outras fases características da construção do ciclo de vida profissional do docente, porém, não trataremos aqui por não serem foco desta pesquisa.

O desenvolvimento da profissionalidade dependerá de vários fatores e, no caso dos professores, Popkewitz (1986) afirma depender de três contextos distintos, além de ter de ser analisada dentro de um contexto histórico onde se encerram as relações sociais. Para o autor, diferentes contextos podem gerar diferentes formas de profissionalidade. As três formas de contexto da profissionalidade docente apresentadas pelo autor são: 1) contexto pedagógico - ligado às práticas pedagógicas, funções dos professores; 2) contexto profissional - comportamento profissional e social, ligados às

ideologias, crenças e rotinas profissionais; 3) contexto sociocultural - valores e conteúdos considerados importantes (POPKEWITZ, *apud* SACRISTÀN, 1999, p. 65).

Rocha (2012), ao referir-se às ideias de Popkewitz, complementa dizendo que a profissionalidade docente se constitui a partir da interação desses três contextos distintos: *o pedagógico*, formado pelas práticas e que define as funções relacionadas aos professores; *o profissional*, responsável pelos saberes técnicos que legitimam as práticas; e *o sócio-cultural*, que relaciona os valores e conteúdos compreendidos como importantes. Para Rocha (2012), a profissionalidade docente nada mais é que a constituição do ser professor. A autora prossegue afirmando que a profissionalidade resulta de uma construção baseada no exercício profissional (ROCHA, 2012, p. 6).

Considerando que a formação da profissionalidade está diretamente ligada à prática docente, é relevante a análise completa das ações, relações e inter-relações construídas no espaço de exercício profissional para que assim seja possível uma compreensão mais adequada de acordo com as condições reais existentes na profissão. Para que esta análise possa ser feita de maneira mais adequada, também podemos considerar o conceito de Contreras (2002), entendendo que, (...) “a profissionalidade se refere às qualidades dos professores em função das exigências do trabalho educativo”, e, deve-se considerar, além da descrição do desempenho do ato de ensinar, os valores e pretensões que almeja desenvolver na profissão (CONTRERAS, 2002, *apud* HOBOLD, 2006, p. 2).

Teixeira e Leal (2012) consideram que os saberes da profissão constituem a profissionalidade docente, além de afirmarem que a mesma é desenvolvida na junção da formação inicial, incluindo as trocas de experiências realizadas durante o processo, e a prática diária no exercício da profissão:

Saberes pedagógicos são aqueles que provêm da formação docente e do exercício da docência e dizem respeito às habilidades, conhecimentos e atitudes mobilizados como respostas às situações do cotidiano escolar. Desde os elementos pré-processo de ensino, como as ações de pesquisar e planejar, por exemplo, aos elementos presentes no ato de ensinar – gerir uma classe, interagir verbalmente, mediar didaticamente os conteúdos, etc. – e pós-processo de ensino – avaliar, replanejar – os saberes pedagógicos são estruturantes da profissão. Ou seja, sem eles não há como exercer a docência. E como eles se constituem e desenvolvem? Bem, podemos dizer que se desenvolvem principalmente no exercício da profissão, mas antes disso, na socialização profissional que começa com o curso de graduação. É nessa esfera que os estudantes de licenciatura devem ter por ofício a descoberta, construção e desenvolvimento desses saberes (TEIXEIRA e LEAL, 2012, p. 4).

É possível estabelecer um paralelo com a aquisição da profissionalidade por parte dos regentes: como elementos “pré-ensaio”, o regente precisa pesquisar repertório e planejar o ensaio; além disso, o regente, à semelhança do professor, também precisa gerir o grupo, interagindo verbalmente e mediando didaticamente conteúdos e intenções musicais; num constante processo de auto-avaliação, avaliação do grupo e replanejamento das ações.

Pensando na docência, Sacristán (1999) compreende a profissionalidade como o que é específico da ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor (SACRISTÀN, 1999, p. 35). Para o autor, a compreensão da profissionalidade leva em conta o ensino como prática social, onde acontece uma interação entre professores e alunos, e que também refletem a cultura e os contextos sociais a que pertencem. Sendo assim, a profissionalidade seria um processo em que a própria experiência cultural do professor torna-se determinante (SACRISTÀN, 1999, p. 67). Neste pensamento fica claro que a profissionalidade dependerá da junção da identidade de cada professor, seus valores e crenças, com seus conhecimentos teóricos, sua maneira de interação com os colegas de profissão e seus alunos, assim como o desenvolvimento de sua experiência educativa.

É claro que, da mesma forma, o canto-coral também pode ser entendido como prática social, envolvendo a interação do universo cultural e social do regente e de seus cantores. Dessa forma, a profissionalidade do regente envolverá uma destreza especial que auxilie a explorar positivamente este encontro, construindo uma experiência cultural e socialmente enriquecedora para ambos os lados. E esta destreza é construída ao longo da experiência profissional, no contato com diversos grupos em contextos distintos.

Pires (2015) apresenta o conceito de “profissionalidade emergente” ao tratar do professor de música. A profissionalidade emergente do professor de música seria a capacidade de um indivíduo ingressar no meio profissional e mobilizar suas competências, gestos profissionais específicos de sua profissão. É aquilo que é específico na ação do professor de música, ou seja, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, atitudes e valores que emerge no espaço de interação entre a Universidade e as escolas de educação básica (PIRES, 2015, p. 40 e 41). Em sua análise, a autora identificou não apenas uma diversidade de contextos de atuação dos professores de música, mas também uma diversidade com relação aos tipos de

formações dadas aos docentes de música no Estado de Minas Gerais. Uma das diferenciações apresentadas pela autora a partir do campo empírico por ela investigado nos mostra o profissional “professor de educação musical” e o profissional “educador musical”, ambos destinados à atuação em escolas de educação básica, porém, segundo a autora, suas formações são distintas:

No caso da formação do “*professor de educação musical*” são enfatizados os conhecimentos específicos da linguagem musical centrados na formação instrumental, enquanto na formação do “*educador musical*”, enfatizam-se os conhecimentos teórico-práticos e ressalta os conhecimentos dos fundamentos teóricos musicais (PIRES, 2015, p.265).

Desta maneira, a autora enfatiza que são encontradas duas profissões distintas para um mesmo espaço de atuação profissional (PIRES, 2015, p. 265). Será que com relação aos regentes corais também não encontraremos profissões distintas, tendo em vista que os profissionais atuantes, muitas vezes, podem apresentar formações distintas, além de lidar com faixas etárias e espaços de atuação também distintos?

No texto de Morgado (2011), é apresentado pelo autor a relação de 3 pilares como elementos formadores da profissão docente, e que deverão ser analisados durante a construção da profissão do regente de coros:

- Competências profissionais
- Cultura profissional
- Identidade profissional

No que se refere às competências, Morgado (2011) as entende como um corpo do saber profissional que se consubstancia essencialmente na ação de ensinar. É o culminar de um complexo processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional, que vai se desenvolvendo e se (re) construindo ao longo da carreira, e que congrega dimensões de índole pessoal e relacional, sendo ainda condicionado por fatores de ordem contextual (MORGADO, 2011, p. 797). Sacristàn (1999) entende a competência do professor como uma ferramenta para a utilização do conhecimento e da experiência docente para seu próprio desenvolvimento em contextos pedagógicos práticos preexistentes (SACRISTÀN, 1999, p. 74), ou seja, seria a capacidade crítica de o professor enxergar e observar as necessidades de transformações, envolvendo todo contexto profissional, e agir sobre as necessidades de intervenções.

Referindo-se à identidade profissional, Morgado (2011) utiliza o sentido de ser o conjunto de características próprias e exclusivas de cada indivíduo, diferenciando-os de seus semelhantes e também de outros grupos e identificando-o como pertencente de um determinado grupo profissional. Este é um processo de construção que é realizado a partir das relações estabelecidas juntamente aos seus pares de profissão (MORGADO, 2011, p. 798). Ou seja, a construção de uma identidade profissional não se dá de forma isolada, ela depende das inter-relações e interações entre os profissionais de seu ambiente de trabalho, assim como com seus pares de profissão.

O conceito de profissionalidade docente foi sendo transformado durante o passar do tempo. De acordo com Morgado (2007), até os anos 1970 os professores possuíam uma função meramente de transmissão de conhecimento, o que fragilizava a profissão. Aos poucos os professores passaram a ter a necessidade de dominar conhecimentos além de sua área específica, passando a assumir novas responsabilidades e um papel ativo na construção do conhecimento do aluno. Atualmente, notamos a necessidade de um professor capaz de dialogar e auxiliar na construção dos conhecimentos do aprendiz, respeitando a realidade que o estudante vivencia e estimulando, cada vez mais, um olhar crítico com relação às condições sociais (MORGADO, 2007, p. 65). Esta relação com as transformações da educação são tratadas aqui como a cultura profissional.

Recuperando a ideia trazida por Pires (2015), a profissão de regente pode envolver “profissionalidades distintas”, ora aproximando-se mais do professor cujo objetivo principal é ensinar música utilizando o canto coral como ferramenta, ora do regente que, para conduzir a cada vez melhores níveis de execução musical incorpora a função docente para trabalhar questões e técnicas musicais cada vez mais específicas. É possível, a partir destas questões, pensar que a cultura profissional do regente dialoga e se aproxima da do professor em diferentes níveis, a depender dos contextos e objetivos que se assume para o grupo no qual este se insere.

Para Roldão (2005) o papel docente na atualidade deve levar em consideração que, na função de ensinar, devemos fazer aprender alguma coisa a alguém. É preciso colaborar para a construção da organização do pensamento do aprendiz, para que possa ser capaz de realizar análises que permitam construir sentidos e, assim, ter uma leitura da informação e organização de significados que a transformem em saberes utilizáveis e comunicáveis, ou seja “encontrar formas de ensinar bem, fazer com que o outro aprenda, apreenda, aproprie alguma coisa que se considera ser importante ser aprendido” (ROLDÃO, 2004, p. 100).

Toda essa discussão é apresentada por ela para demonstrar que a profissionalidade docente depende desta mobilização refletida e ajustada de saberes prévios que resultará na emergência do saber específico da profissão docente. A profissão nasce do exercício da dialética saberes/situações que o ato de ensinar envolve (ROLDÃO, 2004, p. 102). Para Sacristàn (1999), a profissionalidade depende de uma consciência progressiva sobre a prática docente, sem desvalorizar os conhecimentos teóricos, e complementa: (...) “a prática surge como ideia-força condutora da formação inicial e permanente dos professores” (SACRISTÀN, 1999, p. 78).

Como muitas das vezes os regentes corais enfrentam um grupo diferente do ideal vivenciado em seu processo formativo, muitas vezes a necessidade de assumir uma função docente apareça de maneira mais consistente na emergência da prática, levando o profissional a ajustar seus saberes e estratégias prévios. Parafraseando Sacristàn, a prática, neste caso, também será uma ideia-força condutora desta formação permanente dos regentes ao longo de seu exercício profissional, que pode tornar-se progressivamente consciente com o passar do tempo.

Compreendemos aqui a importância da experiência profissional na construção da profissionalidade docente. Tal profissionalidade dependerá dos saberes e competências desenvolvidos pelos professores durante sua formação inicial e continuada, somadas às vivências de sua prática na sala de aula, e, também dos contextos ou ambientes profissionais em que está inserido, tendo a necessidade de ser construída e reconstruída de acordo com as mudanças sociais e interculturais ao longo do tempo. Entendemos que é essencial a reflexão para que seja possível a identificação das familiaridades docentes nas ações dos regentes para que possamos compreender melhor como se dá a formação de sua profissionalidade e, assim, possamos refletir sobre as ações necessárias para que este profissional possa se construir de maneira mais segura, fortalecendo sua atuação profissional. Para aprofundar esta ideia, serão apresentadas na próxima seção algumas características, relatadas na literatura, que aproximam as condições profissionais dos regentes de coros com os aspectos educativos inerentes à prática docente.

1.3 Profissionalidade e profissionalização do regente de coros

A partir das reflexões expostas anteriormente, optamos, neste trabalho, por considerar as características da profissionalidade docente como base para caracterização

da profissionalidade do regente de coros, compreendendo-o, também, como um educador. . Isto se dá, em primeiro lugar, pelas pesquisas em torno da profissionalidade docente se mostrarem bastante sólidas, possibilitando que sejam tomadas teórico e metodologicamente como referências para a realização deste trabalho. Além disso, esta possibilidade também se justifica pelo fato de já existir, na literatura, aproximações das funções destes profissionais com o ato de ensinar, como apresentado pelos autores Clemente (2014), D'Assumpção (2011), Figueiredo (1990), Franchini (2014), Ramos (2003), Junker (2013), Rasslan (2013), entre outros.

Price e Byo dão força a este argumento ao afirmar que “(...) tudo o que está envolvido com ensaio e regência pode ser caracterizado através de um paradigma de ensino” (PRICE; BYO *apud* FIGUEIREDO, 2005, p. 367). Nesta direção, também Rasslan (2013), em sua tese de doutorado, apresenta a importância que os Painéis Funarte de Regência Coral⁷ deram à questão educativa inerente a esta atividade, principalmente por, em suas últimas edições, terem sido incluídas discussões sobre a relação canto coral e educação musical. Além de ressaltar, no âmbito dos Painéis, da necessidade de formação de regentes com perfil para atuarem frente como educadores nos coros do país (RASSLAN, 2013, p.58).

Com relação à formação musical Rocha (2004) atenta para importância do desenvolvimento do regente desde sua infância. O contato com a música desde a infância possibilitaria uma vivência musical podendo contribuir diretamente na musicalidade. Para o autor, isso fará diferença na atuação do regente enquanto profissional. Outro item apresentado por ele é com relação ao conhecimento de instrumentos de tecla, sendo considerado extremamente necessário juntamente aos aspectos teóricos da música. A percepção musical é considerada importante como meio de treinamento auditivo. O autor também apresenta que o regente deve contar com uma sólida formação cultural, envolvendo aspectos históricos, filosóficos e éticos (ROCHA, 2004, p. 21).

Junker (2013) corrobora ampliando a discussão sobre os conhecimentos necessários ao educador musical, onde os considera como sendo algo implícito na atividade do regente. Ao ter a função de promover o desenvolvimento da percepção musical, os conhecimentos de teoria musical, história da música, harmonia, análise,

⁷ Os Painéis Corais tem por objetivo aperfeiçoar e difundir a prática do canto coral; Estimular a criação de obras para coros, beneficiando diretamente os compositores e os corais e, indiretamente, o público; Difundir o repertório coral brasileiro, no país e no exterior.
(In <http://www.funarte.gov.br/acessoainformacao/cemus-paineis-funarte-de-regencia-coral-2/>)

formas musicais e contraponto, não cabe ao regente ter domínio sobre as temáticas educativas também? (JUNKER, 2013, p. 23).

Ou seja, a articulação de todos estes conhecimentos, apresentados pelos autores, com a realidade de seus coros, fará com que seja caracterizada a profissionalidade do regente, ao passo que sua busca contínua por conhecimento e sua maneira de atuar nos mostrará os caminhos de sua profissionalização. Rocha (2014), ao relatar sobre a atuação do regente em coros amadores, acrescenta que (...) “cabe ao regente adequar seus métodos à realidade e aos anseios do grupo” (ROCHA, 2004, p. 99), e, desta necessidade de adaptação serão encontradas diferentes formas de profissionalização.

Então, ao observar os conceitos em torno da profissionalização e da profissionalidade docente encontramos alguns aspectos que são facilmente identificados na ação do regente coral. Para Junker (2013) “(...) todo regente carrega consigo a tarefa de agir como educador musical nas diversas atividades que desempenha enquanto profissional, sejam ensaios, apresentações, concertos, seminários, festivais, etc” (JUNKER, 2013, p. 21).

O contexto pedagógico se faz presente durante a atividade coral, uma vez que o papel do regente assemelha-se ao papel de um professor. Ao analisar os aspectos apresentados por Teixeira e Leal (2012) com relação à profissionalidade docente e comparar com a literatura sobre a atividade de regência podemos notar algumas semelhanças com relação às ações educativas desempenhadas pelo regente coral. Segundo Junker (2013), o regente frequentemente assume o papel de professor, e para que o processo de ensino aconteça adequadamente é necessário que ele tenha conhecimento profundo sobre processo de ensino-aprendizagem e didática de ensino (JUNKER, 2013, p. 99). Moreira (2015) corrobora do fato de o regente ter a função educativa. Em sua tese de doutorado, apresenta o conceito de regente-educador: um profissional que necessita ter “o conhecimento técnico-musical do regente e paralelamente, suas ações enquanto líder de um processo educacional cujos resultados são obtidos em grupo” (MOREIRA, 2015, p. 91).

Entendemos que é essencial para a realização de um bom trabalho de ensaio coral que o regente pesquise sempre, planeje bem e avalie suas ações assim como levantado por Figueiredo (1990) quando diz: “(...) cada etapa de um ensaio deve ser cuidadosamente planejada e avaliada”. Também encontramos semelhanças entre a profissionalidade docente e a profissionalidade do regente no aspecto de gerência de um grupo. O regente precisa ter a capacidade de gerir seu grupo e interagir verbalmente,

para que assim possa mediar didaticamente o ensino musical (FIGUEIREDO,1990, p. 13). Estes aspectos são semelhantes na ação de um docente.

Ao tratar sobre a categoria “regente educador” o autor D’Assumpção (2011) evidencia com maior veemência a proximidade entre a ação educativa e o ato da regência. Para ele, esse é o perfil do regente que atua em escolas que atendem crianças e adolescentes, responsável por mediar o processo de aprendizagem do conteúdo musical aliado a uma formação de cidadãos críticos e éticos (D’Assumpção, 2011, p. 4). Ainda tratando das funções educativas do regente, este autor afirma ser necessária a articulação dos conhecimentos musicais às práticas pedagógicas:

O regente-educador precisa estar consciente da sua condição de liderança visando o crescimento do coral, das pessoas individualmente e de si próprio. Ao se valer de habilidades e competências técnicas relacionadas à questão musical, propriamente dita, ao seu preparo pedagógico e à sua capacidade de gerenciamento, não somente consolida tal liderança, mas, sobretudo, estabelece recursos para produzir uma atividade baseada na qualidade técnico-musical associada às preocupações pedagógicas que todo educador deve possuir em relação aos seus educandos. (D’ASSUMPÇÃO, 2011, p. 7)

Considerando a relevância da atividade coral como atividade educativa é evidente que, para sua realização, haja a necessidade de um profissional qualificado. Figueiredo (1990) já levantava a questão sobre a realização de tal atividade por profissionais sem formação na área: “(...) há regentes cuja única formação é a experiência de cantar em coral: após alguns anos de prática como cantor, assumem a liderança do grupo”. Para o autor, o fato de existir certa diversidade no perfil do regente pode trazer uma ideia errada sobre a prática coral. Segundo ele, o fato dos grupos corais apresentarem uma heterogeneidade de integrantes deveria estimular a formação mais cuidadosa dos regentes, porém não é o que se constata (FIGUEIREDO, 1990, p. 2).

O alerta do pesquisador foi feito nos anos 1990 e, no entanto, podemos notar na pesquisa de Clemente (2014) que tal situação ainda é atual. Alguns dos entrevistados por ela apontaram ter iniciado suas atividades como regentes sem mesmo ter formação específica em regência, onde, da experiência prática surgiu a necessidade de ampliação dos estudos na área da música. Vale ressaltar que os entrevistados por ela já possuíam algum contato com a música, ou como cantores de corais, ou como estudantes de instrumentos (CLEMENTE, 2014, p. 65). Ou seja, é comum observar regentes iniciando sua experiência profissional antes de ter uma habilitação na área e, de acordo com as

necessidades de sua prática, eles têm buscado uma formação ou complementação de seus conhecimentos.

Nesta direção Junker (2013), comenta o porquê da realização da atividade por profissionais sem qualificação:

Em várias localidades brasileiras, se veem casos de regentes que atuam porque “em terra de cego quem tem um olho é rei”. Sabe-se que não é culpa da pessoa que está nessa situação. Porém, ela precisa frequentar cursos e atividades para reciclar-se e conscientizar-se de outros pontos de referência sonoros em relação às áreas trabalhadas em coral, através de uma metodologia devidamente estruturada.

Frequentemente, são vistos em festivais de coros pelo Brasil afora, regentes que possuem apenas a chamada “formação empírica” e o auto-didatismo. Nessas situações, a aprendizagem do regente acontece junto com a dos cantores, sem a mínima preparação acadêmica. Assim, dificilmente acontece um planejamento de atividades, seja longo termo, visando o crescimento musical e geral dos cantores, ou mesmo para as atividades proeminentes. Todos sofrem com esta situação. É imperativo trabalhar a consciência profissional quanto à formação acadêmica adequada para atuar como regente e educador musical em nossa sociedade hoje em dia. (JUNKER, 2013, p. 94)

Junker aponta em seu discurso um problema com relação à falta de formação acadêmica de muitos regentes atuantes no país. Independentemente da formação do regente estar vinculada a cursos de graduação ou não, é necessário ao profissional uma busca por qualificação e conhecimento em torno da atividade coral, para que assim, sua ação seja a mais adequada e cuidadosa possível enquanto educador musical.

Ao apontar a função do regente coral semelhante à de um professor, Figueiredo (1990) reforça a importância de conhecimento do processo de ensino e aprendizagem musical, onde a necessidade de um profissional habilitado ao exercício da profissão torna-se essencial. Este preparo permite que o regente esteja pronto para **agir em qualquer tipo de adversidade** que possa surgir durante suas aulas/ensaios: “(...) uma preparação cuidadosa do ensaio promoverá maior segurança, mesmo diante de situações imprevistas” (FIGUEIREDO, 1990, p. 6). E ainda contribui:

Não importa se o coral quer ser profissional ou amador, se quer cantar na Igreja ou na indústria. O importante é tornar a atividade coral algo mais produtivo qualitativamente, que possa ser desenvolvida em vários níveis atendendo a diferentes objetivos, cumprindo uma função educacional. (FIGUEIREDO, 1990, p. 17).

Compreendendo que a essência do trabalho do regente coral envolve, também, um processo educativo, independente de seu contexto (coral amador ou profissional),

pretende-se aqui levantar quais aspectos têm caracterizado a construção da profissionalidade do regente coral em Campo Grande, MS, visto que a inserção inicial em qualquer carreira traz consigo certas inseguranças. Para Junker (2013), no caso do regente coral, uma das dificuldades se deve ao fato dos profissionais “(...) não terem resolvido, no início de suas carreiras, o medo no exercício da regência. Medo este que pode ter causa numa preparação insuficiente para estar à frente de um coro, tanto de ponto de vista musical quanto administrativo” (JUNKER, 2013, p. 102).

No Brasil, o perfil dos profissionais atuantes como regentes é bem variado, contando com profissionais com formação superior específica em regência, profissionais formados em graduações em música com habilitação em instrumento ou canto, profissionais licenciados em música e, ainda, alguns profissionais atuando com formação em outros contextos além da universidade, como cursos técnicos e conservatórios de música, por exemplo.

Considerando a atividade coral como um excelente meio de proporcionar o acesso a processos de educação musical, é de extrema importância a ampliação de um olhar sobre as necessidades dos regentes de coros, aqui em especial os regentes de coros infanto-juvenis, evidenciando aspectos de sua profissionalidade, para assim, fortalecer ações que possam contribuir para a formação de novos regentes estruturando e preparando-os para sua atuação.

No capítulo II que se segue, apresentaremos os recursos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, na tentativa de compreender a profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis e sua relação com seus contextos de atuação em Campo Grande - MS.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa visa compreender as características da construção profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis em Campo Grande – MS a partir da iniciação profissional. Nesta perspectiva, a metodologia escolhida para a consecução deste objetivo foi a realização de uma investigação qualitativa por meio do estudo de casos múltiplos. A abordagem qualitativa, segundo Godoy (1995), parte de questões ou focos de interesses amplos que vão se tornando mais direto e específico no transcorrer da investigação. Para isto, são consideradas as informações sobre os ambientes em que os regentes de coros infanto-juvenis estão inseridos, o tipo de público que é atendido por eles, assim como as reais necessidades de sua prática profissional. Estes aspectos serão delimitados a partir do contato do pesquisador com o pesquisado, levando em consideração todo o contexto em que sua atividade de regente tem sido realizada.

Segundo este autor, essa é a melhor maneira para captar os dados da realidade, realizando o contato direto do pesquisador com o pesquisado permitindo, assim, que o pesquisador coloque-se no papel do outro, vendo o mundo pela visão dos pesquisados (GODOY, 1995, p. 58). Ou seja, a partir de um estudo qualitativo, pretende-se compreender de que maneiras os regentes têm se (re)configurado (e, por conseguinte, sua profissionalidade) durante a sua iniciação profissional, em contato direto com a realidade encontrada nos coros em que têm atuado.

A partir das considerações de Silva e Menezes (2001) esta proposta é caracterizada como uma pesquisa básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, e assim, ampliar as discussões sobre os conhecimentos necessários para sua formação, e, ainda, estimular a criação de propostas auxiliares para a inserção deste profissional no mercado de trabalho local, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Seguindo as definições de Silva e Menezes (2001) e também Gil (2002), esta pesquisa tem ainda um caráter descritivo explicativo, pois, uma vez que visa descrever as características de determinada população (regentes de coros infanto-juvenis de Campo Grande), o estabelecimento de relações entre variáveis (formação inicial e continuada do regente) e contexto de trabalho (escola de música, projetos sociais, escolas de educação básica, Igrejas, entre outros), busca aprofundar o conhecimento da realidade procurando explicar o porquê do material encontrado (SILVA e MENEZES,

2001, p. 21) e, também, levantar opiniões, crenças e atitudes destes profissionais (GIL, 2002, p. 42).

2.1 O estudo de caso

A partir da escolha da pesquisa qualitativa, optamos pelo estudo de caso como metodologia para a orientação da coleta de dados. Este método é utilizado com o intuito de compreender fenômenos sociais complexos, permitindo uma investigação capaz de preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real (YIN, 2005, p.20). O estudo de caso baseia-se no conhecimento empírico e investiga os fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto da vida real (YIN, 2005, p.32).

Para o autor, a utilização do estudo de caso tem um diferencial: a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações, possibilitando, assim, que o fenômeno seja compreendido de uma maneira mais próxima de sua totalidade (YIN, 2005, p.26). Desta maneira, será possível uma visão mais ampla sobre as características da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis na cidade de Campo Grande, embora estejamos cientes de que o material empírico represente apenas uma parcela do real.

O estudo de caso é um método de pesquisa abrangente, sendo considerada a construção do planejamento, as técnicas de coletas de dados, assim como, a análise dos dados coletados (YIN, 2005, p.33). O autor afirma que o estudo de caso tem a vantagem de reunir várias fontes de evidências, sendo beneficiado pela união de proposições teóricas com o intuito de conduzir a coleta e a análise dos dados (YIN, 2005, p.33). Para isso, partimos da observação do campo empírico sobre a atividade dos regentes corais somada e comparada com os dados coletados durante o processo de revisão de literatura para embasar e orientar a construção da etapa de coleta e análise de dados.

Uma aproximação inicial da problemática sobre a atividade profissional do regente fez-se necessária para comprovar as evidências visualizadas a partir do campo empírico. Para isso realizamos um estudo piloto feito via *chats* virtuais, solicitando para alguns regentes: que descrevessem de que forma se deu o início de sua atuação em coros infanto-juvenis, que relatassem se houve alguma insegurança neste momento da inserção na profissão e como fizeram para superar e solucionar as dificuldades

encontradas durante o exercício profissional. De maneira geral, esta ação permitiu a identificação de regentes de coros infanto-juvenis na cidade em questão, bem como sua disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, contribuindo para a posterior seleção dos sujeitos participantes ou, como nos fala Yin (2005), a “triagem dos possíveis estudos de caso”.

Estes dados foram apresentados no capítulo 3, de forma dialogada com os dados coletados a partir da revisão de literatura e será tratado no subitem 3.1.

O estudo de caso pode ser único, semelhante a um experimento único, ou múltiplo, semelhante a experimentos múltiplos, ou seja, de maneira que possa ser “reaplicado”. Para esta pesquisa utilizaremos o estudo de casos múltiplos por compreender o contexto de trabalho de cada regente investigado de maneira diferenciada, onde cada ambiente de atuação profissional torna-se único, capaz de revelar a grande diversidade de fatores envolvidos na profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis. Esta multiplicidade torna-se, desta forma, um importante meio para identificar os fatores primordiais e essenciais para a formação geral deste profissional, que poderá vir a atuar em diversos tipos de espaços profissionais.

A partir do estudo de casos múltiplos é possível realizar contestações, aproximações e evidenciar os contrastes entre os casos, permitindo assim, uma visão ampla dos fenômenos e uma compreensão mais segura do estudo realizado.

A realização deste estudo de caso utiliza como guia os procedimentos indicados por Robert Yin (2005):

1. Protocolo de estudo de caso;
2. Triagem dos possíveis estudos de caso;
3. Condução de um estudo de caso piloto.

O protocolo de estudo de caso é visto pelo autor como um fator capaz de aumentar a confiabilidade da pesquisa e serve para orientar o pesquisador na execução da coleta de dados. Deve conter uma visão geral do projeto do estudo, quais os procedimentos serão realizados, questões do estudo e guia para o relatório de estudo (YIN, 2005, p. 94).

Segundo Yin (2005), a triagem dos possíveis casos para a realização dos estudos deve ser quantitativa, com o objetivo selecionar os candidatos relevantes para a coleta de dados posterior (YIN, 2005, p.103). Portanto, o tipo de coleta de dados escolhida para esta etapa foi a realização de um levantamento com intuito de visualizar a situação geral profissional dos regentes de coros em Campo Grande e, assim, identificar quais os

regentes estão na fase de início do exercício profissional atuando em coros infanto-juvenis. Portanto, foi elaborado e aplicado um questionário para os regentes de Coros de Campo Grande por meio de um questionário virtual, disponibilizado pelo site do *googledrive* com o objetivo de mapear e compreender as características gerais de formação dos regentes de coros existentes na região. O questionário foi disponibilizado pelo endereço virtual https://docs.google.com/forms/d/1SZEeErhV1oV-7JnkcIWuDdbTJGhfale_fpRbkzMBuNc/edit. Estes são dados que complementam a técnica de estudo de caso, ampliam a variedade de evidências (documentos, artefatos, entrevistas e observações) (YIN, 2005, p.27).

O questionário, segundo Marconi e Lakatos (2012), é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Ainda, segundo os autores, o questionário apresenta uma série de vantagens como: economia de tempo, atinge maior número de pessoas, obtêm respostas mais rápidas e precisas, maior liberdade nas respostas, segurança pela pessoa não precisar ser identificada, menor risco de distorção pelo pesquisador, entre outros aspectos; (MARCONI e LAKATOS, 2012, p. 86).

Desta forma, foram elaboradas 20 questões, sendo 13 objetivas com possibilidade de especificação no caso de as alternativas não contemplarem o pensamento do regente, 6 questões subjetivas; e 1 campo para que os regentes disponibilizassem um e-mail para contato posterior. O questionário completo encontra-se no anexo A deste trabalho. A análise dos dados coletadas por meio deste instrumento será apresentada no item 3.1 do capítulo 3 deste trabalho.

A partir dos dados obtidos no levantamento, foram escolhidos, no total, 5 regentes para a etapa de realização de entrevistas, fontes essenciais de informações para o estudo de caso (YIN, 2005, p.116). O autor afirma ser necessário que sejam feitas, na elaboração da entrevista, questões reais de maneira não tendenciosa e para o atendimento da investigação de maneira adequada. Também é importante que o pesquisador tenha o cuidado de não colocar o entrevistado em situações constrangedoras, para que assim seja possível uma coleta mais aproximada da realidade. Para isso é aconselhado que as questões iniciadas com “por que” sejam substituídas por “como” na intenção de deixar o entrevistado mais à vontade para apresentar suas próprias interpretações de certos acontecimentos.

As entrevistas do estudo de caso exigem que você aja em dois níveis ao mesmo tempo: satisfazendo as necessidades de sua linha de investigação enquanto, de forma simultânea, passe adiante questões mais “amigáveis” e não “ameaçadoras” em suas entrevistas espontâneas. (YIN, 2013, p.117)

Esta forma de entrevista é chamada de pesquisa espontânea podendo ser agregada a outro formato de pesquisa chamado de pesquisa focada, onde a entrevista ocorre em um curto período de tempo, por volta de uma hora, porém, caracterizada ainda, como uma conversa informal guiada por um protocolo de estudo de caso (YIN, 2013, p. 118), onde as perguntas são originadas de um planejamento prévio, cuidadosamente elaborado de acordo com os objetivos a serem investigados. Optamos pela escolha da entrevista focada para a realização deste estudo de caso.

O protocolo de pesquisa, assim como as questões guias, tanto do levantamento como das entrevistas e o termo de consentimento livre e esclarecido para a realização da coleta de dados, encontram-se no anexo B onde são apresentados os objetivos de cada questão base para a realização da entrevista, a carta de apresentação aos entrevistados e o termo de consentimento livre e esclarecido formatados a partir dos procedimentos técnicos indicados pelo autor Robert K. Yin.

Para a realização da entrevista foram selecionados inicialmente, a partir do questionário, 4 regentes que satisfizeram os seguintes critérios: afirmaram atuar em coros infanto-juvenis em Campo Grande – MS, estando nos anos iniciais de profissão, em diversos tipos de espaços como escolas, ONGs e Instituição que fornece atividades em diversas áreas para o trabalhador do comércio de bens e serviços, desde lazer, saúde, esportes e cultura e que não fossem formados em faculdades específicas de regência pois o intuito da pesquisa é avaliar como estes profissionais sem formação direcionada à área de regência tem se constituído como profissionais no contato com o mercado.

Vale ressaltar que optamos por ampliar o tempo considerado “fase inicial” da profissão de regente de coros infanto-juvenis de 5 anos, tempo apontado por Hubermann(2013, p.39) como fase crucial para a permanência na atividade docente, para 10 anos, por compreendermos algumas diferenças entre campo profissional do professor de escolas regulares, que atuam 20 ou 40 horas dentro de um mesmo espaço profissional, e os regentes estudados, que atuam 1 ou 2 horas por semana com 2 ou 3 grupos corais, em diversos espaços educativos, ampliando assim o tempo para a ambientação no exercício profissional.

Por meio do questionário foi possível identificar os regentes atuantes em Campo Grande e, facilitar o contato por meio de ferramentas virtuais de comunicação, como

correio eletrônico e mídias sociais, auxiliando no agendamento das entrevistas. Outros dois profissionais que não participaram do primeiro levantamento, mas que se encontram em fase inicial da profissão, foram consultados e convidados para participar da fase de entrevistas, porém apenas um aceitou o convite e foi incluído no processo. Portanto fechamos a seleção em 5 sujeitos de pesquisa. O agendamento das entrevistas foi realizado do dia 10 a 20 de abril e as entrevistas foram feitas entre os dias 23 a 30 de abril de 2016. Para a entrevista acontecer de maneira tranquila e de forma a inibir o mínimo possível o entrevistado, optamos por deixar o local ser escolhido por eles. Três dos participantes da pesquisa optaram por efetuar a entrevista em suas residências e apenas um optou pela coleta em seu ambiente de trabalho, uma escola municipal da cidade.

Um dos entrevistados mudou-se recentemente para outra cidade e optamos por, ainda assim, manter sua participação na coleta de dados, visto que toda sua inserção profissional, como regente de coros, aconteceu na cidade de Campo Grande. Para a realização dessa entrevista, em especial, utilizamos o sistema de comunicação virtual, por vídeo chamada no programa *SKYPE*.

Com a autorização dos membros participantes dessa etapa da pesquisa foi realizada a gravação de todo o processo, pois a gravação fornece uma expressão mais acurada de qualquer entrevista (YIN, 2005, p.119). As entrevistas tiveram duração, em média, de 70 minutos. Todas as coletas partiram das questões prévias elaboradas inicialmente, porém, conforme o andamento de cada entrevistado foram feitas adaptações para que os objetivos elencados no protocolo pudessem ser alcançados.

Pudemos notar certa insegurança dos participantes no início da coleta de dados, situação que foi sendo quebrada e transformada com o decorrer das questões apresentadas. Alguns dos participantes tiveram maior facilidade em comunicar as informações que estavam sendo solicitadas, outros resistiam, porém, a reconstrução das questões ao longo do processo permitiram maior proximidade com o objetivo inicial.

Após a finalização desta etapa iniciou-se o processo de transcrição de todo o material coletado. Para isso, utilizamos *Software* livre *Express Scribe* disponível em diversos *links* virtuais, como, por exemplo, <http://www.nch.com.au/scribe/>. Este programa permite diminuir a velocidade de reprodução do áudio, retornar ou avançar rapidamente e em pequenos espaços o som da gravação, permitindo que a transcrição seja feita de maneira mais segura, diminuindo a chance de compreensão equivocada do material

coletado. Também é possível escrever o texto no próprio programa utilizando atalhos do teclado do computador tornando o processo da transcrição mais ágil como um todo.

Ao finalizar as transcrições foram realizadas as primeiras análises do material, caso a caso. Desta investigação inicial foi elaborado um texto guia com as informações levantadas com cada um dos regentes com o intuito de facilitar a construção posterior de categorias de análise. O processo de construção dessas categorias, juntamente com sua descrição será apresentado no capítulo 4.

A apresentação da análise dos dados será feita seguindo uma estrutura descritiva no intuito de organizar o estudo de caso e as informações coletadas (YIN, 2005, p.142). Este procedimento auxiliará na identificação da diversidade de fatores que podem influenciar diretamente na construção da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis na cidade de Campo Grande - MS.

CAPÍTULO 3 - OBSERVAÇÕES INICIAIS DO CAMPO EMPÍRICO: DIALOGANDO COM A LITERATURA

Este capítulo destina-se a realizar a aproximação do campo empírico sobre a área de regência coral em diálogo com a literatura produzida a respeito da atuação dos regentes corais. A partir de dados obtidos em conversas em *chats* virtuais com alguns profissionais, solicitamos a descrição de sua inserção profissional e quais as inseguranças e dificuldades de sua experiência nesta etapa de sua profissão.

Tais aproximações nos permitiram um “reconhecimento do terreno”, levantando aspectos do cenário profissional em Campo Grande – MS, possibilitando a escolha dos sujeitos que seriam tomados como fontes desta investigação e orientando a construção das entrevistas em diálogo com o referencial da profissionalidade.

3.1 Entre a literatura e a realidade profissional dos regentes de coros em Campo Grande – primeiras aproximações

Os regentes que participaram desta primeira aproximação são colegas de trabalho⁸ que, por muitas vezes, procuraram-me para pedir auxílio na escolha de repertório, atividades e conhecimentos gerais em torno da prática coral.

A insegurança diante da atuação profissional pode ser notada na fala da Regente A:

Não sei se sou a pessoa indicada para trabalhar com coro infanto-juvenil, não sei se sigo o caminho certo. Sempre tive várias inseguranças: repertório, aquecimento, técnica vocal. Se eu errar com a voz de meus alunos? Eu não sei se me encontrei no trabalho com coral, eu ainda prefiro trabalhar com instrumento. Eu nunca soube se as vozes estavam prontas, tudo era meio tentativa e erro, isso me deixava aflita. Não sabia o que fazer quando tinha um aluno desafinado, ou que não alcançava as notas (Regente A⁹).

A insegurança apresentada pela regente se dá pelo fato de não ter tido uma formação específica direcionada à prática coral infanto-juvenil. Podemos notar que o trabalho desenvolvido pelo regente A foi baseado em seu esforço e boa vontade em ampliar seus conhecimentos para tentar melhorar sua prática profissional, assim como alertado por Figueiredo (1989):

⁸ Os discursos apresentados tiveram o consentimento para a utilização nesta pesquisa. Por questões éticas os participantes desta etapa serão denominados como Regente A, Regente B e Regente C.

⁹ Depoimento coletado via chat no dia 17 de maio de 2015.

Talento e boa vontade tem sido os principais fatores que sustentam a atividade coral no Brasil, e por isso ela se encontra frágil e inconsistente. Os bons trabalhos tendem a desaparecer porque dependem de pessoas singulares que são exceção. Na medida em que se sustentar a prática coral em bases mais sólidas, o problema estará minimizado e parcialmente sob controle. Dessa forma, antes de se realizar uma prática casual, estará se concretizando uma atividade efetivamente útil e significativa. (FIGUEIREDO, 1989, p. 77).

No depoimento do Regente B¹⁰, percebemos que sua inserção no universo musical foi feita desde a infância. Este regente afirma ter tido momentos inesquecíveis de aprendizagem musical que contribuíram para sua constituição enquanto musicista e professora de música. Sua inserção no mercado como regente coral infantil se deu quando tinha apenas 18 anos, em sua Igreja. Em seu trabalho, contou com o auxílio de sua irmã, que já possuía uma prática com a regência coral. Afirmou que o prazer e o amor em trabalhar com crianças foi o que facilitou a execução de seu trabalho. Também pôde complementar seu conhecimento quando participou de um Coral da Universidade, mas, ainda assim, afirma que seu aprendizado partiu, basicamente, de seu esforço pessoal, procurando participar continuamente de cursos e oficinas ofertados na área de musicalização infantil e coro infantil, além de estar sempre pesquisando nos livros e observando a prática dos profissionais com os quais teve contato durante todo seu processo de inserção na atividade.

O Regente C¹¹, por sua vez, afirmou ter tido muitas dificuldades em sua inserção no mercado de trabalho, principalmente pela falta de experiência e, assim, se perguntava: “como deveria ser uma aula de canto coral, qual a preparação vocal para crianças”? As dúvidas existiam já que os cursos que havia participado focavam o trabalho para coros adultos e, na faculdade, as aulas que trabalhavam o canto também focavam o coro adulto: “Eram muitas dúvidas e, no primeiro mês, infelizmente, eu não tive uma boa didática”.

Ao relacionar sua atividade frente ao coral com a ação didática, e chamar o ensaio de aula de “canto coral”, o regente C apresenta sua compreensão do coral como um trabalho de ensino e aprendizagem. Assim é possível aproximar sua visão à de Figueiredo (2005) quando diz que “(...) as relações entre a atividade do regente e a atividade do professor de música se fundem em diversos momentos das práticas

¹⁰ Depoimento coletado via chat no dia 18 de maio de 2015.

¹¹ Depoimento coletado via chat no dia 18 de maio de 2015.

musicais e educacionais” (FIGUEIREDO, 2005, p. 367). A busca do regente em compreender melhor como atuar foi realizada com colegas mais experientes que puderam compartilhar materiais destinados às crianças, permitindo montar um repertório e, assim, construir a sua forma de atuação como regente coral. Passou a investir em cursos e capacitações sempre que era ofertado em sua cidade, ampliando seu conhecimento e influenciando diretamente sua prática, tornando suas aulas/ensaios mais fluentes a cada dia.

Estas primeiras conversas com os regentes A, B e C, trouxeram à tona questões que já vem sendo abordadas pelas pesquisas realizadas dentro desta temática: deficiências (ou carências) da formação inicial – especialmente no que diz respeito ao diálogo com a realidade; a insegurança oriunda destas carências; e a função de educador musical assumida pelos regentes diante dos diversos contextos com os quais eles travam contato.

Percebemos, ainda, que a formação dos profissionais, muitas vezes, tem se construído em sua prática diária, durante a atuação como regente de coros. Clemente (2014) apresentou resultados de entrevistas realizadas com regentes atuantes em três coros universitários de Santa Catarina, onde constatou uma relação direta entre a prática de regência e a formação do regente.

Alguns entrevistados por ela apontaram ter iniciado suas atividades como regentes sem mesmo ter formação específica em regência, da mesma maneira que as regentes B e C apresentadas acima. Da experiência prática surgiu a necessidade de ampliação dos estudos na área da música, formatando e moldando o profissional conforme suas experiências práticas somadas aos estudos.

Vale ressaltar que os entrevistados já possuíam algum contato com a música: ou como cantores de corais, ou como estudantes de instrumentos. É interessante observar que a prática fez emergir o interesse pela formação musical, e, em alguns casos, a busca pelo ensino superior. Um dos entrevistados por Clemente (2014) primeiramente cursou o bacharelado em regência e depois sentiu a necessidade de complementação de sua formação com uma licenciatura: “A licenciatura parece ter sido um marco na sua atuação profissional no que se refere aos processos de educação musical que envolvem os grupos por ele liderados” (CLEMENTE, 2014, p.65).

Utsunomiya (2011) constatou, em um comentário da regente Silmara Drezza, que durante sua formação não foram contemplados aspectos cognitivos e de desenvolvimento motor da criança, assuntos imprescindíveis para a sua atuação

profissional. Silmara destacou que suas “habilidades” foram adquiridas em sua prática, contando com erros e acertos, onde em cada erro tentava moldar suas ações para melhorar a aprendizagem dos alunos (UTSUNOMIYA, 2011 p. 87). Portanto, mesmo que o regente de coros amadores inicie suas atividades sem ter uma formação específica para atuar na área de coral, é notória a busca por conhecimento com o intuito de emprega-lo em seus ensaios/aulas, entendendo, assim como Grings (2011), o ensaio como um momento de proporcionar o processo de ensino e aprendizagem musical (GRINGS, 2011, p. 27). Isso é o que tem garantido o crescimento profissional dos regentes e uma maior segurança nas escolhas de suas atitudes também como educador musical.

Apontando a problemática sobre a formação do regente coral, Ramos (2003), ao analisar o discurso de seus alunos quando em contato com a realidade durante o exercício profissional, pôde perceber a dificuldade de articulação dos conhecimentos adquiridos durante a formação em regência e a atuação profissional:

Foi conversando em sala de aula com meus alunos que fui percebendo o que ocorria: eles passavam o tempo todo do curso regendo um coro de músicos, regendo obras complexas, que desafiavam sua percepção harmônica e polifônica, sua performance rítmica e expressiva, seu domínio de aspectos às vezes indicados da História da Música, mas ao deixar a escola, eles se encontravam com uma realidade onde muitos desses aspectos eram quase inúteis, frente a uma situação em que a educação musical é negligenciada. O canto coral, embora amado pela população, e com grande mercado de trabalho, é uma área com pouquíssimos Coros profissionais. Meus alunos estavam sendo preparados para serem bons regentes de coros de músicos, mas não sabiam trabalhar com coros de leigos. Era preciso ensiná-los a trabalhar também em uma realidade mais dura, para que eles não se sentissem frustrados e conseqüentemente desencorajados ao se lançar no mercado de trabalho. E também prepara-los para transformar essa realidade. (RAMOS, 2003, p. 12).

Desta observação podemos inferir que há a necessidade de uma análise da importância do contato com a realidade profissional na formação dos regentes atuantes em coros em nosso país. Esta reflexão é de extrema importância principalmente quando falamos no trabalho de regentes como propiciadores do processo educativo musical.

A função do regente diretamente vinculada às atribuições de um educador tem sido retratada por diversos autores. Figueiredo (2005) afirma que o regente é um propiciador de um processo coletivo de aprendizagem tendo por objetivo a realização artística. O canto coral é considerado como uma das atividades com grande facilidade

de agregar pessoas, desenvolvendo aspectos de cooperação nos participantes envolvidos.

Autores como Costa (2009), Figueiredo (1989), Ramos (2007) e, Schimiti (2003) têm tratado desta temática em suas publicações. Segundo Robison e Winold (1976 *apud* FIGUEIREDO, 2005) “(...) cantar em coral significa também participar de uma experiência social”, tendo assim, a capacidade de desenvolver um sentimento de comunidade. Figueiredo (2005) complementa dizendo que cantar em grupo amplia uma série de habilidades que são desenvolvidas no indivíduo onde o regente torna-se o propiciador de um processo coletivo de aprendizagem musical. Schimiti (2003) corrobora afirmando que o coro oportuniza a construção coletiva do fazer musical por meio do corpo. Barreto (1970), por sua vez, ressalta que o ensino do canto em grupo vai além da habilidade de entoação de canções, melhorando a noção de solidariedade, ampliando a relação interpessoal, ensinando a agir e, assim, torna o participante consciente de ser parte de um todo num conjunto organizado em favor do fazer musical (BARRETO, *apud* LEMOS, 2004, p. 2).

As habilidades citadas acima exigem que o regente possua grande diversidade de conhecimentos que transitam além do puro conhecimento musical. Isso nos mostra o quão abrangente pode ser a prática dessa atividade, nos alertando sobre o amplo leque de conhecimentos diretamente atribuídos à função do regente.

Schimiti (2003), afirma que “(...) a atividade coral, principalmente quando direcionada à faixa etária infantil ou infanto-juvenil requer um direcionamento de estudo, por parte do líder que estará à frente do grupo” (SCHIMITI, 2003, p. 2). Costa (2009) concorda dizendo que “(...) o regente dedicado ao coro, e, sobretudo ao coro juvenil precisa se armar de diversas estratégias para obter sucesso junto aos adolescentes na atividade” (COSTA, 2009, p. 64). As questões específicas de coro infanto-juvenil são apresentadas com tamanha importância pelas autoras por ser uma atividade que exige conhecimentos específicos, por parte do regente, por conta das especificidades da faixa-etária atendida.

Outras habilidades são levantadas como sendo essenciais para a atuação do regente, unindo a capacidade de liderança, conhecimentos que tangem psicologia, sociologia, história e pedagogia, somadas a todos os conhecimentos técnicos e estéticos da música, à especificidade dos aspectos pedagógicos do ensino musical, além de amplo conhecimento na área de fisiologia da voz de acordo com cada faixa etária que está

direcionado o ensino (FRANCHINI, 2014; GRINGS, 2011; MOREIRA e RAMOS, 2014; UTSUNOMIYA, 2011).

Franchini (2014), em sua dissertação de mestrado, apresentou um quadro contendo os saberes necessários aos regentes corais. A partir do levantamento de literatura a autora estabeleceu uma relação com a proposta teórica de Tardif (2012). Essa relação apresentada pela pesquisadora nos permite visualizar quão complexa e importante é a atividade de regência coral, principalmente quando ligada às práticas educativas. Os saberes são apresentados separados em intrínsecos e extrínsecos à atividade musical. São saberes intrínsecos à música: educação musical, gestual de regência, percepção musical/treinamento auditivo, solfejo, análise musical, harmonia, contraponto, leitura musical, história da música, mudança vocal e técnica vocal. E os saberes extrínsecos à música: pedagogia, didática, motivação, liderança, clareza dos objetivos, clareza na expressão de pensamentos e ideias, afetividade/paciência/compreensão, talento, planejamento/organização (FRANCHINI, 2014, p. 52).

O conjunto de saberes apresentados por Franchini ressalta a importância de um cuidado mais intenso com a formação dos profissionais que pretendem atuar na área de canto coral. Utsunomiya (2011) aponta que o regente precisa ter domínio de conhecimentos da área de gestão, tanto financeira como de pessoas, pois, em alguns casos, o regente acumula mais essa função frente ao coral. A autora levanta uma preocupação com a formação dada pelos cursos superiores no país: “(...) será que os cursos superiores no Brasil estão atendendo de modo suficiente o preparo profissional do aluno que assumirá um grupo coral na realidade brasileira?” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 87). Moreira e Ramos (2014, p. 7) corroboram a mesma ideia quando dizem entender a atuação do regente coral como uma soma de conhecimentos da área musical aos conhecimentos de procedimentos administrativos, de empreendedorismo e sobre relações humanas para assim ser capaz de atender às necessidades do coro no contexto onde ele se insere. Tendo em vista a atuação em coros infanto-juvenis torna-se necessário e de extrema relevância os conhecimentos pedagógicos, destacando questões relativas ao ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes.

Porém, como a reflexão sobre tal problemática tem sido tratada? Para Teixeira (2009), “(...) não é comum entre os regentes a reflexão sobre a prática coral como meio para a educação musical” principalmente pelo fato da formação do regente ser muito voltada às questões técnico-musicais e estético musicais (TEIXEIRA, 2009, p. 189). A

autora, quando trata da formação dos bacharéis em regência, apresenta certa preocupação, pois considera que o repertório estudado por eles tem sido fundamentado em uma tradição europeia de canto coral, o que poderia dificultar a compreensão e o acolhimento das diferentes experiências musicais de seus cantores e, assim, poderia reduzir a troca de experiências musicais entre regente e corista.

Ainda afirma que “(...) a escolha de uma linguagem musical mais próxima dos cantores e do público talvez possa representar um caminho menos curto para se alcançar um ensino-aprendizagem mais significativo e efetivo” (TEIXEIRA, 2009, p. 202).

Tendo em vista a grande necessidade de habilidades e funções do regente enquanto músico e professor de música e, compreendendo a importância deste profissional para o processo de educação musical dos coristas, faz-se necessária uma análise mais delineada sobre sua atuação possibilitando ampla discussão e reflexão sobre as ações didático-pedagógicas e musicais que possam ser facilitadoras no desenvolvimento de sua atuação profissional.

É possível, nesta esteira, salientar a extrema relevância do fomento de um pensamento crítico reflexivo sobre as possibilidades de ações do regente também como um educador. A partir destas discussões, procuramos esclarecer as problemáticas envolvidas durante a profissionalização do regente de coros. Isto permitirá a ampliação do conhecimento sobre o tema e poderá auxiliar na adaptação e adequação às diferentes realidades, possibilitando uma inserção profissional mais condizente com a diversidade de coros infanto-juvenis, como mostra Franchini:

Os regentes corais atuam em uma diversidade de contextos, com indivíduos de diferentes faixas etárias e diferentes classes sociais, o que torna necessária essa mudança de comportamento do líder para que possa se adequar a cada situação, trazendo resultados satisfatórios tanto no desenvolvimento da atividade musical, quanto na relação entre regente e coro. (FRANCHINI, 2014, p. 50)

A literatura indica que ainda não há um número significativo de cursos voltados à formação do regente tendo em vista sua atuação, também, como educador. Infere-se, pois, que as pesquisas têm indicado uma demanda por um profissional específico, qual seja, um regente cuja formação contemple também as habilidades de professor de música, uma vez que este lidará, grande parte das vezes, com um público ainda não familiarizado com a linguagem musical.

Clemente (2014), ao considerar os autores Barrios e De La Torre (2002), levanta a ideia de que “(...) a adaptação à realidade contextual é essencial, pois uma mesma

estratégia pode não funcionar em ambientes diferentes” (CLEMENTE, 2014, p. 42). Grings (2011), ao falar sobre o ensino de regência do professor de música na região Sul do Brasil, concluiu que a existência de uma licenciatura em música com ênfase em regência ou regência coral poderia ser uma alternativa capaz de preparar os regentes para a atuação com grupos corais em diversos contextos educacionais e sociais. Em seu levantamento, encontrou apenas três instituições na região Sul com cursos para a formação de regentes e constatou que estes não suprem a demanda por profissionais (GRINGS, 2011, p. 116).

A partir disso é possível questionar: diante deste cenário em relação à formação técnica e/ou superior, como os regentes têm se capacitado para sua atuação em diversos tipos de coros e com diferentes tipos de público alvo? E, ainda, como estes regentes têm relacionado seus conhecimentos com sua prática profissional?

Rasslan (2013) contribui mostrando que os conteúdos, assim como o conhecimento necessário à atividade de “regente educador”, podem nos auxiliar a compreender o diagnóstico da situação da cultura no Brasil, assim como articular as necessidades dos processos e produtos com a população (RASSLAN, 2013, p. 36).

Para Del Ben (2001), a educação musical tem se desenvolvido como área de conhecimento acadêmico científico, mas ainda não vem sendo baseada nos dados provenientes das realidades de ensino. A autora afirma que há a necessidade de investigar o mundo concreto e cotidiano das práticas escolares dos professores de música para então poder encontrar possíveis propriedades do campo de conhecimento em Educação Musical (DEL BEN, 2001, p. 72). Esperidião (2012, p. 104) nos diz que ainda estamos em processo de construção do campo científico em Educação Musical, da profissão e também da identidade profissional do educador musical. Estes fatores estão relacionados tanto em processo de construção individual como coletiva pelos sujeitos, instituições e pelas entidades implicadas neste campo. A autora afirma que, na ação de ensinar, os professores não só mobilizam saberes, mas constroem novos saberes que emergem da experiência. Ela atenta, ainda, para a necessidade de que as licenciaturas considerem estes aspectos, articulando e discutindo os saberes do cotidiano dos educadores musicais. (ESPERIDIÃO, 2012, p. 106).

Desta reflexão podemos inferir a mesma utilidade em ampliar o conhecimento sobre a realidade vivenciada pelo regente coral tendo em vista as demandas do campo educativo. O diálogo desta realidade com as individualidades e com os percursos formativos dos regentes corais poderão nos embasar para a criação de estratégias que

possam contribuir para a formação – inicial e continuada – dos regentes de coros infanto-juvenis, na tentativa de diminuirmos as fragilidades profissionais encontradas. Isso pode ser aclarado nas palavras de Koellreuter (1997), quando este se refere à profissão do educador musical:

(...) a situação do ensino musical entre nós carece, em primeiro lugar, de uma análise e, talvez, de uma reflexão com respeito às condições sociais do país. Poucos são os que, ao analisar as contradições e conflitos que surgem entre o aprendizado do estudante de música e a realidade profissional, entre a ilusão das ambições artísticas e a adaptação irrefletida às exigências das atividades musicais, tiram conclusões para a reformulação adequada do ensino musical... São poucos os que analisam a realidade social do país e orientam o aluno, elucidando-o, com franqueza e honestidade, sobre a existência ou inexistência de chances profissionais, sobre as possibilidades e impossibilidades da profissão que os esperam. (KOELLREUTRER, 1997, p.39; *apud* BRITO 2001, p. 42).

Deste primeiro contato com o campo empírico, pôde-se perceber que os problemas apontados pela literatura estão também presentes e repercutindo no cotidiano profissional dos regentes de coros em Campo Grande. Neste sentido, e diante deste cenário, a investigação sobre a construção da profissionalidade dos regentes de coros nesta localidade ganha ainda mais relevância, por possibilitar um diálogo posterior com as instâncias formativas da região.

A partir desta coleta de dados inicial, construímos o questionário online a fim de aprofundar estas primeiras impressões delineadas anteriormente. A coleta destes dados permitiu uma melhor caracterização do campo empírico, que será apresentada na seção que se segue.

3.2 Os regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande – MS: características do campo empírico

Com o intuito de coletar maiores informações sobre o universo a ser pesquisado, de caracterizar os sujeitos da pesquisa e, assim, construir um instrumento para selecionar os regentes para a realização do estudo de caso, foi elaborado e aplicado um questionário para os regentes de Coros de Campo Grande conforme apresentado anteriormente.

Os temas abordados no levantamento foram elaborados na tentativa de compreender a especificidade de cada profissional atuante e suas características

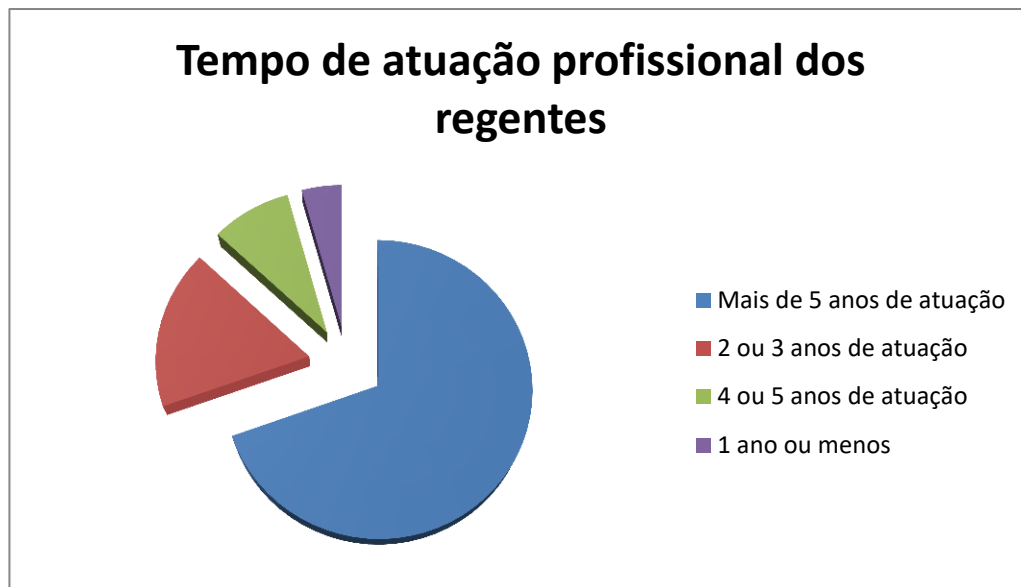
individuais, para posterior seleção dos regentes em fase de iniciação profissional. Para tanto, foram questionados com relação ao tempo de atuação profissional, número de grupos em que atuam, sobre a relação com o início da carreira como regente e suas estratégias de atuação, faixa etária atendida, tipo de instituição, o objetivo do trabalho realizado e se possui outros profissionais auxiliando durante seu exercício profissional.

No que diz respeito à formação musical, foi questionado qual o tipo de formação musical, se teve aulas de regência durante o processo formativo, de que maneira ele visualiza a importância de sua formação em sua atuação profissional, se o profissional se mantém em formação continuada e a importância para a atuação.

O questionário virtual foi publicado nas redes sociais no dia 30 de julho de 2015, compartilhado publicamente em grupos específicos ligados ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e também em mensagens diretamente destinadas aos colegas de profissão. O documento permaneceu disponível *on-line* até dia 08/12/2015, porém, a última resposta obtida foi registrada no dia 19/09/2015. Em dois meses de disponibilidade do documento virtual, 23 pessoas contribuíram com levantamento. Observamos nos dados coletados que alguns regentes iniciaram o processo de participação na pesquisa por duas vezes, e, responderam o questionário por completo apenas uma vez. Optamos por deixar os dados na análise, pois entendemos que a falha do processo faz parte da pesquisa e deve ser retratada tal qual o ocorrido.

A partir das respostas dos participantes notamos que a maior parte dos regentes, possui mais de 5 anos de experiência profissional (69,56%). Todavia, quase um quinto e dos regentes (17,39%) atua entre dois e três anos na área, encontrando-se na fase de iniciação profissional, que segundo Hubermann (2013, p.39) equivale aos primeiros 5 anos de profissão. Além disso, há um menor número de profissionais (4,34%) atuando há menos de um ano, conforme demonstrado no gráfico 1:

Gráfico 1 – Tempo de atuação profissional dos regentes



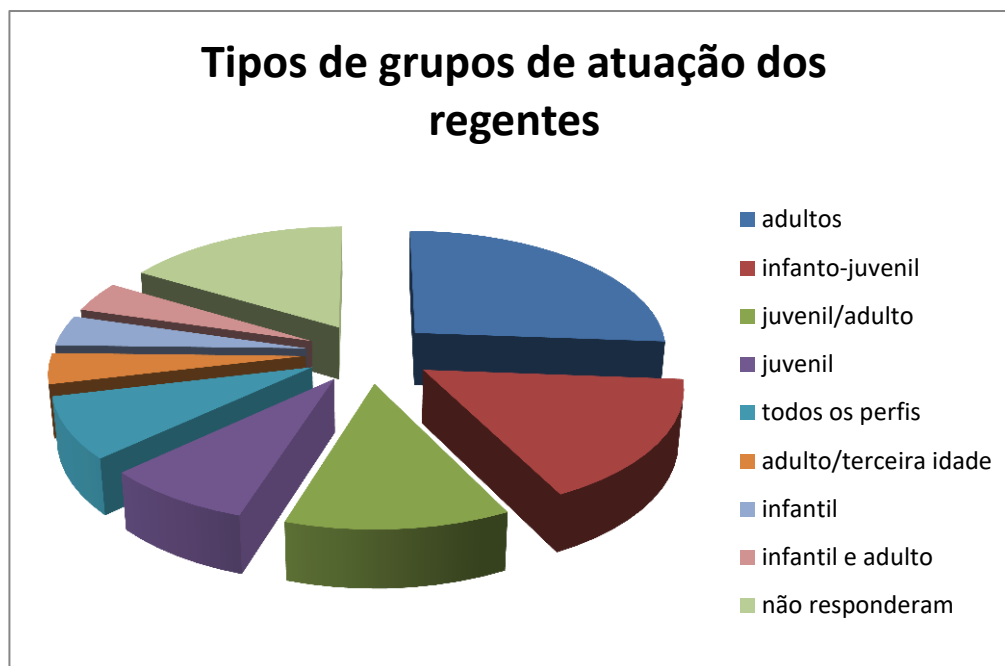
Fonte: levantamento realizado pela autora para esta pesquisa.

Notamos nos dados coletados um equilíbrio entre o número de regentes que tem atuado em um ou dois grupos: 34,78% atuam em apenas um grupo e 30,43% em dois grupos. Os atuantes em três grupos somam 21,73% e em quatro ou mais correspondem a 13,04%. Considerando que o tempo de contato semanal destes profissionais com seus grupos é reduzido, se comparado com os professores do sistema tradicional escolar, a atuação em vários grupos acaba por aumentar a possibilidade do exercício da profissão, assim como suas experiências como regentes. Isto pode influenciar diretamente em sua forma de atuação profissional, ampliando suas experiências práticas já no início de sua carreira.

Com relação ao tipo de grupo em que realizam suas atividades profissionais, há uma grande diversidade no perfil de atuação dos regentes. A maior parte tem trabalhado com coros adultos, porém, conforme o gráfico 2 abaixo, muitos atuam com diferentes faixas etárias, não sendo possível estabelecer uma relação direta entre perfil profissional e grupo atendido. Como então o profissional adapta seus conhecimentos para garantir uma boa realização de seu trabalho? A atuação dos regentes de coros infanto-juvenis não exige conhecimentos específicos para a faixa etária?

Aqui fica evidente a complexidade envolvida no desenvolvimento das características deste profissional, que deve ser capaz de se adaptar em contato direto com as variadas exigências do exercício de sua profissão.

Gráfico 2 – Tipos de grupos de atuação dos regentes



Fonte: levantamento realizado pelo autor para esta pesquisa.

Assim como a diversidade de público atendido pelos regentes, notamos uma grande diversidade com relação aos locais de atuação destes profissionais, exigindo deles, um vasto leque de conhecimentos necessários a cada contexto em que irá realizar suas atividades. Essa diversidade de coros atendidos pelos regentes também foi apresentada por Moreira (2015) de maneira mais abrangente em sua tese de doutorado, onde investigou regentes atuantes em diversas regiões do país e pôde observar que “alguns trabalham com dois ou mais coros”. Essa atuação em coros de características diversificadas exigirá do regente uma capacidade ainda maior de adaptação de seus conhecimentos de acordo com as exigências de cada faixa etária e objetivos dos grupos por ele conduzidos.

No levantamento realizado foram apontados pelos profissionais ambientes de atuação como: instituições de ensino, instituições religiosas, escolas livres de música, projetos sociais, associações, prefeitura, órgãos públicos, grupos vocais, grupos de amigos, entre outros. Os dados encontram-se na Tabela 1:

Tabela 1: Contextos de atuação profissional dos regentes em Campo Grande - MS

Locais de atuação	Nº de respostas em %
instituições de ensino	21,74%
Instituições religiosas	21,74%

Escolas de música	8,69%
Projetos sociais	4,34%
Todos os tipos de instituições citadas acima	8,69%
Grupo de amigos, Associação Campo-grandense de Professores, prefeitura, instituição voltada ao trabalhador do setor comercial, órgãos públicos, grupos vocais e grupos de amigos.	21,74%

Fonte: levantamento realizado pela autora para esta pesquisa.

Os objetivos dos coros em que os regentes trabalham, assim como o contexto em que estão inseridos, possuem distinções. Dentre as alternativas dadas encontramos:

Tabela 2: Objetivos dos coros

Realização de apresentações musicais	20,9%
Sociabilização por meio do canto coral	4,16%
Possibilitar a iniciação musical por meio do canto coral	29,16%
Entretenimento por meio do canto coral	4,16%
Todas as alternativas	4,16%
Outros	16,66%
Não responderam	20,83%

Fonte: levantamento realizado pela autora para esta pesquisa.

É preciso destacar que a alternativa mais assinalada foi a possibilidade de iniciação musical por meio do canto coral. Decorre, daí, a necessidade de um perfil de regente que dialogue intimamente com o do professor de música.

Com a intenção de compreender melhor os objetivos dos coros em que os regentes atuam, a questão possuía as alternativas citadas acima, e, caso o regente não identificasse seu objetivo, poderia acrescentar uma descrição mais adequada ao seu trabalho, utilizando o espaço em branco em frente à alternativa “outros”. Encontramos nos dados objetivos de evangelizar pela música, sensibilização e elevação espiritual por meio da arte. Um regente citou, além da iniciação musical, a ação socioeducativa. Também foi retratada como objetivo a realização de apresentações em hospitais e instituições de caridade, o apoio aos cantores que cantam nas celebrações das igrejas e

bem como o apoio às comunidades que não possuem cantores, geração de qualidade de vida aos funcionários de empresas, e a união de fatores da educação musical atreladas às atividades capazes de aproximar os indivíduos participantes da música.

A questão dos objetivos de um coro é um fator determinante para a construção de uma atividade coral bem fundamentada. Para Moreira (2015), “o regente precisa ter em mente quais são os resultados que espera do coro”, pois somente assim conseguirá delinear um plano de trabalho adequado às propostas de seu grupo (MOREIRA, 2015, p. 112).

Um dos regentes revelou a contradição na definição do objetivo, pois além de seu objetivo como profissional da educação musical, ele também precisa atender os objetivos da instituição:

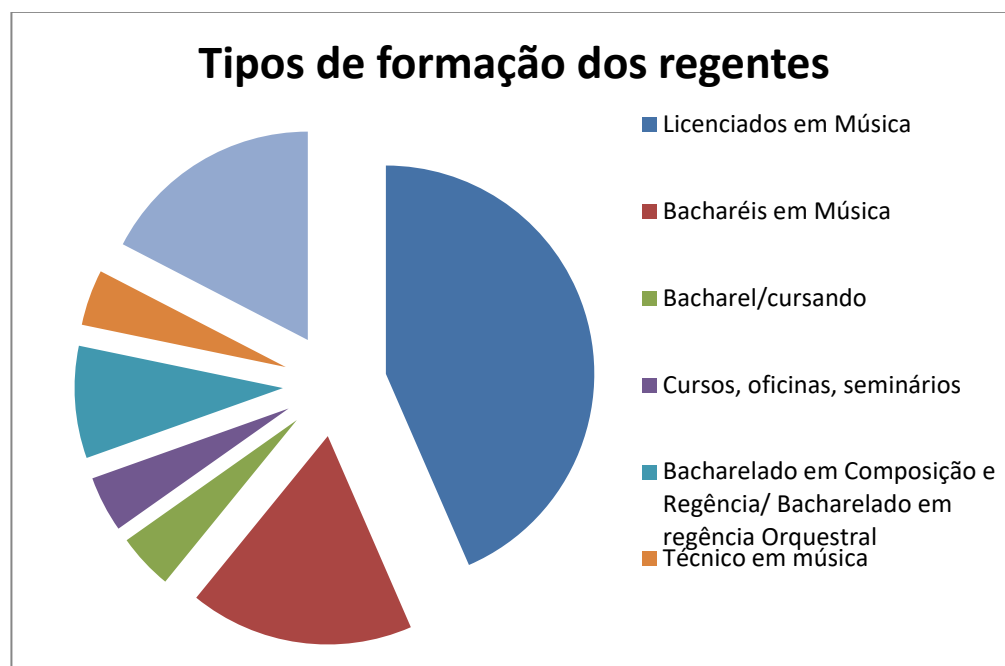
Creio que seja uma mescla dos três primeiros itens... Para a Instituição, penso que o foco maior sejam as apresentações, mas para mim, como profissional, possibilitar a iniciação musical é meu cerne. As apresentações também são importantes, mas precisam refletir o resultado de um trabalho sólido e focado em uma educação musical de qualidade. (Regente 10, 2015).

O discurso mostra claramente a diversidade de formas de pensamento em torno da atividade coral, dependendo do ambiente de atuação profissional em que se encontra o regente e a intenção existente, tanto da instituição quanto do próprio regente. E reforça, mais uma vez, a visão da atividade coral como mediadora de processos de educação musical.

Analisando as respostas dos regentes foi possível perceber que a realização do trabalho se dá individualmente, sem a contribuição de outros profissionais, em grande parte dos casos. A maior parte dos regentes, 60%, têm realizado as atividades dos corais individualmente, enquanto que 13,04% contam com suporte de pianistas, instrumentistas em geral, ou monitores. Esta questão não foi respondida por 26,08% dos colaboradores. Neste aspecto Moreira (2015) destaca ser uma situação comum no país a realização da atividade individualmente, onde, apesar de o canto coral ser, em sua essência, um trabalho em equipe “é prática comum que o regente desempenhe sozinho as diversas funções que o trabalho coral exige” (MOREIRA, 2015, p. 119). Essa situação também foi apresentada pelos regentes participantes da fase de entrevistas desta pesquisa, os dados serão apresentados no capítulo 4.

No que tange à formação musical, notamos que a maioria afirmou possuir formação em música. No entanto, ao questionar o tipo de formação, encontramos novamente, uma grande diversidade existente, o que influencia sobremaneira na construção do perfil dos profissionais.

Gráfico 3 – Tipos de formações dos regentes



Fonte: levantamento realizado pela autora para esta pesquisa.

A maior parte dos profissionais, 43,47%, possui Licenciatura em Música, um resultado que provavelmente está ligado ao fato de existir apenas um curso superior de música, presencial, no Estado de Mato Grosso do Sul, uma Licenciatura ofertada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Há nos dados, regentes que cursaram Bacharelado em música com habilitação em instrumento, 17,40% dos colaboradores da pesquisa. Um dos regentes citou estar cursando o Bacharelado em música (4,34% dos pesquisados). Outro regente afirmou ter sua formação apenas em cursos, oficinas e em seminários de regência. Apenas um dos entrevistados mencionou ter a formação como técnico em música, porém seu percurso formativo foi contínuo, também cursando o bacharelado em música e a licenciatura. A formação específica em regência, bacharelado, foi citada por 8,7% entrevistados, onde foram citados os cursos de Bacharelado em Composição e Regência Orquestral.

Os dados nos mostram um fato previsto pelo conhecimento empírico: a maior parte dos participantes exerce a função de regente sem, necessariamente, ter a formação específica no Bacharelado em regência, curso que se dedica especificamente à formação profissional dos regentes, reafirmando a necessidade de um estudo para observar como os profissionais de regência coral em Campo Grande têm adquirido sua profissionalidade.

Ainda que a formação dos regentes não tenha sido realizada especificamente em um curso destinado à regência, orquestral ou coral, a grande maioria, 86,95%, afirmou ter tido aulas de regência durante seu percurso formativo, muitos deles por mais de quatro semestres. Os demais participantes não responderam esta questão.

Os regentes também foram questionados com relação à formação continuada. A primeira pergunta procurava compreender se os mesmos têm participado de cursos de atualização profissional na área da regência. 65,2% responderam sim, que participam de cursos de atualização; 13,04% não participam de cursos de atualização profissional, e 21,7% não responderam. Dos que afirmaram participar de cursos, 22,22% não se manifestaram quando questionados sobre a frequência de participação; 44,44% participam de cursos semestralmente ou anualmente, demonstrando forte interesse pela busca de conhecimento; 16,66 % afirmaram participar dos cursos de capacitação em regência de acordo com a oferta na região (aqui aguardam as ofertas trazidas para sua cidade de origem); 11,11% frequentam cursos a cada dois anos; e 5,55% dos entrevistados afirmam não ter participado mais de cursos depois da finalização de sua graduação.

Pelos dados coletados é perceptível o interesse dos regentes na manutenção (ou, pode-se dizer em alguns casos, na aquisição) de conhecimentos em torno da prática coral, sendo de extrema relevância a ampliação da oferta de cursos voltados aos profissionais atuantes no mercado. Nos últimos anos, dos cursos ofertados em Campo Grande, Encontro de regentes corais, Painel Funarte de Regência Coral e Seminário de Regência Coral, a maior parte dos pesquisados, 34,78%, buscou a participação em todos. 13,04% participaram de pelo menos 2 cursos, 26,08% participaram de 1 cursos e 4,34% apresentaram outros tipos de cursos em que participaram como Projeto Arsis, coordenado pelo Maestro Vítor Marques Diniz. Do total 21,73% não responderam a questão.

Quando questionados com relação a cursos ofertados fora do Estado de Mato Grosso do Sul houve, de certa forma, certo equilíbrio com relação à participação ou não

dos regentes. 43,47% já tiveram a oportunidade de participar de cursos de regência em outras localidades e 34,78% não participaram de cursos fora do Estado. Mais uma vez 21,73% dos participantes não responderam.

Dos cursos em que os regentes participaram fora do Estado de Mato Grosso do Sul foram citados: Pós-graduação Latu Sensu em Música Brasileira (Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT - Cuiabá - MT), Painéis Funarte de Regência Coral, Reciclagem Centro-Oeste de Regência Coral, Painéis de Regência da FECORS¹², Festival de Campos do Jordão, Projeto Comunicantus, Gran Finale, Festival de Fortaleza, minicursos promovidos pela ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), Festivais de Música de Londrina, Curso de verão da Escola de Música de Brasília, curso em Curitiba e em SP com regentes como Samuel Kerr, Orlando Leite, Eduardo Dias Carvalho, Dorit Kolling, Carlos Alberto Pinto da Fonseca, Curso de Côro Cênico infantil na EMJ- Jundiaí SP, Louvação Curitiba, Regentes do Brasil em São Paulo, Festival Música nas Montanhas em Poços de Caldas em Minas Gerais, Encontro de Regentes de Cuiabá, Encontro de Regentes de Corais Batistas Rio de Janeiro - Seminário Teológico Batista, curso de regência com Alexandre Takahama e Dario Soltelo, curso de regência com Eduardo Lakschevitz, Cursos Internacionais de Regência Coral que foram promovidos pela Oficina Coral do Rio de Janeiro.

Considerando a grande diversidade de cursos apresentados acima, podemos visualizar a busca incessante por conhecimento por parte dos regentes. Questionamos de que maneira os cursos de aperfeiçoamento em regência Coral contribuíram, ou contribuem para a sua atuação dos regentes de coros onde foram apresentadas as diferentes visões dos regentes com relação ao seu aprendizado e a sua importância para a prática profissional. No quadro abaixo apresentamos o resumo dos itens citados:

Quadro 2 - Contribuição dos cursos de aperfeiçoamento na visão dos regentes

Troca de experiência profissional
Reciclagem
Intercâmbio
Atualização
Compartilhamento de conhecimento
Aprendizado para aplicação nos coros
Contribuição para o desenvolvimento da segurança para atuação profissional
Observação

¹² Federação de Coros do Rio Grande do Sul

Adquirir novos conhecimentos, novos conceitos, novas ideias para Técnica vocal.
Renovação e troca de materiais e repertório
Bagagem para compreensão de minha própria atuação, mesmo que adaptando as metodologias de meu contexto de atuação.

Fonte: Dados coletados pela autora para a realização desta pesquisa.

Com a perspectiva de ampliar o conhecimento sobre como tem acontecido a inserção dos regentes corais na prática profissional, foram formuladas questões abertas. Estas questões tiveram o intuito de que os regentes pudessem descrever, de forma individualizada, sua perspectiva sobre o início de sua carreira. As questões propostas foram: Como foi o início de sua atuação como regente de coros? Descreva quais as estratégias desenvolvidas durante sua iniciação profissional.

Dentre as respostas, mais uma vez, encontramos uma grande diversidade de fatores e características que estão presentes na iniciação profissional. Encontramos como característica inicial de contato com o coro a experiência como cantores de coros, correpetidores, regentes auxiliares e, só depois de algum tempo, passaram a atuar como regentes. Encontramos também dados de regentes que iniciaram sua atuação apenas com os conhecimentos básicos musicais (nenhum deles citou a compreensão sobre o que são os conhecimentos básicos em música). Também foi verificada a inserção profissional por meio da participação de projeto ligado diretamente ao curso superior de música. Alguns regentes iniciaram a atividade profissional na tentativa de resgatar, reativar corais já existentes, outros iniciaram o contato com a regência em cursos fomentados pelo Seminário Batista. Ainda foi citada a iniciação da atuação como regente em coros escolares e coros infantis ligados a atividades religiosas.

Nos discursos analisados, notamos que os regentes se espelharam em outros profissionais como forma de construir um modelo de referência para sua própria atuação, tentativa de minimizar as dificuldades e inseguranças de sua inserção profissional. Também encontramos nos relatos a necessidade em buscar ajuda com profissionais mais experientes como forma de complementar o conhecimento sobre a melhor forma possível de realização de um ensaio coral.

É válido ressaltar comentários enfatizando a angústia durante o início da carreira, inclusive sendo semelhantes às dificuldades apresentadas na inserção do professor no mercado de trabalho. Huberman (2013) chama este processo de “choque do real”, sendo considerada “(...) a confrontação inicial com a complexidade da situação

profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio” (HUBERMAN, 2013, p.39). No comentário do pesquisado 22, notamos uma descrição da dificuldade vivenciada por ele: “No início tive muito medo, mas depois consegui me adaptar”. A adaptação é de extrema importância para a tomada de decisão de permanência ou não na profissão. Huberman afirma tratar-se da junção de dois aspectos: a sobrevivência e a descoberta, onde o segundo permite aguentar o primeiro. (HUBERMAN, 2013, p.39).

Alguns regentes enfatizaram a sensação de falta de preparo e como se deu sua busca por conhecimento para ser possível a sobrevivência na profissão:

Não me sentia preparada para a função, mas precisei assumi-la ou o coral encerrava as atividades. Diante do desafio, comecei a participar de cursos, oficinas e workshops. Também me espelhava em regentes que eu conhecia (pesquisado 9, 2015).

Ainda tratando sobre o confronto inicial da prática profissional, Huberman (2013) caracteriza a fase como contendo certa distância entre os ideais e as realidades, fragmentação do trabalho, oscilação entre as relações íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos e com material didático inadequado (HUBERMAN, 2013, p.39). Nos relatos dos regentes 6 e 10 notamos a dificuldade inicial com relação aos materiais para uma utilização adequada. Para eles o amadurecimento com relação à escolha de materiais se deu no processo de tentativa e erro, melhorando com o passar dos anos e com a experiência profissional.

Desafiador... Procurei materiais didáticos da época da faculdade, de oficinas e congressos de regentes corais e mesclei aos conhecimentos técnicos que já possuía. Algumas coisas funcionaram, outras não... Aos poucos vou descobrindo o que e como trabalhar (Regente 10, 2015).

No início não foi fácil devido à organização, material, espaço etc. Durante quase 3 anos como atuante fui buscando conhecimento para melhorar o meu trabalho, hoje posso dizer que melhorou bastante, mas ainda sempre preciso de trabalho para ficar ainda melhor (Regente 6, 2015).

Em um dos relatos um regente afirmou que sua iniciação se deu juntamente com a prática durante o curso de Bacharelado em Regência, o que não o isentou de ter que lidar com situações imprevistas e desconfortáveis, e que, com o conhecimento vindo da experiência, o conhecimento adquirido no curso pôde ser reformulado e adaptado.

Como já era estudante de graduação em Regência, fui colocando em prática os ensinamentos aprendidos no curso; fui fazendo outros cursos de

aperfeiçoamento na área, e mesclando teoria e prática. Mas algumas vezes, enfrentei uma série de situações imprevistas, que agora, com a experiência conquistada, certamente teriam sido resolvidas de maneira diferente (Regente 4, 2015).

De seu discurso podemos inferir que, mesmo tendo a formação específica na área de regência, a experiência profissional teve papel relevante na solução de problemas com maior maturidade ao longo da carreira. Desta forma é interessante pensar em alternativas que permitam o contato supervisionado dos estudantes de regência com a realidade ao longo do curso, o que contribuiria sobremaneira com seu processo formativo.

Com relação à questão “De que maneira sua formação em música contribuiu ou contribui para a sua atuação como regente de coros?” resumimos quadro 3, abaixo, o que os regentes compreenderam como ser relevante durante seu processo formativo.

Quadro 3 – Importância da formação continuada na visão dos regentes

Aprofundamento de conhecimentos de regência coral.
Base para a busca de conhecimento individual e busca de capacitação individual
Base de experiências de outros profissionais da área que contribuem para os dilemas individuais em sala de aula
Conhecimento de material teórico de aprendizagem do processo de canto coral
Subsídios para o desenvolvimento de arranjos
Entender o funcionamento dos aspectos de regência, como ensaiar um coral, como classificar vozes

Fonte: Dados coletados pela autora para a realização desta pesquisa.

A partir deste mapeamento, foi possível identificar os regentes atuantes em coros infanto-juvenis, para a realização de uma investigação mais aprofundada, na perspectiva da compreensão de como é construída sua profissionalidade e, também sua profissionalização no início de sua carreira. A partir destes dados conseguimos selecionar os possíveis regentes para a realização do estudo de caso, sendo utilizado como critério ter o início do exercício profissional em regência infanto-juvenil na cidade de Campo Grande, ter a atuação profissional em coros infanto-juvenis a menos de 10 anos e disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Este levantamento pôde construir um panorama um pouco mais amplo sobre os profissionais atuantes em Campo Grande, independentemente de seu campo de atuação profissional. Há regentes atuando em igrejas, escolas de educação básica, escolas de música, projetos sociais, universidade e empresas. Neste panorama também

identificamos ser ampla atuação dos regentes com relação à faixa etária, variando desde coros infantis até coros de terceira idade e também com relação à formação dos profissionais, sendo capacitados tanto por cursos superiores na área de música assim como em cursos de complementação.

A partir do questionário e dos dados encontrados identificamos alguns profissionais que tiveram a carreira iniciada em Campo Grande em coros infato-juvenis. e o contato inicial e preparatório para a realização do estudo de caso por meio das entrevistas. A descrição destes profissionais, assim como, a análise dos dados coletados serão apresentados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 – PROFISSIONALIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: OS CASOS DOS REGENTES INFANTO-JUVENIS DE CAMPO GRANDE - MS

A partir dos critérios elencados anteriormente, foram selecionados 5 (cinco) regentes de coros infanto-juvenis em fase inicial de atuação profissional em Campo Grande Mato Grosso do Sul para a realização das entrevistas. Estes regentes possuem idades próximas, sendo que 4 deles nasceram na década de 1980. Apenas um é nascido em 1966. Todos os regentes possuem Licenciatura em música pela UFMS e estão realizando trabalhos em coros infanto-juvenis há menos de 10 anos no município de Campo Grande. Para uma melhor apresentação dos dados os regentes serão identificados e numerados de 1 a 5. Dos regentes apenas o número 5 é do sexo masculino.

A partir dos aspectos teóricos norteadores sobre a constituição da profissionalidade, analisaremos os dados coletados nas entrevistas, a fim de compreender de que forma tem acontecido a formação profissional e quais são os elementos constituintes de sua profissionalidade.

Seguindo a concepção de Sacristán (1999), profissionalidade é aquilo “que é específico na ação docente, conjunto de comportamentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”. O autor ainda ressalta a constante elaboração do conceito de profissionalidade docente, devendo ser analisado de acordo de acordo com o contexto em que está inserido (SACRISTÁN, 1999, p.65).

No caso deste estudo, buscamos identificar a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis, portanto, aquilo que é específico em sua ação: o conjunto de comportamentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de atuar como regente neste contexto. É importante ressaltar que, na ação deste profissional, vários destes aspectos característicos são comuns à atuação com outras faixas etárias, bem como emergem, tanto da literatura quanto da fala dos entrevistados, aspectos ligados à ação docente.

Na tentativa de ampliar os conhecimentos sobre a constituição deste profissional, o regente coral infanto-juvenil, assim como seus espaços de atuação em Campo Grande e seu processo de formação, elegemos 3 categorias básicas de análise dos dados coletados, apoiadas nos conceitos em torno da constituição da profissionalidade:

- 1- Formação profissional
- 2- Ação profissional dos regentes corais infanto-juvenis.

3- Elementos da profissionalidade

Estas categorias foram construídas tendo em vista os objetivos desta investigação na perspectiva de se configurarem como lentes teóricas a partir das quais os dados coletados puderam ser organizados e, portanto, melhor compreendidos.

A seguir, passamos a descrever as categorias, bem como a análise dos dados a partir de cada uma delas.

4.1 Categoria 1 – Formação Profissional

A partir da categoria 1 pretendemos compreender quais os tipos de formação e de que maneira os regentes entrevistados construíram seus saberes, competências e habilidades profissionais. Para Moita (2013) “(...) ninguém se forma no vazio” e, para a concretização de um processo formativo, é necessária a “(...) troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”. E continua, mostrando que a busca pelo conhecimento sobre o modo como cada pessoa se forma precisa levar “(...) em conta a singularidade da sua história e, sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos” (MOITA, 2013, p. 115).

Qual seria, dessa forma, a visão destes regentes acerca destes processos formativos? O que faltou, o que foi importante para seu desenvolvimento, e de que forma os entrevistados se (re)moldaram de acordo com as necessidades de seu campo de atuação? Essas são as perguntas norteadoras que buscam esclarecer duas dimensões da categoria “formação profissional”:

- a) Os processos formativos e seus papéis na constituição profissional, e
- b) A percepção dos regentes acerca de seus processos formativos

Ao se tratar da formação profissional, é importante ressaltar que, com relação aos cursos oferecidos na área de regência coral, encontramos cursos específicos de graduação - os bacharelados em música com habilitação em regência - em diversas universidades do país, como Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre várias outras instituições públicas

e algumas privadas. Como afirmado anteriormente, ainda não há cursos desta natureza no estado do Mato Grosso do Sul. Estes cursos geralmente não contemplam uma formação que permita que o regente desenvolva, também, um trabalho educativo musical. Por outro lado, tampouco os cursos de licenciatura em música apresentarão a formação do regente com este objetivo específico durante a formação de seus alunos, exceto quando há uma habilitação em regência. A regência coral entra na licenciatura apenas como mais uma ferramenta para o professor, ainda que muitas vezes ela se constitua como uma das possibilidades de atuação para o egresso. A formação do regente não é, pois, uma finalidade do curso, que oferece apenas uma iniciação à regência coral, nem sempre focada ao contexto infanto-juvenil. Desta forma, o aprofundamento dos egressos interessados em atuar neste universo profissional dependerá de uma complementação de conhecimentos de maneira informal, no contato com a prática, ou buscando cursos de formação continuada ou pós-graduações.

4.1.1 Início da formação musical

Ao analisar as questões relacionadas aos processos formativos dos regentes pudemos observar, conforme demonstrado na tabela abaixo, que apenas o regente 5 começou os estudos musicais na adolescência, estudando percussão. Os demais regentes iniciaram os estudos ainda na infância com o aprendizado de instrumento musical harmônico e deram continuidade até a graduação. Para Rocha (2004, p. 21), a musicalização ainda na infância contribui para a formação básica do regente e fará diferença na música que será produzida por ele mais tarde. Dentre os entrevistados apenas a regente 2 possui pós-graduação em Didática e Metodologia do Ensino Superior, não sendo diretamente ligada à sua área de atuação.

Tabela 3- Formação dos regentes infanto-juvenis

Regente	Início dos estudos musicais/instrumento	Formação	Ano de conclusão da Graduação
1	10 anos/teclado	Graduação em Licenciatura em Música	2010
2	13 anos/ órgão eletrônico	Graduação em Licenciatura em Música e Pós- Graduação em Didática e Metodologia do Ensino Superior	2010

3	11 anos/ Conservatório/ piano, teclado, violão e guitarra	Graduação em Licenciatura em Música	2011
4	5 anos/ piano	Graduação em Licenciatura em Música	2008
5	16 anos/ percussão e canto(na noite tocando samba)	Graduação em Licenciatura em Música	2012

Fonte: Dados levantados para esta pesquisa pela autora para a realização desta pesquisa.

Esta pesquisa não tinha o intuito de investigar apenas licenciados em música, principalmente por compreender, a partir do conhecimento empírico e da observação do campo de trabalho, a existência de indivíduos atuantes sem capacitação profissional formal. No entanto, a partir do primeiro mapeamento dos regentes atuantes em Campo Grande, encontramos apenas licenciados em música dispostos a contribuir com este estudo. Todos são ex-alunos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, formados em turmas distintas. Apenas a regente 1 e a regente 3 entraram em exercício profissional ainda quando eram estudantes da licenciatura. Dos regentes, apenas o número 5 teve uma experiência mais profunda na prática coral, sendo coralista do Coro de Câmara da UFMS, tendo uma vivência musical enquanto cantor e preparador vocal, no entanto, este coro não possuía atividades destinadas ao público infanto-juvenil.

No discurso dos regentes foi recorrente que as experiências de formação anterior ao exercício profissional focavam coros adultos, e todos sentiram falta de possuir conhecimentos específicos para atuarem em coros infanto-juvenis. Todos compreendem que a formação inicial contribuiu, mas que não deu conta de todos os aspectos que seriam necessários para essa inserção na atividade e entendem que, apesar da licenciatura em música ter tido um papel fundamental, principalmente com relação ao formato de ensaio, ela não deu conta de todo o conhecimento essencial para a sua atuação profissional. Nóvoa (2001), em entrevista dada à revista Nova Escola, ao falar da formação docente, atenta para a necessidade de uma atenção especial das graduações aos professores em inserção na carreira afirmando ser importante, mais do que nunca, um suporte metodológico, científico e profissional (NÓVOA¹³, 2001). Como a literatura e os entrevistados têm compreendido o regente de coros infanto-juvenis também como

¹³ Disponível em: <http://novaescola.org.br/formacao/formacao-continuada/professor-se-forma-escola-423256.shtml>

um docente, acreditamos ser importante este acompanhamento durante a iniciação profissional.

4.1.2 Formação continuada - solução de problemas

A falta de requisitos prévios na constituição destes profissionais gerou uma busca contínua por conhecimento. Todos relataram estar sempre em busca do conhecimento seja conversando com colegas, trocando materiais e sugestões para a realização dos ensaios, assim como buscando por cursos focados em coros infanto-juvenis, que quando não encontrados são substituídos por cursos focados em coros adultos. Essa característica é vista como essencial por Nóvoa aos professores, para ele: “A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada)” (NÓVOA, 2001).

No caso dos regentes estudados, a educação musical de base ocorreu, geralmente, desde a infância, com o aprendizado de um instrumento musical. Na graduação, a formação como aluno-mestre foi privilegiada, sendo complementada com uma formação inicial em regência. Como estagiários, a atuação em coros infanto-juvenis é possível em projetos nas escolas de educação básica, ou em outros contextos onde esta atividade ocorre. Entretanto, muitas vezes a opção pela regência pode não ter se solidificado ou tornado consciente, e a oportunidade de um contato supervisionado com a realidade pode dar lugar a outras experiências. A iniciação profissional muitas vezes pode ocorrer ao longo da graduação e, em alguns casos, até mesmo antes. Nesta iniciação é que muitos se conscientizam dos saberes necessários para um bom resultado diante de seus grupos. E, assim, buscam na formação continuada uma complementação para os saberes demandados pela realidade.

Com relação à formação continuada os regentes procuram participar de cursos de capacitação, porém, para a regente 4 nos cursos, a construção das músicas é toda feita com músicos ou estudantes de música, sendo completamente diferente de trabalhar com um coro leigo. Há uma diferença grande nisso “(...) é muito fácil, eu acho fácil, você ensinar quem já está na área da música, e a gente não, a gente pega pessoas

completamente leigas, isso que é complicado, eu nunca participei de um curso assim que fosse ensinar pessoas leigas, a prática é diferente” (Regente 4).

Note que, como em outros casos, a regente fala do trabalho com o coro como “ensinar”. Portanto, uma das necessidades que emergem do contato com a realidade profissional é a capacidade de ensinar música para leigos – logo, uma faceta da dimensão docente assumida pelo regente de coros.

Além dessa questão, os regentes relataram a dificuldade encontrar materiais para coral infanto-juvenil: “(...) até literatura, eu vi que tem pouca coisa que fale especificamente sobre o trabalho com coro infanto-juvenil” (Regente 3). Essa dificuldade tem sido apresentada em diversos trabalhos científicos que têm tratado do assunto. Bohumil Med (2013) diz que “(...) a carência de material didático completo e bem fundamentado dificulta a atividade de regentes, cantores, e principalmente de professores dessa especialidade musical” (MED, *apud* JUNKER, 2013, p. 9). Para Costa (2009) “(...) urge buscar-se material que embase a atividade coral, posto que a formação do regente demanda uma série de especificidades não incluídas obrigatoriamente nos programas de formação de professores de música” (COSTA, 2009, p. 3). Aqui encara-se a questão a partir de outro ponto de vista: a carência de saberes e habilidades próprios da formação do regente que não são trabalhadas na formação do professor. Além disso, a autora apresenta a falta de material específico para coros juvenis, porém, nota-se a falta de materiais tanto para coros infantis, juvenis e infanto-juvenis. Há uma necessidade de um olhar cuidadoso para ser possível a ampliação da produção de guias didáticos, que possam auxiliar estes profissionais em sua inserção no trabalho, embasando melhor suas ações enquanto regentes/professores de canto coral.

4.1.3 Técnica vocal: aspectos do desenvolvimento dos regentes

Questões relacionadas à técnica vocal e à voz infanto-juvenil foram também apontadas pelos entrevistados. A regente 1 buscou aulas particulares de canto na tentativa de melhorar sua condição vocal e proporcionar uma referência sonora mais adequada para seus grupos, além de preocupar-se com aspectos ligados à saúde vocal de seus alunos. As aulas de canto podem contribuir de maneira a desenvolver “potencialmente todo o mecanismo vocal” do regente, proporcionando “uma melhor

qualidade de voz cantada sem esforço”, o que possivelmente auxiliará na construção de um modelo vocal de referência aos coros por ele atendidos (REHDER e BEHLAU, 2006, p. 214).

A regente 2 observou e gravou ensaios de outros colegas na tentativa de encontrar ferramentas para sua atuação. A regente 3 relata ter que adaptar seus conhecimentos vindos de aulas de canto e da experiência de cantar em grupo vocal para o público infanto-juvenil, afinal “eu não vou dar uma aula de técnica vocal da forma que eu recebi, mas de certa forma eu acho que isso me ajudou porque essa base eu tinha, pra eu poder ajudar, então eu acredito que, como referência vocal, eu ajudei, então isso estimulou”(regente 3). A regente 4 canta em coro no intuito de compreender as nuances da técnica vocal e as dificuldades existentes no ato de cantar. Isso contribuiu significativamente com sua forma de ensinar, já que consegue ter mais paciência com seus alunos por colocar-se, frequentemente, na posição que eles ocupam. O regente 5, de maneira semelhante, adaptou os conhecimentos de sua experiência enquanto cantor de coro adulto e buscou aprimorar seus conhecimentos sobre a fisiologia da voz infanto-juvenil, além de procurar cursos que o auxiliassem na escolha de um repertório mais adequado ao público alvo.

Além da preocupação com a saúde vocal dos alunos foi relatada, pela regente 1, uma dificuldade com a preservação da própria voz. Nos primeiros anos de exercício profissional teve problemas de rouquidão por não conseguir manter a calma nos momentos de indisciplina de seus alunos, sendo um momento delicado e de desestímulo profissional, chegando a pensar em desistir do trabalho:

Talvez por não saber os preparos e, além disso, você não fala somente e canta, muitas vezes eu me alterei dando bronca em um aluno, alguma coisa e, por não ter sabedoria de usar a minha autoridade, eu acabei usando o autoritarismo que é diferente. E aí você grita, e no que você grita já está detectado que você vai ter uma dor de garganta, então eu tive muito problema com isso. Engraçado, olhando hoje eu vejo que nos últimos anos eu nunca mais tive problemas de rouquidão, mas nos primeiros anos eu tive muito, então foi muito ruim assim essa fase. E depois que você aprende a lidar, aprende a conquistar a turma, aprende identificar os alunos e como agir com cada um deles, com os perfis diferentes na sala de aula, aí sim você não tem mais dificuldade, você não precisa gritar e nem de autoritarismo, você tem uma autoridade sadia na sala, então isso flui melhor (regente 1).

No relato acima notamos uma conquista do regente durante o exercício profissional, o desenvolvimento de uma destreza na maneira de lidar com as crianças e

adolescentes evitando conflitos e amenizando as dificuldades encontradas nos primeiros anos de profissão e que a colocaram numa posição de risco com relação a sua própria voz.

Em um estudo realizado sobre o perfil vocal dos regentes de coral em São Paulo, Rehder e Behlau (2008, p. 206) constataram que “o regente ocupa uma posição de alto risco no que diz respeito ao desenvolvimento de um problema de voz ou de laringe”. Isso se dá pelo fato de haver o excesso do uso tanto da voz cantada quanto da voz falada durante os ensaios e, ainda, a competição sonora vocal existente com o próprio grupo. Segundo as autoras “é comum que o regente tente sobrepujar o volume do coro para se fazer ouvir”. (REHDER e BEHLAU, 2008, p. 206).

É essencial que o regente coral infanto-juvenil tenha consciência dos mecanismos de produção da voz para que assim possa se tornar um modelo de referência para a produção vocal de seus cantores, facilitando a execução musical e diminuindo os riscos de problemas vocais que possam ser causados pelo mau uso da voz.

4.1.4 Propostas para a formação profissional

Todos os regentes compreendem a possibilidade de observação do trabalho de profissionais experientes como algo que poderia fazer diferença durante o processo de formação de novos regentes de coros infanto-juvenis. A regente 1 acredita que teria sido extremamente relevante poder acompanhar, como observadora, alguns ensaios de coros infanto-juvenis, como em um estágio. A regente 3 entende que a observação de outros grupos poderia contribuir muito para sua prática: “(...) a gente observando o outro fazer, a gente aprende, acho isso muito importante!”(Regente 3). Concordando, a regente 4 acredita que a experiência de observação de um grupo coral infanto-juvenil modificaria sua forma de atuação lhe proporcionando uma formação mais segura, capaz de preparar melhor para a inserção no mercado de trabalho. No caso da regente 3 isso aconteceu no decorrer de seu exercício profissional quando pôde acompanhar, durante um curso, a regente Silmara Drezza atuando frente a um grupo coral.

Eu vivenciei um ensaio de um coro lá, então isso foi muito legal, eu vi de perto o trabalho que ela fazia com um coro que tinha 4 meses, que era mais ou menos o tempo que eu tinha com o meu coro, e o coro dela com 4 meses, o som que eles tinham já (Regente 3).

Para ela, isso transformou sua forma de enxergar seu próprio trabalho, modificando, inclusive, seu exercício profissional.

De forma semelhante a regente 1 também compreende ser importante o contato com outros profissionais mais experientes e, em sua reflexão apresentou a ideia de proporcionar aos licenciados, já a partir de seu primeiro ano de estudo, o contato com o campo de atuação profissional, fazendo uma conexão direta entre a universidade e o contexto real de trabalho. Sua proposta integraria os alunos iniciantes, do primeiro ano, aos estudantes mais experientes que estão em fase de finalização do curso, como uma parceria,

Ele vai pra observar, ele fica olhando, fica vendo como é depois ele senta com aquele aluno que já tem certa bagagem e explica como foi, porque ele fez aquilo, eu acho que ajudaria bastante ele ir para campo observar e depois participar do planejamento, conforme ele vai desenvolvendo (Regente 1).

Toda essa proposta vem baseada em sua reflexão sobre sua experiência profissional, pois para ela:

Cair direto no mercado de trabalho como eu caí, sem ter tido essa experiência, sem ter vivenciado isso, é muito complicado, por exemplo, se eu tivesse isso em uma aula eu saberia que tem que ter um repertório mais ampliado, que você vai passar várias músicas, toda didática como é feito ali com a criança no ensaio, então eu acho que ajuda sim (Regente 1).

É interessante ressaltar, na fala da Regente 1, uma cobrança feita ao curso de licenciatura em se aproximar da realidade de trabalho. Ora, os cursos de licenciatura obrigatoriamente oferecem estágios supervisionados e, mais atualmente, programas de inserção no espaço escolar – lócus preferencial de atuação do licenciado – como o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (o PIBID). Se o interesse pela atuação como regente já estiver presente durante a graduação, o licenciado pode tentar cumprir suas horas de estágio obrigatório junto a coros, pois, mesmo quando o estágio deve ocorrer obrigatoriamente nas escolas de educação básica, é possível encontrar coros em projetos nas instituições escolares.

Por outro lado, como é comum os cursos de licenciatura contarem com disciplinas voltadas à regência e ao canto coral, pode-se sugerir que uma atividade desta

disciplina seja a observação de ensaios de coros em diversos contextos fora e dentro da universidade.

Se pensarmos em cursos de regência, os discentes podem realizar um estágio não obrigatório em coros do “mundo real”, ou, de forma análoga à sugestão acima, esta observação pode ocorrer durante as disciplinas de regência e/ou oficinas de performance.

A regente 3 também compartilha da mesma opinião da regente 1, indicando que esta experiência permitiria ao novo regente não iniciar suas atividades “literalmente do zero”. Para ela, a falta dessa possibilidade durante sua formação fez com que sua iniciação fosse mais dificultosa e atribui ao fato “(...) de não ter tido uma referência, de vivenciar com algum regente, ter essa experiência de observação que fosse, ou de estagiária ajudando, esse tipo de experiência eu não tive, entendeu, eu já entrei e tive que assumir ali” (Regente 3).

Ela acredita que isso poderia realmente fazer diferença na inserção de novos regentes no ambiente de trabalho e sugere a ampliação do olhar das licenciaturas, para a prática coral infanto-juvenil, visto por ele como um trabalho educativo de baixo custo,

o nosso foco trabalhando com crianças e jovens é educar musicalmente, basicamente eu vejo que é uma musicalização, só que a gente utiliza ali o corpo e a voz como uma forma mais fácil de você conseguir porque é menos investimento (Regente 3).

Este olhar da universidade poderia contribuir para que trabalhos nesta área possam ter maior qualidade e tranquilidade por parte dos profissionais atuantes no mercado, principalmente no que diz respeito à iniciação profissional e a adaptação à profissão. Vale ressaltar que compreendemos que os cursos de Licenciatura em Música não são específicos para essa atividade e há diversas possibilidades de atuação profissional para seus licenciados, o que dificulta uma ampliação de conhecimentos nessa área.

Porém, a utilização do canto coral é uma ferramenta importante para o ensino de música necessitando que haja discussões e novas propostas para a inclusão mais fortalecida sobre as possibilidades de utilização desta prática musical. A regente 3 entende ter faltado este mesmo olhar, este cuidado com uma formação, uma formação que a capacitasse, também, para a atuação como regente de coros infanto-juvenis. A regente 1 enxerga alguns problemas semelhantes durante sua formação. Em alguns aspectos compreende que seu curso esteve um pouco distante da realidade do exercício

profissional. Para ela, estar em sala de aula é muito diferente de só pensar **sobre** a sala de aula:

Eu acho que em alguns momentos fica muito teórico, querendo ou não, quando temos matéria de educação de psicologia, muito papel, muita leitura, aquilo ali é só leitura, mas você ir pra prática e ver como é dar aula, enfrentar um aluno de repente, uma situação em sala de aula é muito diferente” (Regente 1).

Também notamos no comentário do regente 5 uma crítica ao seu processo formativo muito semelhante ao apresentado pelos outros entrevistados. Para ele, há um grande distanciamento do curso com a realidade escolar. Acredita faltar uma aproximação do curso com o mercado profissional existente, e citou um projeto que tem participado, o projeto Arte na Escola¹⁴, que está vinculado ao curso de Licenciatura em Artes, e que tem feito essa comunicação entre professores da rede pública e a Universidade. Talvez seja um bom caminho para que a Universidade consiga compreender as necessidades que serão encontradas no exercício profissional, para assim, repensar, readequar, ou não, as propostas curriculares já existentes.

Esse distanciamento dos programas de formações de professores e a realidade enfrentada pelos profissionais têm sido tratado por diversos autores como Nóvoa (1992). O autor defende ser necessário haver uma diversificação de modelos e das práticas profissionais, para que assim possam ser geradas novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. Para ele não há formação sem a integração de teoria e prática. “A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, *directamente* articulados com as práticas educativas” (NÓVOA, 1992, p.17).

Vale ressaltar que o pensamento do autor está vinculado à prática docente de escolas de educação básica. Contudo, é possível que uma maior aproximação dos variados contextos de atuação profissional dos egressos das licenciaturas revele a atuação deste professor como regente de coros no espaço da escola de educação básica.

Neste sentido Pires (2015) demonstra a grande dificuldade enfrentada pelos cursos na definição do perfil de seus egressos. O professor de música poderá ser instrumentista, regente, professor de escola básica, de projetos sociais, de escolas de

¹⁴ O projeto Arte na Escola na UFMS, desde 2005 faz parte de um projeto nacional criado pela Fundação lochpe em 1989. O Instituto Arte na Escola tem como missão incentivar e qualificar o ensino da arte, por meio de ações de Educação Continuada, MEDIATECA e Comunicação.
<http://poloartenaescolams.blogspot.com.br/p/blog-page.html> disponível em 08/08/2016

música, ONGs, agente cultural, dentre outras possibilidades. Para a autora, a problemática está na forma de articular as ações da universidade com os diversos espaços de atuação profissional, e de prover saberes e práticas que possam ser aplicados efetivamente. A autora acredita que os “projetos pedagógicos dos cursos podem discutir e adotar estratégias de formação docente que, de fato, concretizem a formação do professor de música na sua relação com os espaços de atuação” e contribui:

Talvez a busca por formas de integrar esses conhecimentos disciplinares transformando-os em conhecimentos profissionais do professor de música seja mais útil ao exercício profissional. O que defendo para as propostas de formação de professores de música é a busca do equilíbrio na oferta dos conhecimentos básicos, específicos e teórico-práticos, libertando-se da polarização ora nos conhecimentos musicais, ora nos conhecimentos educacionais, dissolvendo-se a tensão entre músico e o professor de música na definição do perfil profissional do professor de música (PIRES, 2015, p. 267).

Vale aqui ressaltar que as críticas apresentadas pelos regentes não desconsideram a importância de sua graduação para a formação como regentes de coros infanto-juvenis. Trouxemos aqui apenas as contribuições que foram relatadas durante um processo amplo de reflexão sobre seu exercício profissional. Compreendemos que as licenciaturas apresentem outras demandas musicais e pedagógicas, não disponibilizando o tempo necessário para aprofundamento em todas as possibilidades de atuação dos licenciados.

Ainda pensando neste processo formativo, a regente 3 e o regente 5 apresentam pensamentos próximos, onde defendem que a formação do regente deve capacitar o profissional para proporcionar uma vivência musical para seus alunos, sendo capaz de sensibilizá-los para a música, “(...) para ouvir de uma outra forma, para sentir a música, ritmicamente, tudo aquilo que envolve o que é música, né?” e complementa, “(...) trazer um universo musical pra elas de uma forma que elas possam fazer parte daquilo, seriam protagonistas daquilo e vivenciarem, fazer com que a música se torne gostosa de aprender” (Regente 3).

Para Amato (2007), é um desafio das universidades e profissionais da área a busca pela excelência da prática coral infanto-juvenil na oferta de “projetos de (re) qualificação profissional dos responsáveis pelo trabalho educativo-musical”, dando condições para uma formação capaz de habilitar “para um ensino de qualidade e, conseqüentemente, para melhor manusearem essa significativa ferramenta de

desenvolvimento de múltiplas habilidades e competências que é o canto coral” (AMATO, 2007, p. 93).

Pelo que se pode analisar em diversas pesquisas, esta preocupação já tem mobilizado diversos profissionais, ou seja, as discussões sobre a importância de repensar os processos formativos dos regentes têm avançado consideravelmente.

4.1.5 Novas perspectivas e possibilidades na UFMS

A sugestão apresentada pelos entrevistados, de ter um estágio na área de canto coral, já é possível, pelo menos com relação aos coros infanto-juvenis. Atualmente existe um projeto de extensão na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, vinculado ao curso de Licenciatura em Música. O projeto recebe o nome de PCIU (Projeto Coral Infanto-Juvenil da UFMS) e é coordenado por duas docentes, contando, também, com a participação de discentes que atuam como monitores e/ou pesquisadores. O grupo também conta com a participação de egressos do curso (MOREIRA, 2015, p. 329). Este grupo existe desde 2013 e tem possibilitado a troca de experiência entre os regentes participantes, assim como a construção de uma nova forma de preparação aos regentes que poderão entrar em exercício no mercado de trabalho.

O projeto surgiu durante a elaboração da tese de doutorado de sua coordenadora, sendo assim, além de ser um local de aprendizagem dos novos regentes, tem produzido e gerado conhecimento científico na e para área. A regente 2 pôde, temporariamente, acompanhar como bolsista o trabalho realizado. Para ela foi uma experiência interessante, pois contribuiu com um repertório diferente do que conhecia. Infelizmente não conseguiu ficar por muito tempo no projeto e acredita que seria muito proveitoso se pudesse continuar acompanhando.

Como dito anteriormente, a busca por capacitação tem se dado de forma continuada por parte dos regentes estudados, seja de maneira individualizada ou com a participação em cursos que nem sempre são destinados aos regentes de coros infanto-juvenis. Uma das formas citadas para a ampliação de conhecimento foi a busca de materiais na internet e cursos presenciais como, por exemplo, o Encontros de Regentes Corais de Campo Grande, atividade também idealizada pelo curso de música da UFMS. Segundo o regente 5, a busca por aprimoramento e atualização é essencial ao profissional sem desconsiderar a busca pela prática musical:

Seja dentro da área específica teórica ou técnica, no que diz respeito à prática instrumental é importante que o profissional produza música também, que componha, que tenha essa fluência musical, ele não pode ser burocrático, ou só burocrático, ele precisa ser artista, não artista no sentido pejorativo, ele precisa também ouvir música, apreciar, ouvir outros grupos, ter boas referências do melhor possível, eu acho que além disso se for o contexto escolar ele precisa buscar formação dentro da pedagogia, compreender as fases do desenvolvimento humano, isso é importante, isso é inevitável. (Regente 5).

A partir da análise dos dados notamos coincidências na constituição do perfil profissional dos regentes de coros de Campo Grande – MS. A licenciatura em música contribuiu de maneira significativa para o processo formativo de todos os regentes, porém não deu conta das especificidades de conhecimento para a atuação dos profissionais. Estes, por sua vez, buscaram aprimorar seus conhecimentos por meio da consulta de profissionais mais experientes, estudos individualizados, assim como, participando de cursos em torno da atividade coral.

A constituição destes profissionais foi se transformando a partir das necessidades encontradas no exercício profissional e do campo de atuação. Os regentes acreditam que um cuidado maior durante o processo formativo, considerando esta atividade como uma possibilidade de atuação dos licenciados poderia facilitar a inserção de novos profissionais no mercado de trabalho, visto que este é um importante campo de atuação disponibilizado para os educadores musicais.

4.2 Categoria 2 – Ação profissional

Aqui buscamos perceber de que forma os regentes iniciaram sua atuação profissional no mercado, quais são os contextos profissionais em que tem atuado e compreender quais as dificuldades apresentadas no início do exercício de sua ação profissional.

4.2.1 Primeiro contato com a profissão: características e necessidades dos locais de atuação

A primeira semelhança encontrada na fala das entrevistas é sobre como os regentes iniciaram suas atividades frente aos coros em que atuam. Os cinco regentes iniciaram seu exercício profissional, nesta área, por indicação de colegas de profissão.

Essa iniciação se deu por uma necessidade do mercado de trabalho, que não exigia dos candidatos experiência e nem formação específica em regência aos candidatos.

A falta de profissionais capacitados para a atuação em coros no país não é um problema novo. Na década de 1945, o canto orfeônico¹⁵, já instituído como obrigatório no Brasil, teve implantado um programa de capacitação obrigatório pelo Ministério da Educação aos regentes em exercício nos coros com a intenção de garantir uma qualidade mínima no ensino do canto em todo o país. Essa medida não foi muito produtiva e logo foi substituída por capacitações emergenciais e que não supriam a qualidade almejada inicialmente, não atingindo todas as regiões do país (GOLDEMBERG, 1995, p. 107).

Os coros em que os regentes entrevistados trabalham estão enquadrados na faixa etária característica de grupos infanto-juvenis, variando de 6 até 16 anos. Apenas o regente 5 atende crianças com menos de 7 anos. Com relação à duração dos ensaios, os regentes 1, 3 (em sua primeira experiência) e 4 realizam ensaios com cerca de uma hora de duração por semana. Os regentes 2, 3 (em sua segunda experiência) e 5 relataram dispor de 4 horas semanais para a realização dos ensaios.

Os regentes 2, 4 e 5 atuam em escolas distintas em um projeto da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), nas escolas municipais de Campo Grande promovido pelo DEAC (Divisão de Esporte, Arte e Cultura). Este projeto tem por objetivo, segundo o coordenador das atividades, estimular a expressão musical no contexto escolar, identificar e revelar talentos na rede municipal de ensino, além de explorar o potencial educativo da música, fomentar o desenvolvimento da arte na escola e a produção de saberes.

O ingresso na atividade profissional de 2 e 4 se deu por realização de prova e entrevista. Já o regente 5 primeiro iniciou primeiramente seu exercício profissional como professor contratado de Artes, e depois foi convidado a atuar nas atividades extracurriculares. A regente 3 também participou de um processo seletivo em seu segundo trabalho, porém durante esta seleção não tinha conhecimento que a vaga destinava-se para a atividade coral. Na tabela abaixo é possível visualizar os tipos de instituições que estes regentes têm atuado. Apenas os regentes 1 e 3 iniciaram a atuação no período em que ainda cursavam a Licenciatura, ao passo que os outros já haviam

¹⁵ Sistema de ensino de música obrigatório nas escolas brasileiras nas décadas de 1930, 1940 e que utilizava o canto em grupo como forma de musicalização e valorização artística e cultural nacional.

finalizado a graduação. Os regentes concluíram a graduação entre os anos de 2008 e 2012.

Tabela 4: Características da iniciação profissional e dos locais de atuação

	Idade do regente/tempo de exercício	Início de atuação profissional	Local de atuação
Regente 1	34 anos/8 anos	Ainda era aluna da graduação	ONG (inicialmente como prof ^a substituta)
Regente 2	35 anos/3 anos	Após o fim da graduação	SEMED (DEAC)
Regente 3	28 anos/4 anos	Ainda era aluna da graduação	Escola particular-atividade extracurricular e depois no SESC
Regente 4	49 anos/3 anos	Após o fim da graduação	SEMED (DEAC)
Regente 5	34 anos/ 3 anos	Após o fim da graduação	SEMED (primeiro foi professor de artes e depois iniciou as atividades extracurriculares pelo DEAC)

Fonte: Dados levantados para esta pesquisa pela autora para a realização desta pesquisa.

Na tabela 5, que segue abaixo encontramos algumas dificuldades relatadas pelos profissionais durante sua iniciação profissional. Notamos que estas questões apresentadas dependem de dois fatores básicos: características individuais somadas às questões do contexto de atuação profissional.

Tabela 5 – Dificuldades no início profissional

Regentes	Dificuldades no início profissional
1	Indisciplina e falta de controle de sala – rouquidão Não sabia como escolher e organizar os ensaios e o repertório – aula pouco fluente
2	Manutenção do número de alunos – angústia em perder o emprego Desconhecimento de repertório para a faixa etária Dificuldade em acompanhar o grupo ao piano
3	Sem instrumento para acompanhar os ensaios Falta de referência profissional como exemplo de regente infante-juvenil
4	Adaptação à atuação em grupo – sua experiência anterior era de ensino individual de instrumento musical/piano
5	Realidade mais dura do que retratada em sua graduação Compreensão do perfil da criança e do adolescente Adaptação da técnica vocal (lírica) para o contexto infante-juvenil Adequação do repertório escolhido ao contexto de atuação

Fonte: Dados levantados para esta pesquisa pela autora para a realização desta pesquisa.

Os regentes 1, 2 e 5 apresentam a dificuldade de escolha de repertório adequado à faixa etária de seus grupos. Neste sentido, o relato do regente 5 ressalta a necessidade de conhecer e respeitar o contexto em que está inserido, compreendendo que ideias descontextualizadas causam a falta de interesse dos alunos, logo, a utilização de músicas simples, que pareciam ser perfeitas para o universo infanto-juvenil, não foram bem aceitas e, a partir disso, foi preciso buscar informações sobre o grupo e reconstruindo suas escolhas:

A gente chega com aquele repertório que a gente aprendeu, não, esse repertório aqui eles vão gostar porque faz ding dong ding dong, e o ding dong não interessou, não interessa, então quando ele passa a interessar? Quando você traz, você alcança o conhecimento que a criança também tem, então você traz alguma coisa que faça parte da cultura da criança naquele momento, o melhor daquilo, pra que você consiga usar como ponte, como aproximação, como elo, e aí os ding dong vão fazendo sentido (Regente 5).

Este cuidado por parte do regente, a partir do conhecimento sobre seu grupo, é de suma importância para a concretização de uma atividade educativa significativa. Oliveira defende ser função do regente, auxiliar os alunos no processo de musicalização “a partir do material humano que os cantores oferecem, até onde os coralistas podem se desenvolver, usando este conhecimento sobre os seus alunos para fazê-los desenvolverem-se ainda mais” (OLIVEIRA, 2011, p. 54).

Todos os investigados citaram a aprendizagem da profissão dependeu diretamente do contato com a prática, ao exercer sua função enquanto regente. Para eles os conhecimentos prévios, oriundos de sua formação, contribuíram, porém foram limitados, não os preparando como um todo para este campo de trabalho. Essa inserção gerou alguns desconfortos e necessidade de uma busca contínua em suprir as necessidades dos coros infanto-juvenis.

Com relação ao contexto de trabalho notamos algumas semelhanças entre os regentes 1, 3 e 5. Ambos tiveram experiências em regiões da periferia de Campo Grande, região com grande população de baixa renda, sendo que cada regente atuou em um tipo de instituição: 1 – ONG, 3 – SESC e 5 – escola municipal de tempo integral.

Para a regente 1, o objetivo da atividade no projeto era realizar uma oficina de música que permitisse uma interação sócio educativa por meio da arte/música/canto coral, proporcionando a ampliação de um repertório musical, desenvolvimento cognitivo musical e, também, proporcionar situações de convívio social. Para ela, se não

fosse o projeto, as crianças e jovens não teriam como ter acesso a esse tipo de atividade, já que a situação financeira das famílias não permitiria o financiamento de aulas de música. Neste local as aulas eram realizadas em salas destinadas às atividades musicais diversas, sendo uma delas o Coral.

A estrutura física de trabalho relatado pelo regente 3, no SESC, era diferenciada oferecendo boas condições para o desenvolvimento de suas ações. O projeto proporcionava aos participantes o contato com diversas oficinas na área de música como violão, percussão e o canto coral, ou seja, um ambiente todo direcionado à atividade musical. Neste local a regente fazia parte de uma equipe de professores de música, o que permitia uma troca de experiências continuamente. Sobre a estrutura do local, o regente mencionou ter ficado extremamente estimulado, pois possuía, diferentemente de sua experiência anterior, uma sala contendo computador, piano e um amplo espaço para a realização das atividades. Além disso, relatou ter contado com o respeito de sua chefia pela atividade, o que a motivou ainda mais.

Os regentes 2 e 4 apresentam semelhanças no campo profissional pois, além de exercerem a atividade de canto coral, ensinam flauta doce como parte do projeto nas escolas municipais. De todos os regentes atuantes nas escolas do município (2, 4 e 5) apenas o número 5 atua na escola de tempo integral, e está iniciando uma experiência utilizando o canto coral dentro da matriz curricular da escola.

Com relação à estrutura destes ambientes são utilizadas salas de aula convencionais. A regente 2 relatou que bem no começo de suas ações realizava os ensaios em uma sala inadequada: “ (...) tinha uma salinha, tipo um recurso, não era bem uma biblioteca, muito quente, mas eu dava minha aula ali, na parte da manhã e na parte da tarde, só que era muito pequena a sala”. A conquista de um novo espaço se deu pela atenção dada pelo diretor da escola ao notar um aumento do número de alunos.

Para o regente 5, o licenciado em música vai para o trabalho acreditando ser a escola um ambiente menos cruel do que é. Para ele as dificuldades são maiores “(...) tanto da compreensão dos profissionais dentro da escola sobre o que é música, como que o músico tem que funcionar, então existe uma série de equívocos e de estereótipos que precisam ser quebrados” (Regente 5). O regente também afirma que os egressos do curso acreditam ser necessária uma infraestrutura para a realização do trabalho, e esta infraestrutura não existe e “(...) eu acho que não terá porque nenhum deles (outros professores) tem, matemática não tem, português não tem, e porque a música teria?” (Regente 5).

Na literatura encontramos também a idealização de uma estrutura básica para a prática coral. Utunomiya (2011) apresenta ser ideal para a realização do trabalho coral um “(...) local amplo, bem iluminado, arejado, protegido de ruídos externos e com alguma acústica favorável no revestimento de paredes, piso e tetos” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 50). Porém, essa busca por uma estrutura ideal dependerá da articulação política institucional, ou seja, uma habilidade de buscar materiais e condições ideais para que seja possível o enriquecimento do trabalho. Segundo o Regente 5 “(...) eu cobreí da direção que a gente tivesse flautas. Ela foi lá, achou uma verba em algum lugar e comprou algumas flautas” (Regente 5). Essas solicitações são conquistadas dia-a-dia no ambiente profissional e dependerão da capacidade de articulação e convencimento do regente que está à frente do trabalho. Aos poucos as condições podem ser melhoradas de forma que:

A criança possa ser sensibilizada e possa ter uma postura um pouco mais crítica à sua experiência com música, seja ela ouvindo, tocando, praticando, esse é outro ponto, essa tão sonhada estrutura, ela não existe, mas ela pode ser construída, e às vezes essa construção, esse investimento, esse fomento, às vezes, precisa sair do bolso do professor, não concordo com isso, mas às vezes a gente coloca a mão no bolso, pois é verba pra todo mundo pra dividir entre todos os professores, então sobra uma pouca parcela para que você consiga alimentar essa necessidade dentro da sua área, esse é outro ponto negativo (Regente 5).

De todos os regentes entrevistados, apenas a regente 3 teve experiência em uma instituição privada de ensino. Essa experiência coincidiu com o início de seu trabalho como regente e ocorreu, segundo ela, com condições inadequadas para o exercício da atividade. Não havia sala adequada, instrumento musical para acompanhar as aulas e, com isso ficou “(...) desestimulada, as crianças ficaram desestimuladas”.

Como visto, mais uma vez, este local dito como ideal nem sempre é encontrado pelos regentes. Seu exercício profissional neste local durou por volta de um ano e logo foi finalizado, pois foi iniciada uma reforma no local, um prédio bem antigo. Como a experiência não estava gerando bons frutos, o trabalho não fluía adequadamente, então, houve um alívio da regente com o encerramento da atividade:

Vieram me falar que não iria ter mais o coro, eu não tenho como não dizer que eu não fiquei feliz com a notícia, porque eu vi que não estava dando frutos, não estava fluindo, simplesmente não estava mais fluindo (Regente 3).

Vale ressaltar que esta regente tinha experiência anterior com aulas de musicalização infantil, para a faixa etária abaixo dos 6 anos e não tinha muitos problemas. Ela afirmou gostar muito de realizar o trabalho com crianças, algo visto como essencial para alcançar um bom resultado de ensino.

Todos os regentes utilizam o teclado como instrumento para acompanhar a realização dos ensaios e o entendem como essencial ao trabalho. Nos discursos dos profissionais notamos que gostariam de contar com um instrumentista para a realização desta função, pois as ações de regência ficam prejudicadas ao ter que tocar e reger simultaneamente e entendem que precisam suprir qualquer dificuldade técnica para garantir a qualidade do trabalho.

(...) a minha dificuldade técnica eu preciso suprir, cada momento eu preciso suprir isso, seja trabalhando minha técnica no teclado, no piano, isso eu preciso suprir pra que eu possa atender e dê conta de ministrar uma aula/ensaio para essas crianças (Regente 5).

Eu sinto falta de ter um pianista, eu acho que todo mundo sente, facilitaria, eu queria explorar mais o meu gestual. Melhorar a comunicação, ela tem um limite quando você está tocando, você faz ali as atividades, os exercícios...eu desenvolvi alguns mecanismos, eu descobri que o teclado gravava, aí então eu gravava as coisas e saía fazendo com elas, mas numa apresentação, eu cheguei a fazer apresentação só gravando umas coisas, mas, eu gosto, eu acho legal ao vivo (Regente 3).

A ausência de um colaborador, pianista acompanhador, fez com que acontecesse uma busca por soluções pelos regentes. Um dos recursos apontados foi a utilização do recurso de gravação das músicas na memória do instrumento, para que, assim, o ato de reger pudesse ser realizado sem outras preocupações durante os ensaios e até em apresentações. Segundo Moreira (2015) a utilização de *playbacks* é um recurso desfavorável à prática coral, pois “limitam o potencial expressivo do coro, e, quando mal manipulados, podem levar a consequências desastrosas” e ainda complementa:

Podemos afirmar que o *playback* pode imputar ou retirar responsabilidades na performance artística e tende a fazer da interpretação uma prática repetitiva, condicionada e homogênea, onde as nuances mais sensíveis da música e as características que diferenciam a qualidade do trabalho do coro passam despercebidas (MOREIRA, 2015, p. 123).

Compreendemos os argumentos da autora e concordamos que, a autonomia e independência de recursos que possam comprometer a qualidade do fazer e da aprendizagem musical possa ser uma meta a ser conquistada pelos regentes, uma procura por autonomia e independência de recursos que possam diminuir a qualidade do fazer e da aprendizagem musical. No entanto, o *playback* acaba sendo um recurso importante em alguns contextos, uma vez que auxiliam a sanar dificuldades enfrentadas ao longo do processo de construção do próprio profissional. Muitas vezes é possível que esse seja o único recurso disponível que possibilite alguma prática musical aos grupos por eles atendidos.

Outra dificuldade, relacionada a este desdobramento da regente como instrumentista acompanhador, foi o trabalho com duas ou mais vozes junto ao coro. No caso do regente 1:

Quando era música a duas vozes você tem que cantar uma voz, migrar para a segunda voz e tocar ao mesmo tempo, eu acho esse trabalho bem difícil porque se você tem alguém para te auxiliar aí você fica só com as vozes (Regente 1).

Essa dificuldade foi sendo superada com o tempo, a partir da reflexão sobre como seria mais fácil realizar essa junção. A regente viu a possibilidade de utilizar o recurso de gravação da melodia no teclado e isso facilitou o processo de ensino. Ela gravava a primeira voz e solicitava que um grupo de alunos cantasse prestando atenção no som do teclado. Simultaneamente, auxiliava cantando a segunda voz com o outro grupo de alunos para que não se perdessem: “(...) muitas vezes fiz isso para poder concluir a música que eu estava fazendo, porque era bem complicado fazer tudo isso sozinha” (Regente 1).

Segundo a regente, a utilização do recurso de gravação auxiliou a realização dos ensaios deixando os alunos mais concentrados e permitindo novas experiências sonoras ao grupo: “Gravava duas ou três vezes uma melodia e aí eu fazia a primeira voz começar a cantar uma vez e quando eles iam repetir a segunda voz entrava pra não ter dúvida do que era pra fazer” (Regente 1). Aqui compreendemos que a regente desenvolveu uma técnica própria para a realização e garantia de um resultado satisfatório em seus ensaios.

Os regentes 2 e 3 também mencionaram a utilização de gravações no instrumento como forma de auxiliar o processo de ensino de melodias aos alunos.

Reforçamos mais uma vez que, os discursos dos regentes nos dirigem para a existência da construção profissional a partir do exercício da profissão. Todos ressaltam constantemente a importância da prática profissional na sua construção enquanto regentes de coros infanto-juvenis, como apontado pela literatura. Portanto, todo desenvolvimento dependeu tanto das experiências positivas quanto negativas durante seu processo de aprendizagem.

Algumas dessas experiências foram compartilhadas e lembradas por eles, permitindo-os uma grande reflexão sobre sua trajetória. A regente 1 relatou sua transformação na forma de planejar seus ensaios a partir de um problema vivenciado. Certa vez, decidiu trabalhar um repertório que ainda não dominava por completo e isso causou um desconforto. A partir deste fato, passou a planejar melhor suas ações antes de colocá-las em prática.

Na fala da regente 3 foi possível compreender a importância das dificuldades na descoberta de novas habilidades. Essas descobertas geraram motivação em meio às condições inadequadas de seu primeiro trabalho. A falta de um instrumento a fez compreender que era capaz de conduzir o ensaio sendo ela a referência de tonalidade para seu grupo.

Outra questão interessante relativa às dificuldades no processo de constituição profissional foi relatada pela regente 2. Uma das regras para que haja a manutenção do contrato de professores nos projetos ligados ao DEAC é a permanência de pelo menos 15 alunos nas turmas atendidas pelos professores. Para ela essa é uma dificuldade existente e que a deixa muito insegura, pois precisa constantemente garantir o interesse de todos os alunos na atividade. Com isso, para além de planejar bem as suas ações, a regente tem se dedicado na divulgação do coral produzindo cartazes, visitando as salas de aula e reuniões de pais da escola para fazer propaganda do grupo: “(...) fiquei muito preocupada com isso, porque no começo tinha pouco aluno, porque é o início, tinha muito pouco aluno, depois que foi aumentando” (Regente 2).

A preocupação sobre a quantidade de alunos a acompanhou durante toda a sua inserção e foi reforçada em seu discurso diversas vezes, pois seu trabalho só pode ser justificado pela existência dos mesmos.

Aí você fica trabalhando com essa preocupação, porque não é aquela coisa que tá lá, você chega e já tem alunos matriculados, toda aula você vai ter 25 alunos, o ano inteiro você vai ter 25 alunos, então não é assim, a realidade não é bem assim, pra acontecer você tem que correr atrás, você não pode deixar assim, vê que tá caindo a numeração você tem que correr atrás, tem

que ligar pro aluno, o aluno tá faltando muito, por quê? O foco maior é o aluno, se não tiver aluno você está dispensada (Regente 2).

A regente notou maior interesse em participar na atividade coral e um aumento no número de inscrições sempre que havia apresentações do grupo no ambiente escolar: “(...) sempre quando têm apresentações nós temos mais inscrições, então a escola tem que mostrar seu trabalho para a escola, interagindo” (Regente 2). Para ela essa é, portanto, a melhor forma de divulgação. Essa é uma preocupação importante com relação ao trabalho da regente, uma angústia profissional e uma insegurança com relação à falta de uma estabilidade profissional.

4.2.2 Atribuições dos regentes

Em todos os grupos, com exceção daquele sob coordenação da regente 3, o processo de inscrição dos alunos assim como de divulgação, organização de apresentações, contato com os pais, verificação de alimentação, transporte, tudo é realizado pelos regentes. Em alguns casos isso se torna um problema por sobrecarregar os profissionais com excesso de funções. Os regentes 2, 4 e 5, pertencentes aos coros das escolas municipais, relataram problemas para conseguir transporte para apresentações. Em muitos casos, os professores têm transportado os alunos nos carros pessoais e têm contato com a colaboração de outros educadores das escolas, que também tem auxiliado com transporte próprio. Para a regente 1, em consonância com as ideias dos outros regentes, há um excesso de funções na atividade do regente de coros infanto-juvenis: o regente é preparador vocal, é responsável por dividir as vozes, toca, faz percussão corporal, organiza a equipe toda, comunica as mães sobre apresentações, tem que dar conta da burocracia para organizar a saída do ônibus, a limpeza da sala, verifica questões de alimentação, divulgação, e registro das apresentações, ou seja, são muitas responsabilidades atribuídas ao profissional.

Uma vez uma aluna minha foi ver uma apresentação do grupo no Espaço Chico Xavier, ela ficou boba de ver, naquele dia nós tivemos apresentação de teclado, flauta e coral, então, eu montei o teclado onde eu tocava, e cada hora foi um aluno de teclado, depois eu tive que preparar as estantes de partitura e fazer os alunos entrarem, é claro que eles ajudam, mas é bem pouco, é muito corrido, é muito sofrido... e eu mesma que tinha que dizer as músicas, eu falava o nome da música o nome do autor, aí ela me falou: Você precisa de

um ajudante, como é que você dá conta de tudo? Já acostumei, é triste porque a gente acaba se acostumando, mas não é pra ser assim (Regente 1).

Essa capacidade de lidar com situações dessa natureza é vistas pela autora Utsunomiya (2011) como uma competência do regente de coro infantil, sendo essa uma habilidade de gestor, que organiza, lidera, planeja e executa funções. Para ela, o domínio do conhecimento vai além da música, ingressando na competência administrativa, sendo o regente capaz de operacionalizar tanto os ensaios quanto a organização de apresentações musicais de seus grupos (UTSUNOMIA, 2011, p. 66). Neste sentido parece natural que os regentes realizem os trabalhos de forma individualizada, o que exige o desenvolvimento de uma habilidade em conduzir todas as atividades que possam ser inerentes desta atividade.

4.2.3 A escolha de repertório: adaptações e limitações

Ao tratar das questões de escolha de repertório as regentes 2 e 4 disseram preferir realizar músicas em uníssono alegando ser um complicador a prática musical com mais do que uma voz. Segundo a regente 2, não é possível fazer a divisão de vozes sem que o coro esteja completamente afinado em uníssono e diz “(...) como é que eu vou dividir [as vozes] sem um coro afinado?” A regente ainda afirma ser a questão da afinação uma pré-disposição e entende que existe a possibilidade de melhora por meio da técnica vocal:

(...) percebi que tem aluno que chega lá pronto, assim, na outra escola eu tive vários alunos que, assim, as vozes, você dá o tom lá, começa a tocar a música já pega rapidinho, e tem aluno que tem aquela dificuldade, aí eu percebo que a técnica ajuda muito, mas não vai fazer milagre (Regente 2).

Chegou a citar a existência de músicos profissionais incapazes de cantar afinado, reafirmando que técnica vocal pode auxiliar na construção da afinação, mas não solucionar todo o problema. Para tentar solucionar as dificuldades de afinação de seus alunos segue um modelo de aula “(...) eu trabalho com eles primeiramente a técnica vocal, não forçando muito, aí chegando em outro nível a gente poderia ir aumentando os tons” seguindo com o trabalho de alongamento e respiração e, depois, “(...) eu começo uma musiquinha mais tranquila, mais fácil, assim que eu trabalho com eles, mas assim um repertório... Mostrando a gente não tem” (Regente 2).

Ao tratar das questões de afinação Andrade, apoiada em Bartle, afirma ser responsabilidade do regente a observação das questões de desafinação de seus alunos. Caso não seja resultado de nenhuma patologia vocal ou de quadros neurológicos, cabe ao regente realizar um trabalho de orientação vocal por meio do canto coral. Para a autora, a questão da afinação requer competências específicas do regente (ANDRADE, 2010, p. 78). D'Assumpção concorda e contribui afirmando ser possível que o problema de afinação apenas exista pela necessidade de "(...) passar a usar a voz cantada ao lado de outros cantores mais experientes" podendo contribuir para um processo de aprendizagem seguindo um "parâmetro imitativo" despertando uma habilidade que ainda não conheciam (D'ASSUMPCÃO, 2013, p.113).

A regente 4 entende ser difícil que seus alunos executem canções a duas vozes e diz já ter realizado algumas experiências, sendo mais tranquilo quando utiliza cânones, de preferência em português. "Cânone eles acham mais fácil, e, geralmente, é tudo em português, o máximo que eu consegui foi colocar em Latim, que é uma língua mais fácil pra eles" (Regente 4). Uma estratégia de ensaio que funcionou bem com relação aos cânones, segundo ela, foi separar os alunos em grupos de acordo com as partes da música onde cada grupo sempre cantará a mesma parte da música, grupo 1 parte A, grupo 2 parte B, de outra forma ainda não conseguiu realizar, ou seja, a música é dividida, os participantes não executam a música inteira "é desse jeito que eu consigo fazer" (Regente 4). Para Moreira (2015) o repertório poderia ser iniciado com peças simples que consolidariam as bases de técnica vocal, qualidade sonora e afinação do grupo, lembrando que muitos participantes tem no coro seu primeiro contato com o processo de educação musical e, portanto, necessitam ter uma vivência musical compatível com sua compreensão desta linguagem (MOREIRA, 2015, p. 134).

Ao falar mais sobre o repertório popular que tem sido utilizado em seus ensaios a regente 4 se orgulha de contribuir para a construção de um novo olhar sobre música para seus alunos, mostrando canções diferentes do universo em que estão inseridos:

Eles gostam de músicas de...até de Roberto Carlos eles gostam, músicas de MPB, eles gostam, eles já estão aprendendo, as vezes a mãe fala: Nossa já estão cantando uma música....por exemplo a Clareana da Joyce, Gilberto Gil, Milton Nascimento, então eles estão conhecendo coisas novas que eles não conheciam (Regente 4).

Ao tratar as questões de repertório encontramos aqui um dado semelhante ao apresentado por Vertamatti (2007) ao pesquisar regentes corais infanto-juvenis em São Paulo. Há uma tendência por um tipo de repertório com ênfase em canções étnicas e

Música Popular Brasileira e estrangeira. Para a autora essa constatação corresponde ao fato de que “(...) a percepção da linguagem musical não é vivenciada em todas as suas modalidades” e acredita ser necessário para a complementação do processo educacional de um coro em que “(...) a linguagem musical deva ser apresentada em ampla diversidade, com seus vários estilos e modalidades, seja tonal, modal, atonal ou eletroacústica” (VERTAMATTI, 2007, p. 17).

Neste sentido, o que observamos até aqui é que a constituição dos regentes não tem dado conta nem do que seria elemento básico de uma atividade coral, possibilitar um primeiro contato com uma prática musical às crianças e aos adolescentes, principalmente pelo fato de o almejado estar muito distante da realidade sobre o conhecimento que estes regentes possuem sobre o fazer musical desta atividade. Acreditamos ser necessário, primeiramente, fortalecer os conhecimentos dos regentes para, a partir disso, ampliar as possibilidades de execução de repertório contemplando todas as vertentes musicais com seus grupos. Moreira (2015) acredita ser este processo algo “longo e complexo” e ser necessário que “o regente esteja seguro de suas escolhas” e ainda contribui dizendo:

Percebemos, ainda, outros fatores que colaboram para que o repertório seja um elemento desafiador na prática coral, como: a escassez de discussões na área; a inexistência de políticas públicas efetivas para a educação musical; a falta de investimento à pesquisa e à capacitação técnico-pedagógica dos regentes; a insuficiência de eventos voltados especificamente ao coro infanto-juvenil (como oficinas, congressos, workshops, simpósios, festivais) e o atual desinteresse de editoras em publicações dessa natureza (MOREIRA, 2015, p. 138).

O coral é compreendido pela regente 4 como um local de desenvolvimento cultural e também de melhora de convívio social, aumentando a afetividade e a relação próxima de amizade entre eles. Seu trabalho tem sido guiado pela simplicidade, desde a escolha de repertório até questões sobre respiração. A regente entende o trabalho de respiração seguindo as frases musicais a partir de escolhas de músicas que não exijam uma grande capacidade de sustentação respiratória:

Às vezes a gente tem que segurar a respiração numa frase, não é? Isso aí eu acho que é tranquilo, sabendo escolher uma música fácil, porque toda música tem sua respiração, então a gente ensina a hora de respirar, e isso pra mim é tranquilo, é claro que eu não vou ensinar nada complicado pra eles, a gente ensina a hora de todo mundo respirar, certinho, e aí pegar umas musiquinhas fáceis, então isso aí quanto à respiração não tem problema, tenta pegar uma

música com melodia fácil, porque uma melodia que tem muitos intervalos, muitos saltos não conseguem (Regente 4).

Mesmo sendo sua preferência executar canções em uníssono, isso não a impediu de experimentar outras formas de cantar em seu grupo. Para isso tem utilizado arranjos prontos, mas, também, tenta criar pequenos arranjos:

Às vezes eu coloco duas vozes, sempre no intervalo de terça e sempre olhando a extensão das notas porque a extensão é pouca, isso vem só com o tempo, e às vezes eu coloco sim uma segunda voz, mas eu já falei que eu trabalho mais em uníssono (Regente 4).

Sua escolha por essa forma de realizar seus ensaios vem da tentativa de execução de vozes separadas e da dificuldade em conseguir atingir o êxito. Em sua descrição sobre tais tentativas enfatiza o fato de os alunos se perderem durante a execução musical, então por isso, acredita ser melhor continuar em uníssono. Esta dificuldade diminui as possibilidades de desenvolvimento das capacidades musicais dos participantes, limitando a prática musical a partir da destreza do regente.

Outra dificuldade encontrada foi com relação a saltos melódicos. Aqui, a exemplo de sua escolha pelo canto em uníssono ao invés de elaborar novas tentativas de canto a duas vozes, optou por evitar canções com saltos. Afirmou escolher canções mais simples, com graus conjuntos e saltos de terças apenas, para depois, passo a passo, ir construindo um repertório mais difícil. Toda essa forma de ensino foi conquistada a partir de sua experiência, segundo ela a sua percepção sobre o assunto era diferente por que:

A gente canta qualquer coisa, mas eu cheguei lá e é diferente, eu não sabia que tinham tanta dificuldade assim pra cantar... a gente não tem noção, porque a gente sabe cantar, mas a gente não sabe em que nível eles estão, eu tenho que me colocar no nível deles, no nível de aprendizagem deles, tem músicas que é difícil (Regente 4).

Ainda com relação às questões vocais foram apresentadas dificuldades com relação à muda vocal¹⁶ pelas regentes 3 e 4. Mota (2011) afirma que a alteração da laringe causa transformações na voz do adolescente dificultando a afinação, “pois com o crescimento da laringe as pregas vocais são afetadas diretamente, comprometendo a

¹⁶ Muda Vocal é uma mudança característica da laringe que ocorre por alterações hormonais decorrentes da transformação da criança ao tornar-se adolescente.

qualidade vocal do mesmo” (MOTA, 2011, p.557). Um dos alunos da regente 3 apresentou dificuldades ao iniciar suas transformações da laringe: “ele era bem mais afinado, antes da muda, ele estava nesse processo, estava desafinando muito, a voz estava ficando forte e ele não estava conseguindo controlar”. Coincidentemente este foi o momento em que a regente precisou sair do projeto, em busca de um novo emprego, mais estável. Logo, não pode acompanhar o desenvolvimento do caso.

A regente 4 também tem vivenciado as transformações de voz dos meninos em seu grupo. Sua forma de enfrentar o problema tem sido afastá-los da parte de técnica vocal e tentar encontrar uma tonalidade de música, nem muito grave e nem muito aguda para que eles consigam cantar,

Eles ficam assim, eu não faço técnica com eles, apesar que a técnica que a gente faz é muito pouca, a gente não se aprofunda, porque eles tem uma dificuldade muito grande pra cantar na tonalidade, então a voz deles já começa ficar esquisita meio rouca, eles não conseguem afinação, as meninas não dão trabalho nessa idade, os meninos que dão trabalho, mais trabalho, que eles ficam com a voz meio rouca (Regente 4).

Ainda segundo Mota *et.al.* (2011) “(...) a maior parte dos regentes, por falta de informações, prefere assumir a postura de excluir o aluno das atividades de canto coral, afastando-o de uma prática que poderia ser enriquecedora em sua formação musical e como ser humano” (MOTA, ANDRADE e LINHARES, 2011, p. 557). A falta de preparo sobre o assunto tem feito com que estes regentes não saibam o que deve ser feito neste período de adaptação da voz adolescente. Ao refletir sobre sua ação, a regente 4 assume ter dificuldades em solucionar o problema com relação a muda vocal, falta instrução sobre o assunto para passar por isso de maneira natural:

E assim, é um problema que eu tenho dificuldade, eu tenho dificuldade de resolver com os meninos, meninos dão trabalho nessa idade, quando começa dos 13, 14, 15 anos, há interesse em ter maiores informações sobre o assunto para solucionar o problema encontrado (Regente 4).

Mota *et al.* (2011) acreditam ser importante especificar as ações e os cuidados relacionados à saúde vocal dos adolescentes, compreendendo esta voz como vulnerável e extremamente complexa para que o educador musical consiga agir, pois caso este profissional não esteja capacitado e não compreenda as especificidades da voz no período de muda, “(...) poderá causar danos negativos à voz do adolescente” (MOTA, ANDRADE e LINHARES, 2011, p. 557).

Garretson (1993) afirma que, no trabalho com vozes de crianças, é importante compreender as características naturais da voz, bem como a forma de vocalização apropriada, como o desenvolvimento das características tonais e o controle necessário no ato de cantar. Para o autor, isso é essencial também para escolha de repertório (GARRETSON, 1993, p. 137)¹⁷. E, justamente pela falta de conhecimento e inabilidade de atuação dos profissionais é que ações de exclusão, como apresentada pela regente 4 tem sido tomadas, temática apresentada por Mota *et al.* (2011).

Segundo Garretson (1993), na Europa algumas pessoas acreditam ser necessária a retirada de cantores em processo de muda vocal da prática coral até que a voz esteja estável. Já nos Estados Unidos, os professores acreditam ser importante a manutenção do canto nessa fase de mudança de voz, porém com um cuidado especial dado pelos regentes (GARRETSON, 1993, p.142).¹⁸ Portanto, seria essencial uma preparação deste profissional de coros infanto-juvenis com relação às transformações vocais existentes no período de transição da idade infantil para adolescente.

4.2.4 A utilização da expressão corporal como recurso ao ensino do canto coral

Alguns relatos nos mostram a importância de formação adequada e específica para esta atividade. A partir da participação em um curso específico para coros infanto-juvenis com a regente Silmara Drezza, a regente 3 demonstrou ter modificado suas estratégias com relação a técnica vocal. Em seu início profissional a parte de técnica vocal era feita, porém, de maneira reduzida. Entendia ser necessário fazer a vontade das crianças, ou seja, cantar uma música, algo visto como “legal” por elas. Além disso, não compreendia como o ensino da técnica vocal poderia ser lúdico e divertido, ou seja, sentia a sua aplicação como algo cansativo e maçante aos alunos.

Para Moreira (2015) a “**abordagem lúdica** favorece principalmente o interesse pela aprendizagem” elemento fundamental para a efetivação de qualquer proposta de ensino (MOREIRA, 2015, p.55). A participação da regente 3 em apenas dois dias de

¹⁷ In working with children’s voices it is important to understand their natural vocal characteristics, as well as how to vocalize them and develop the appropriate desired tonal characteristics and the necessary control. Additionally, knowledge of voice ranges is essential for the proper selection of music.

¹⁸ A view once generally held in Europe, and still believed by some people, is that singers undergoing voice changed should refrain from singing until their voices are totally changed and settled. Teachers in United States, however, disagree with that concept and believe it is important for boys to continue singing during this time of their lives, but that particular caution should be taken by directors to handle these voices properly.

curso colaborou de forma significativa transformando sua maneira de agir e pensar a prática coral infanto-juvenil, principalmente com relação à valorização do corpo durante o ato de cantar, utilizando a expressão corporal como forma de auxiliar no ensino de técnica vocal:

Trabalhar mais com movimento, mais com o corpo, não que eu não fizesse, mas ali ficou mais claro, eu sabia que a resposta daquilo que eu queria viria melhor quando eu trabalhasse melhor o corpo, quando eu colocasse mais movimento, quando eu tirasse elas da cadeira, fizesse elas caminharem pela sala, fizesse elas sentirem aquilo que elas estavam vivendo (regente 3).

Muitos métodos de educação musical partem da ideia do estímulo do corpo e da voz como forma de proporcionar uma compreensão mais completa do fazer musical, como por exemplo os métodos Orff¹⁹ e Dalcroze²⁰. O coro pode garantir e proporcionar essa forma de construção da aprendizagem musical de maneira mais significativa, sendo o corpo o próprio instrumento musical dos participantes.

A consciência da regente 3 sobre este fato se deu a partir da observação de um ensaio aberto de um grupo coral iniciante durante o curso. O que mais a impressionou foi o fato de o grupo existir há apenas 4 meses, mesmo tempo de seu grupo no SESC, no entanto, a diferença de qualidade sonora dos participantes, segundo ela, era imensa. “Quando eu vi o coro, eu falei Meu Deus! [...] toda aquela expressão que eles já tinham, só tem 4 meses o coro” (Regente 3).

Ainda com relação a propostas com a utilização de movimento corporal alguns profissionais possuem trabalhos que têm se tornado referência na área de coro infanto-juvenil. Na atualidade, no Brasil, a proposta de coro cênico tem sido divulgada e apreciada por muitos profissionais. Coros como o do Instituto Baccarelli, em São Paulo, e São Vicente a Cappella no Rio de Janeiro, apresentam trabalhos importantes e consistentes com a utilização desta proposta.

No caso do Instituto Baccarelli “(...) a proposta é ofertar formação artística de excelência proporcionando desenvolvimento pessoal e criando a oportunidade de profissionalização” (UTSUNOMIYA, 201, p. 76). Este objetivo permite um trabalho de educação musical consistente e diferenciado com relação à estrutura encontrada, onde os regentes possuem uma equipe de profissionais, sendo ela composta de: regente, preparador vocal, preparador cênico, setor administrativo (cuidando das inscrições e comunicação com os pais), e, até mesmo, arranjadores. A partir destes modelos,

¹⁹ Método de ensino de música idealizado pelo educador musical alemão Carl Orff.

²⁰ Método de ensino de música idealizado pelo educador musical Austríaco Émile Jaques Dalcroze.

regentes de diversas partes do país têm se motivado a tentar executar este formato de coral com a proposta cênica. No entanto, vale ressaltar que as condições estruturais dos grupos nem sempre são semelhantes, limitando assim, a conquista dos mesmos resultados durante a utilização desta proposta. Os regentes entrevistados em Campo Grande, por exemplo, não possuem essa estrutura de trabalho que talvez fosse a ideal para a concretização de todas as nuances do processo de educação musical. Contudo, o encantamento com a proposta cênica tem feito com que os profissionais tentem inseri-la em seus grupos. A regente 1 descreveu sua tentativa de aplicar uma proposta semelhante e que não obteve sucesso, e compreende que havia algo que deveria ter trabalhado, mas não que sabia o que era,

Talvez um preparo anterior, elas ficam muito tímidas, os adolescentes detestam, acham a coisa mais sem graça do mundo e você não pode forçar, então isso aí pra mim não funcionou, eu queria até saber como deu certo para outras pessoas, porque eu acho muito bacana, é muito lindo de ver o resultado (Regente 1).

Ainda refletindo sobre o assunto, foi comentada a falta de domínio de construções coreográficas, o que poderia ser um fator de impedimento para a realização da proposta e afirmou ser muito complexo o excesso de atribuições deste professor, regente, “(...) é muita coisa para o professor, coitado, não dá conta não” (Regente1). Para Moreira (2015), nem todo regente está preparado para utilizar a proposta cênica, pois isso demanda um processo de mudanças aos regentes, sendo essencial a dedicação, empenho e criatividade, o que acaba por exigir mais tempo voltado à preparação e realização dos ensaios, sendo assim, muitas vezes, mais seguro executar um trabalho “tradicional” de canto coral (MOREIRA, 2015, p. 68). Além disso, caso decida-se pela utilização da proposta de coro cênico, a autora afirma ser necessário que o regente “promova uma atmosfera de confiança” com o intuito de facilitar a expressão individual respeitando os possíveis fatores emocionais envolvidos a fim de evitar traumas e/ou frustrações com a atividade (MOREIRA, 2015, p. 70).

Entendemos também ser necessário mais um tipo de conhecimento ao regente caso decida por utilizar essa forma de trabalho: uma vivência corporal por parte do regente, uma experiência vinda da aprendizagem e da experiência com a área de dança.

4.2.5 Desafios inesperados

Ao tratar sobre as questões de técnica vocal, a regente 3 enfrentou desafios diferenciados. Uma de suas alunas apresentava dificuldades na fala e ela precisou compreender qual era o problema para poder construir um novo formato de atuação: “(...) ela estava fazendo fono, devia ter 7 pra 8 aninhos, ela chegava assim....Ela não cantava no começo, ela balbuciava, ela tentava. No final ela não estava super cantando, mas ela estava conseguindo fazer muitas frases, vocalizes” (Regente 3).

Além dessa situação também teve uma experiência com o ingresso de uma aluna que possuía alguma dificuldade cognitiva, algum distúrbio mental, segundo ela. A aluna tinha 15 anos e permaneceu no grupo por pouco tempo, mas a regente, conseguiu observar algum resultado positivo, pois “(...) quando ela chegou ela gritava muito, ela não chegou a afinar, mas teve uma melhora” (Regente 3).

Situações como essa exigem que o regente possua um sólido conhecimento sobre a lida com coristas/alunos que apresentam necessidades especiais, e dos processos de inclusão. Isso dificilmente ficará desvinculado às questões de conhecimento sobre educação, neste caso, educação inclusiva, cada vez mais presente e exigido aos profissionais da área da educação. Este contexto permite que compreendamos a atuação do regente de coros infanto-juvenis sendo extremamente atrelada ao universo da **educação musical**.

O discurso do regente 5 deixa entrever sua compreensão inicial sobre o envolvimento da atividade com a atuação de um educador quando afirma entender que, em seu trabalho, ele deve sempre ter um olhar para a valorização da pessoa, para a formação humana, ampliando o olhar sobre os alunos que, muitas vezes, podem até estar doentes e você não estar sabendo. Ao mesmo tempo, destaca a importância da experiência musical:

É preciso ter um olhar cuidadoso para que essa atividade também contribua para a formação humana, se não tiver esse olhar humano as coisas não caminham. Por esses dias a gente estava discutindo, pensando quem serve pra ir pra escola trabalhar com música? O pedagogo que vai aprender música ou o músico que vai aprender a ser pedagogo? Eu ouvi essa discussão, eu até dei uma risada porque além da formação que é necessária em música ele precisa ter experiência musical, experiência musical é uma coisa que faz muita diferença, não é um ano, é uma experiência musical que eu falo, é experiência viva musical, experiência valorosa, é aquilo que você sente puxa vida isso eu entendo, isso aqui esse povo não sabe fazer porque eles não entendem, eles não tiveram vivência (Regente 5).

Essa possibilidade pedagógica e o cuidado com relação aos alunos de canto coral são abordados por D'Assumpção (2011) quando o autor afirma que o canto escolar pode contribuir “(...) para o desenvolvimento musical do aluno-cantor” assim como para a sua formação enquanto ser humano, e, por meio dessa experiência, da vivência musical, este aluno-cantor será preparado “(...) para exercer um papel, não de um simples espectador frente aos acontecimentos que, aceita passivamente e com os quais se conforma, mas, sobretudo, como de um indivíduo capaz de intervir neles através de ações críticas e transformadoras” (D'Assumpção, 2011, p. 123).

A inserção dos regentes no campo profissional se deu pela necessidade do mercado de trabalho. Apesar de todos os regentes serem Licenciados em música, a formação não destinava-se, especificamente, para uma ação profissional frente à coros infanto-juvenis o que trouxe dificuldades e fragilidades aos profissionais durante a inserção na carreira. Estes problemas como falta de conhecimentos sobre repertório, técnica vocal, formatação de ensaio, entre outros, mobilizaram os profissionais na busca por complementação formativa, tanto em cursos de complementação como por meio de busca de materiais sobre o assunto e, também, pelo compartilhamento de experiências com regentes mais experientes.

4.3 Categoria 3 – Elementos constituintes da profissionalidade dos regentes corais infanto-juvenis

Na categoria 3 pretendemos encontrar quais são os elementos constituintes da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis. Quais seriam as destrezas necessárias para sua inserção profissional. Segundo Sacristán (1999) a profissionalidade compreende aquilo que é específico da ação docente. Fazendo um paralelo com a ação do regente, como afirmado anteriormente, a literatura tem apontado a figura do regente professor ou regente-educador, termo utilizado por Moreira (2015), Junker (2013), D'Assumpção (2011), entre outros. O profissional assim compreendido reúne elementos da profissionalidade específicos à ação como regente bem como elementos próprios da ação docente, como apresentado no quadro 4 que encontra-se na página 105.

A profissionalidade não acontece se não houver o contato com o exercício prático profissional, portanto, é a partir desse contato que são formatadas e confirmadas quais as reais necessidades de conhecimentos, destrezas e valores de uma profissão e,

nessa articulação, é que se constitui a profissionalidade. O entendimento e o reconhecimento da profissionalidade do regente só será possível levando em conta a interação entre o regente e os cantores, as culturas e os contextos em que estão inseridos.

4.3.1 Conhecimento + Exercício Profissional = Aprendizagem da profissão

Todos os regentes participantes desta pesquisa compreendem sua condição de aprendizagem profissional extremamente dependente da experiência, compreensão esta que corrobora os apontamentos das pesquisas acerca da profissionalidade. No discurso do regente 5, notamos que muitos conhecimentos foram sendo adquiridos a partir do contato com a profissão, principalmente com relação às questões de comportamento e aprendizagem dos alunos. Ele compreende a vida de um regente como um mundo de descobertas a todo o momento, principalmente quando se trata do universo infanto-juvenil “(...) você precisa buscar, continuar buscando seu conhecimento, você precisa se construir, você precisa continuar a sua formação, pra que você consiga dar conta desse público” (Regente 5).

Para a regente 4, sua formatação profissional se deu na prática, ela afirmou isso com convicção várias vezes durante a entrevista. Este seria um ponto negativo na sua inserção na carreira, principalmente por acreditar que esse aprendizado depende de acertos e erros realizados, ou seja, é necessário o erro para que seja reconstruída a forma de ensino. Na dissertação de Utsunomiya (2011), a pesquisadora apresenta a mesma problemática no discurso da regente Silmara Drezza. Neste caso, as tentativas e erros citados por ela foram com relação aos aspectos de desenvolvimento motor e cognitivo da criança, alegando não ter sido contemplado este conhecimento durante seu processo formativo (UTSUNOMIYA, 2011, p. 87).

Apesar do relatado pela regente 4, ela não entende como algo angustiante em seu exercício profissional, “(...) a gente aprende, da próxima vez você não faz. No outro ano eu já tinha mais experiência de como agir com o coral, então daí a gente aprende com a experiência, com a prática”, o que não funcionou foi transformado e solucionado por novos caminhos construídos para as ações posteriores.

Foi desse jeito, porque a gente não tem assim uma solução no começo, então você vai aprendendo, errando, às vezes até acertando também, às vezes você

faz alguma coisa que tá certo então você continua naquele caminho, e o que não estiver você troca a sua ação e aí vai acertando (Regente 4).

O percurso, as experiências geram conhecimento e, aos poucos, vai dando maior segurança às ações dos profissionais frente aos seus grupos. Para a Regente 1:

Foi no percurso que eu fui aprendendo e criando confiança no meu trabalho...foi totalmente isso, eu acho que mesmo que o professor tenha um preparo, não sei, posso estar equivocada, mesmo que ele saia da faculdade, com curso e com habilidades técnicas, tocando bem e tudo que precisa para uma aula de canto coral, e ele vá pegar sua primeira turma, ele vai ter coisas que vai acabar sendo formada através das aulas, acho complicado não passar por isso, acho muito difícil, acho que todos acabam se formando pela prática, porque na faculdade é muito teórica (Regente 1).

É interessante ressaltar mais uma vez que, neste discurso, a entrevistada refere-se ao profissional como “professor”, aos ensaios como “aula de canto coral” e aos grupos como “turmas”. Este trecho mostra como estão imbricadas as figuras do regente e do professor, como o regente precisa apropriar-se de elementos próprios da profissionalidade docente para o sucesso de sua atuação profissional.

4.3.2 Inserção profissional – conhecimentos relevantes aos regentes iniciantes

Para compreender a visão dos regentes sobre o que é necessário para no exercício profissional, assim como a visão sobre o papel de sua formação em seu exercício profissional foram feitas uma série de questionamentos. Ao questionar os entrevistados sobre quais os aspectos essenciais para a inserção de um profissional de canto coral infanto-juvenil no mercado notamos, novamente, grandes semelhanças em seus discursos. É unânime, no discurso dos profissionais, a importância de conhecimento de **repertório e técnica vocal** adequado à faixa etária infanto-juvenil. Segundo eles não há muitos materiais disponíveis sobre o assunto e, considerando toda a formação sobre voz ter sido direcionada à voz do adulto, isso dificultou a realização dos trabalhos. Para o regente 5, a constituição do regente de coros infanto-juvenis deve compreender um:

Conhecimento de repertório mais amplo possível, construir a sua musicalidade o mais sensível possível, de forma que ele não seja limitado do ponto de vista de compreender as linguagens de cada gênero, estilo, se é popular, erudito ou folclórico. Ter um ouvido muito atento e cuidadoso. Existe um conhecimento intrínseco em cada contexto musical, a Margareth

Arroyo chama trata isso como Mundos musicais, esses mundos musicais nem sempre ensinará (sic) apenas música, eles querem ensinar outras coisas, mas música faz parte, na hora do gosto do regente ele vai ensinar aquilo que ele acha que precisa ouvir, mas ele precisa ter esse momento onde ele abre toda a sua escuta para que ele não seja limitado e, de forma que ele consiga pegar aquilo que as pessoas lhe trazem e, a partir daquilo, ele ofereça outras coisas e ele acrescente sensibilizar (Regente 5).

Ainda refletindo sobre a ação como um educador, o regente 5 destaca sua visão sobre a criança. Para ele a criança é clara, sincera e não está preocupada com algum resultado sonoro, ela só produzirá música se entender isso como algo importante para ela, “(...) ela pode fazer porque ela é obrigada, porque ela tem que cumprir, ou porque pra ela é realmente importante, então isso é mais difícil, a criança perceber que isso é mais importante”, e complementa salientando que este conhecimento sobre as nuances da criança faltou em sua compreensão inicial do trabalho. Entende que ainda é necessário ampliar sua compreensão deste universo a fim de colaborar com a oferta de um bom trabalho de educação musical aos alunos.

Nesse sentido faltou, isso foi dificultoso, e ainda acho que é uma coisa que é uma dificuldade que eu preciso melhorar, compreender um pouco mais isso, pra que eu consiga, não atender a todos, alcançar a todos que também eu acho que isso é utopia, mas que eu possa oferecer um bom trabalho e que eu entenda o jogo de cintura com criança, com essa criançada, o tempo da criança, tudo isso (Regente 5).

Ao tratar as questões educativas com a regente 1, foi intensa sua defesa de que a atividade está inserida em um processo educacional, sendo o regente também um professor.

Você é professor sim, você ensina muitas coisas e os alunos absorvem muitas coisas, mas a gente acaba desenvolvendo muitas funções também além de ser professor, mas a maioria do tempo é professor sim, desde ensinar a sentar numa cadeira, são coisas que muitas vezes as crianças, a postura delas, eu lembro que no início eles reclamavam das aulas, tudo é cansativo, depois eles acostumam com o ritmo e às vezes acaba a aula e falam: nossa já acabou! Querendo mais, querendo aprender mais o restante daquela música. É bacana a gente ver isso também, modificado aos poucos neles, mas...não é um trabalho fácil, é um trabalho árduo (Regente 1).

Esta compreensão da atividade como um processo educacional é tratada por todos os regentes e, também, como parte integrante da atividade, as apresentações são vistas como parte essencial da produção de um conhecimento musical. Segundo a regente 4, funciona como uma forma de recompensa, os alunos ficam felizes e

motivados ao ter o reconhecimento do esforço e dedicação vindo do público, e é o momento em que conseguem enxergar o resultado de todo o trabalho realizado durante o processo de aprendizagem. A regente ainda diz:

É extremamente importante para o trabalho, e eles falam, nossa professora nós que fizemos tudo isso? Fizeram tudo isso! E eles não percebem enquanto eles estão lá ensaiando. A partir da primeira apresentação que eles vão apresentar e que o pessoal começa a achar bonito, aquilo faz eles ficarem mais animados, melhora autoestima, então, a partir da primeira apresentação, já voltam para os ensaios querendo outra apresentação, já ficam assim se sentindo músicos, aí eles tem mais disciplina, aprendem a ter disciplina, aprendem a ter mais paciência, porque a gente não aprende num dia só a música, então a música dá tudo isso (Regente 4).

Os regentes entendem que as apresentações são necessárias ao desenvolvimento dos alunos, “(...) essa expectativa da criança, esse momento onde eu me coloco, onde você se expõe, você se mostra, então todos os seus valores estão ali nesse momento, tudo que você é, ou tudo que você tem se construído aparece nesse momento e a criança precisa sentir isso” (Regente 5). Para ele, as apresentações, além de possibilitar o desenvolvimento musical dos alunos, mostram para a escola o que está sendo realizado dentro do projeto e entende que:

A única maneira disso acontecer é no momento em que a gente compartilha. A gente mede de que forma estão, acho que esse é um termômetro do trabalho para o regente que está à frente. Ele sabe o que ele tem de material trabalhado, o que ele tem de produto, pra que ele consiga até mensurar ou dinamizar de forma que seu trabalho tenha mais resultados, de forma que ele possa melhorar metodologia, de forma que ele possa aproximar mais essa criança, que essa musicalização, essa *experencição* (sic) em música seja mais, e cada vez mais, estreita (Regente 5).

Com relação à valorização profissional apenas as Regentes 2 e 3 citaram o assunto. Para a regente 2 o salário é satisfatório considerando a carga horária de trabalho, no entanto, acredita que o excesso de cobranças por parte de sua chefia, com relação à manutenção de um número mínimo de alunos, tem feito com que outros professores decidam trabalhar como professores de Arte nas escolas e não nos projetos. Desta forma há alunos matriculados previamente, não sendo necessária uma busca constante e individual por interessados em participar do coral e, segundo ela a “cobrança é menor do que quem trabalha só em projeto” (Regente 2). Para a Regente 3, o bom salário a fez sentir maior motivação e interesse em realizar suas ações

em busca de resultados satisfatórios com o grupo. Isso não foi suficiente para perdurar na atividade. A regente buscou estabilidade financeira prestando concurso para professora de Arte da Escola Estadual já que seu local de atuação enquanto regente não oferecia essa garantia profissional.

Durante a realização da entrevista, os regentes foram questionados sobre quais seriam os conhecimentos essenciais para sua atuação profissional. Para eles, a troca de experiência com outros colegas e a incessante busca por suprir as necessidades do exercício profissional contribuíram para que eles tivessem uma visão ampla sobre esta atividade profissional frente ao coro infanto-juvenil. Abaixo se encontram alguns conhecimentos apresentados, pelos entrevistados, como importantes ao exercício profissional:

Quadro 3 1 – Conhecimentos necessários aos regentes corais infanto-juvenis: a visão dos profissionais.

Conhecimentos gerais de música	Conhecimento do docente
<ul style="list-style-type: none"> • Técnica vocal • Teoria musical: harmonia, acordes, arranjo, estrutura musical. • Manossolfa – sistema de leitura musical a partir de gestos e posições das mãos, onde cada nota corresponde a um sinal. • Respiração • Musicalidade sensível • Gêneros musicais/repertório: popular erudito folclore • Educação musical • Prática coral/experiência como regente • Ouvido desenvolvido/Percepção musical • Tocar um instrumento harmônico • Jogos musicais • Improvisação • Composição • Métodos Ativos • Vivência Musical • Fisiologia da Voz Infanto-Juvenil 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação interpessoal • Capacidade de adaptação dos conhecimentos aos locais de atuação • Planejamento • Didática • Psicologia • Pedagogia • Metodologias de ensino • Comportamento da criança e do adolescente

Fonte: Dados levantados pela autora para esta pesquisa.

Os conhecimentos apresentados foram construídos a partir da reflexão dos regentes sobre a atividade coral durante o processo de investigação desta pesquisa. O regente 5 enfatizou ser necessário ao regente de coros infanto-juvenis desenvolver pelo menos um nível intermediário de conhecimentos musicais juntamente com a experiência de fazer música, ou seja, que tenha uma vivência musical para garantir a realização de um trabalho mais adequado.

Tecnicamente e teoricamente é importante saber pelo menos até o intermediário, não sei o que a gente pode delimitar como intermediário em música, pra que ele tenha condição de ler a partitura, conhecimentos teóricos dentro de composição de música, encaminhamento das vozes, arranjos, acordes, o que é importante dentro das músicas, das canções, saber de estrutura, estruturas formais básicas para que ele possa trazer no momento em que ele apresenta essa possibilidade para ampliar o repertório desse público, ele consiga esclarecer de onde surgiu, o contexto e tenha vivência musical é importante, sem vivência musical não é possível (Regente 5).

É nítido no apontamento dos pesquisados uma maior preocupação com os conhecimentos inerentes à música. Isso se deve ao fato de seu exercício profissional estar diretamente ligado à performance musical. Não há educação musical por meio do coral sem o exercício do ato de cantar. No entanto é nítida a preocupação em encontrar formas de solucionar problemas do ato de ensinar, estando diretamente ligados à prática da profissão de professor, onde são necessários conhecimentos entorno do desenvolvimento e das questões de aprendizagem da criança e do adolescente. Segundo Clemente (2014), o regente “(...) é o principal responsável por um coral, portanto ele está respondendo diretamente pelo desenvolvimento musical dos coralistas”. Isso faz com que seja inerente, na atividade coral, o “processo de ensino e aprendizagem musical”, ocorrendo principalmente durante os ensaios onde o regente assume a postura de educador musical, necessitando adaptar suas estratégias didáticas de acordo com cada contexto em que está inserido (CLEMENTE, 2014, p. 41). Seguindo este mesmo raciocínio Fucci Amato, (2007) entende que:

Nas práticas corais junto a indivíduos sem prévio conhecimento musical, o coro cumpre a função de única escola de música que essas pessoas tiveram, na maior parte dos casos. Para que os resultados almejados sejam alcançados, o regente acaba desenvolvendo diversos trabalhos de educação musical, informando conceitos históricos, sociais e técnicos de música e desenvolvendo atividades que criem um padrão de consciência musical (AMATO, 2007, p. 83).

Com o intuito de aproximar o que a literatura tem apresentado sobre os conhecimentos, saberes, habilidades, competências do regente, apresentamos um resumo da visão acadêmica juntamente com o universo apresentado pelos entrevistados.

Quadro 4 – Conhecimentos necessários aos regentes – literatura/profissionais em exercício em Campo Grande.

Autores	Características e Conhecimentos musicais	Características e
---------	--	-------------------

		Conhecimentos extramusicais
Junker (2013)	Musicalidade, teoria musical, história da música, análise, forma, harmonia, contraponto, estilo, ouvido apurado/ouvido musical, capacidade de audição/auditar, ser sensível à afinação, dinâmica, agógica, qualidade sonora, experiência musical.	Intelectualidade, qualidade moral e pessoal, potencial didático, liderança, carisma, planejamento, respeito pelo ser humano, admiração pelos cantores, dedicação ao estudo, habilidade no tratamento com as pessoas, ensaio dinâmico.
Ramos (2003, 2007)	Técnica vocal, ouvido apurado (afinação, timbre), precisão rítmica, desenvoltura analítica e musicológica, domínio de repertório, interpretativa natureza estilística.	Cultura geral, literária, artística, técnicas de resoluções de problemas (atividades educativas, criação de estratégias para resultados), gerência de problemas interpessoais, liderança e carisma, ser empresário de seu grupo.
Sérgio Figueiredo (1989,1990 2005)	Música, estética musical, sabe o que pretende musicalmente, vivência e experiência musical, pedagogia vocal, conhecimento de repertório, saber fazer aquecimento vocal, ter uma sólida preparação vocal, técnicas de ensaio.	Psicologia, intelecto, conhecimento pedagógico, técnicas de aprendizagem, liderança, didática, saber orientar.
Utsunomiya (2011)	Músico tecnicamente competente	Liderança – fundamenta a vocação do regente, a falta desta habilidade está diretamente ligada ao prejuízo de qualidade musical do coral Educador – capacidade pedagógica, didática, noções de psicologia e pedagogia. Gestor – organização, planejamento e execução de funções.
D'Assumpção (2011)	Competência e habilidade técnica musical (não se limita a ensinar peças corais para a composição de repertório)	Regente educador-reflexivo (Paulo Freire) Preparo pedagógico, capacidade de gerenciamento e liderança.
Franchini (2014)	Análise Musical, Contraponto, História da música, Educação Musical, Gestual de regência, Percepção auditiva, Leitura Musical, Mudança vocal, Técnica Vocal.	Motivação, liderança, clareza nos objetivos, clareza de pensamentos e ideias, talento, pedagogia, didática, planejamento, afetividade.
Moreira (2015)	Redes de conhecimento musical, artístico. Deve ser capaz de extrair da partitura um conhecimento que vai além da decodificação de símbolos, procurando a essência da composição e, dessa forma transformando seu trabalho em arte.	Competência Administrativa
Garretson (1993)	Técnica básica de regência, pulsação, diversos tipos de compasso, estilo, dinâmica, fraseologia, voz, afinação, respiração, condução das vozes, técnica vocal, dicção, fonética, classificação vocal, saúde vocal e corporal, cuidados com a voz infante-juvenil,	Saber definir os objetivos do trabalho e planejar as ações Em primeiro lugar o regente coral é um organizador, depois um professor, e, por fim, um regente.
Rocha (2004)	Adquiridos – formação musical (infância, graduação) análise, contraponto, percepção, correpetição, composição.	Entende como conhecimentos natos ou inatos liderança – carisma, comunicação, animação, talento musical, aptidão física Formação intelectual – administração, psicologia, política, filosófica, cultural, estética, histórica, línguas Formação física – autoconhecimento, bons hábitos,

		disciplina, atividade física regular Relacionamento com o grupo – autoridade, autodomínio, objetivos claros, capacidade de planejamento, empatia, poder de argumentação.
Fucci Amato (2007)	Técnico musical, inteligência vocal, consciência respiratória, auditiva, prática de interpretação, produção vocal (diversas formações).	Gestão e condução de pessoas, motivação, aprendizagem e convivência em grupo, recursos audiovisuais, pesquisa, debate.
Regentes entrevistados	Educação Musical, Gestual de regência, Percepção auditiva, Leitura Musical, Mudança vocal, Técnica Vocal Manossolfa, Respiração, Musicalidade sensível, Gêneros musicais: popular/erudito/folclore, Tocar um instrumento harmônico, Jogos musicais, Composição, Métodos Ativos, Vivência Musical, Fisiologia da Voz, repertório.	Comportamento infanto-juvenil, psicologia, capacidade de adaptação aos locais de atuação, relação interpessoal, métodos de ensino, pedagogia, didática, planejamento, afetividade.

Fonte: Dados levantados pela autora para esta pesquisa.

A partir de uma visão geral sobre a formação dos regentes apresentada pela literatura somada aos discursos apresentados pelos regentes, entendemos que, para que esse “regente-educador” possa estar preparado adequadamente à sua função, em especial aqueles que se dedicam aos coros infanto-juvenis, seria **ideal** ter um vasto conhecimento, em diversas áreas, assim como apresentado pelos autores, sendo muito além da área específica de música, e sem considerar um mais ou menos importante do que o outro, mas, sim, como conhecimentos e habilidades complementares, para que este profissional consiga realizar um trabalho consistente de educação musical em seus coros infanto-juvenis. Abaixo apresentamos uma visão geral sobre os aspectos que poderiam auxiliar na realização do trabalho destes profissionais englobando: formação geral, formação musical, técnica vocal e educação musical.

Ao tratar sobre os conhecimentos musicais e a formação musical entendemos ser importante ter uma formação musical consistente, que talvez ainda esteja distante de acontecer em todas as localidades, porém, serve como uma meta a ser alcançada. Neste aspecto entram teoria musical, história da música, análise musical, forma musical, contraponto, estilos, leitura musical, fraseologia, composição, interpretação, percepção musical, musicalidade desenvolvida, decodificação de símbolos musicais e tocar um instrumento musical. Com relação a conhecimentos específicos de regência foram apontados: técnica básica de regência (gestual), técnicas de ensaio e condução das vozes. O trabalho com a voz, principalmente infanto-juvenil, torna necessária a compreensão sobre questões de afinação, qualidade sonora, muda vocal, aquecimento vocal, preparação vocal, dicção, fonética, classificação vocal, saúde vocal, cuidados

com a voz, respiração e fisiologia da voz para possibilitar o ensino do ato de cantar de forma segura e musicalmente coerente. Com relação à educação musical encontramos como essenciais aspectos sobre pedagogia vocal, conhecimento de métodos ativos, manossolfa e jogos musicais, que facilitariam o processo de ensino aprendizagem do canto coral.

Também foram apresentados conhecimentos e capacidades essenciais aos regentes sem relação específica com a área musical: cultura geral (literatura/artística), línguas, política, filosofia, estética e história; na área de gestão/administração/empresário – liderança, carisma, planejamento, organização e execução, relações interpessoais, psicologia; na área de educação – psicologia, métodos de ensino, comportamento infanto-juvenil, pedagogia; e, características individuais de autoconhecimento, disciplina de estudo, afetividade, respeito ao ser humano e capacidade de adaptação aos contextos.

Desta análise da literatura e da comparação dos aspectos apresentados pelos regentes, é nítida a necessidade de um compêndio de conhecimentos para que possam auxiliar na realização do trabalho de um profissional de regência coral infanto-juvenil. Notamos não ser possível garantir um processo educacional de qualidade caso o regente desconheça as questões que envolveriam a atividade de um professor e, também, a realização de uma prática musical aos cantores sem a experiência e os conhecimentos em torno da música e do desenvolvimento vocal infanto-juvenil por parte do regente.

Portanto, a partir das discussões realizadas entendemos que é necessário um conjunto de fatores (saberes, destrezas, habilidades) para que as ações destes profissionais possam estar de acordo tanto com as questões relacionadas ao fazer musical, assim como com as questões didáticas e pedagógicas do ato do ensino de música.

A profissionalidade destes regentes, em Campo Grande, foi constituída pela soma dos conhecimentos prévios formados desde sua iniciação musical na infância, colocados em diálogo com os conhecimentos formatados durante a graduação em música e, ainda, com a aquisição de destrezas profissionais adquiridas a partir das experiências realizadas durante o exercício profissional. A ação profissional como regentes poderia ter sido mais adequada, na visão dos entrevistados, se, durante o processo de formação na licenciatura, a atividade coral infanto-juvenil tivesse sido considerada como um importante meio para a realização de um processo de educação musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada sobre a iniciação profissional e a constituição da profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, possibilitou uma contribuição para a construção de reflexões sobre a prática coral como uma ferramenta propícia à educação musical e sobre as necessidades destes profissionais em seu campo de atuação.

Desta forma, a compreensão do conceito de “profissionalidade” e “profissionalidade docente” nos auxiliou na busca das características dos regentes de coros infanto-juvenis em contato direto com o exercício profissional. A abordagem sobre profissionalidade nos remete a todas as questões que envolvem a ação docente, diretamente vinculada com o exercício profissional, sendo assim, a união de diversos conhecimentos teóricos e práticos tornam-se relevantes para a caracterização destes profissionais.

O estudo em torno do exercício profissional dos regentes atuantes na cidade de Campo Grande, durante a fase inicial da profissão, foi esclarecedor, em especial por evidenciar quais são os aspectos relevantes para a inserção no mercado de trabalho, revelando as potencialidades e fragilidades deste importante campo de trabalho na área da educação musical.

A observação do campo empírico juntamente com a revisão de literatura sobre a área de regência coral permitiu uma compreensão sobre a problemática entre os aspectos considerados essenciais para a atuação profissional dos regentes e as características diferenciadas encontradas no universo do exercício da profissão. Notamos um avanço na produção de pesquisas focando o canto coral infanto-juvenil nos últimos anos e isso tem ampliado as discussões referentes aos cuidados necessários sobre o processo de educação musical por meio do canto coral possibilitando que novas ações sejam propostas e efetivadas. No entanto, ainda há a necessidade de um olhar mais específico com relação às necessidades reais dos regentes a partir de seu campo de atuação.

Para tanto realizamos um estudo de casos múltiplos realizado por meio de entrevistas. Inicialmente foi realizado um levantamento virtual, por meio de um questionário, com o intuito de mapear a atividade dos regentes corais do município. A partir deste mapeamento foram escolhidos, para a fase de entrevistas, aqueles profissionais atuavam em coros infanto-juvenis na cidade, em fase inicial na profissão

(até dez anos de exercício profissional). Desta forma, pudemos encontrar de que maneira tem ocorrido a formação e quais os elementos são constituintes da profissionalidade, assim como os processos formativos, as dificuldades no início de carreira e a influência dos locais de atuação na constituição dos regentes de coros infanto-juvenis de Campo Grande, MS e, ainda, possibilitou visualizar a percepção dos regentes sobre seu percurso formativo.

Para uma melhor organização e análise dos dados levamos em conta três categorias para a investigação das características constituintes da profissionalidade dos regentes corais infanto-juvenis pesquisados: elementos da profissionalidade, formação profissional e ação profissional. A partir disso, pudemos construir uma mostra dos aspectos relacionados diretamente com o exercício da ação educativa dos profissionais atuantes dentro dessa faixa etária específica no município.

Não tínhamos como objetivo desta pesquisa apenas realizar a coleta de dados apenas com licenciados em música, afinal compreendermos, a partir da observação do campo empírico, que há uma grande diversidade de perfis de profissionais atuantes nos coros. No entanto, todos os participantes que atenderam aos critérios de seleção e se dispuseram a contribuir com a pesquisa são egressos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Alguns autores como Pires (2015) e Pereira (2013) têm apontado que as licenciaturas em música têm formado professores de música capazes de atuar em diversos locais de ensino dificultando a caracterização de uma profissionalidade clara e evidente aos seus egressos, e ainda evidenciando uma dualidade no processo de formação: música e educação (PEREIRA, 2013, p. 115). Essa dualidade é o que tem caracterizado os “diferentes tipos de profissionais: músicos, músicos professores de músicos, músicos professores de música, professores especializados em música, professores com treinamento em música” (PEREIRA, 2013, p.117), e, acrescentamos aqui, os “regentes-educadores”.

Estes profissionais, formados, em contato com o campo de atuação precisam adaptar seus conhecimentos de acordo com a necessidade encontrada no mercado de trabalho. Isso ficou evidente nos dados coletados, quando os licenciados em música afirmaram terem se tornado, ou direcionado sua atuação como regentes, adaptando-se ao ensino da música por meio do canto coral a partir de propostas de trabalho, ou seja, necessitando buscar por referências e conhecimentos complementares a partir da necessidade de seu exercício profissional. A falta de experiência nesta área gerou aos então regentes, dificuldades de compreensão sobre o que e como deveria ser ensinado e,

também, a construção de um processo de ensino baseado em experiências de tentativas e erros no ato de lecionar/reger independente dos contextos de atuação.

Outra característica comum apresentada pelos pesquisados, e que são constituintes da profissionalidade dos regentes corais infanto-juvenis de Campo Grande, foi a busca contínua por alternativas para suprir a falta de conhecimentos específicos sobre regência coral infanto-juvenil. Questões envolvendo técnica vocal e repertório, adequados à faixa etária, foram tratados como essenciais para a realização do trabalho e que pouco foi estudado durante o processo formativo, pois a maior parte dos cursos vivenciados por eles destinava-se a prática coral de adultos dificultando a adaptação ao seu contexto de atuação.

Muda vocal, afinação, técnica vocal, escolha de repertório adequado, forma de ensinar canções para várias vozes foram algumas das habilidades que aos poucos foram sendo melhoradas e transformadas a partir do exercício profissional. Os regentes são capazes de enxergar a formação anterior ao seu exercício profissional como relevantes ao processo de ensino, todavia acreditam ser necessária uma formação focada ao público infanto-juvenil como garantia de uma educação musical mais adequada.

A busca por conhecimentos adequados à necessidade encontrada a partir do mercado de trabalho foi relatada por todos os regentes. Portanto é característica destes profissionais uma ação de estudo contínua com o intuito de suprir a falta de conhecimentos anteriores ao exercício da profissão. Para isso consultaram outros regentes no intuito de compreender as funções dos regentes infanto-juvenis, o funcionamento da atividade coral destinada ao público alvo e qual a melhor forma de realizar este trabalho educativo.

A formação continuada se deu a partir de cursos, nem sempre destinados ao coro infanto-juvenil, necessitando uma adaptação contínua dos conhecimentos ao contexto de atuação. A constituição destes profissionais foi se transformando a partir das necessidades encontradas no exercício profissional e do campo de atuação, moldando a forma de pensar e agir de acordo com os desafios encontrados. Nos primeiros anos de profissão isso pode ser um fator decisivo na decisão em permanecer exercendo a função de regente ou na escolha de mudar de local e tipo de atuação.

Ainda sobre sua formação, os regentes relataram haver um distanciamento da licenciatura com relação à realidade de trabalho encontrada pelos licenciados. Para eles essa realidade é mais dura, onde, muitas vezes, não é encontrado um espaço adequado e nem instrumentos de apoio para a realização da atividade. Além disso, o regente coral

acaba atribuindo um excesso de funções frente ao coro, condição diferente do apresentado nos cursos de capacitação. O regente acaba realizando sua ação individualmente e sem contar com o auxílio de uma equipe de apoio para atividade, ele faz a divulgação da atividade, o planejamento das apresentações (lanche, ônibus, autorização), é o instrumentista acompanhador do grupo, realizam preparação vocal, adaptam os arranjos das músicas, organizam as salas para os ensaios, elaboram projetos para uniformes.

O campo de atuação dos regentes de Campo Grande é variado, atuando em escolas particulares e públicas, ONGs e instituição do comércio, gerando diferentes contextos de atuação com diferentes condições de trabalho. No entanto, isso não fez com que os conhecimentos fossem apresentados de forma distinta pelos profissionais. Para eles é essencial que os regentes tenham conhecimentos da área de música e, também, sobre as condições de aprendizagem infanto-juvenil: técnica vocal, teoria musical: harmonia, acordes, arranjo, estrutura musical, manossolfa – sistema de leitura musical a partir de gestos e posições das mãos, onde cada nota corresponde a um sinal, respiração, musicalidade sensível, gêneros musicais/repertório: popular erudito folclore, educação musical, prática coral/experiência como regente, ouvido desenvolvido/percepção musical, tocar um instrumento harmônico, jogos musicais, improvisação, composição, métodos ativos, vivência musical, fisiologia da voz infanto-juvenil, relação interpessoal, capacidade de adaptação dos conhecimentos aos locais de atuação, planejamento, didática, psicologia, pedagogia, metodologias de ensino, comportamento da criança e do adolescente. Assim como qualquer docente há a necessidade de agregar conhecimentos específicos de uma área juntamente com conhecimentos relacionados à área educativa.

Tendo em vista todos os dados apresentados, compreendemos que há uma necessidade de ampliação de reflexão sobre **as condições formativas dos regentes** de acordo e condizente com as necessidades encontradas no mercado de trabalho. Isso facilitaria a inserção e adaptação dos profissionais no campo de atuação, diminuindo os riscos de realizar um ensino musical baseado em um método de tentativas e erros. Assim como apresentado por eles, seria de grande importância a possibilidade de realização de observação desta atividade por profissionais mais experientes a fim de ampliar a visão dos novos regentes sobre a prática coral infanto-juvenil, preparando mais adequadamente estes interessados em atuar neste nicho profissional.

Desde a revisão de literatura observa-se um discurso que busca um amálgama entre a profissionalidade do regente e a do professor. Tal discurso é flagrante nas falas dos entrevistados: o ensaio visto como “aula” de canto coral, os coralistas frequentemente identificados como alunos, o regente que enfrenta dificuldades de caráter pedagógico ao longo de sua inserção no mercado de trabalho.

Em consequência disto, está presente na fala dos sujeitos fontes desta pesquisa a reivindicação de uma formação mais próxima da realidade, em diálogo com as necessidades demandadas pelas situações cotidianas do início da ação profissional.

Algumas considerações fazem-se necessárias. Em primeiro lugar, há duas questões que se diferenciam: o regente que tem a performance do coro como fim (e, para construí-la age muitas vezes como professor de música); e o professor que vê o canto coral como ferramenta de uma proposta de ensino de música (que culmina, geralmente, com uma performance final).

Nesta perspectiva, a compreensão de aspectos relacionados à profissionalidade colabora para a reflexão em torno da formação destes profissionais. Do ponto de vista do regente, geralmente certificado como tal após a conclusão de um curso técnico de regência e/ou de bacharelado, evidencia-se a necessidade de que questões pedagógicas sejam trabalhadas ao longo deste processo formativo, ao lado dos conhecimentos musicais comumente envolvidos em cursos desta natureza. Questões metodológicas, didáticas, pedagógicas, sociológicas, psicológicas, entre outros, acabam por compor o complexo de saberes, habilidades e valores de um profissional que, muitas vezes, não se verá à frente de um grupo já iniciado musicalmente, com sujeitos prontos e disponíveis para um trabalho que visa a performance musical.

Com relação ao professor, cuja formação inicial se dá em cursos de licenciatura, aspectos técnicos da regência e música, e também questões pedagógicas, metodológicas, e didáticas mais específicas e próximas do canto coral poderiam ser consideradas como optativas ou, até mesmo, obrigatórias se considerarmos uma modalidade “Regência coral”.

É interessante que, no caso dos sujeitos envolvidos nesta investigação, as reclamações e reivindicações no que diz respeito à formação parecem paradoxais, uma vez que nas licenciaturas é comum cursar disciplinas que tratem de temas como a psicologia do desenvolvimento e metodologias do ensino da música, por exemplo.

O estágio (ou a prática de regência coral) em situações reais, observando e mesmo intervindo, é outra sugestão frequente nos discursos coletados. Entretanto, nada

impede que o estágio obrigatório seja realizado em espaços escolares onde a prática coral está presente. Já no bacharelado, o estágio não obrigatório é um caminho que se abre neste sentido.

Em ambos os casos, aspectos mais relacionados à produção e gestão do grupo são também áreas que poderiam ser melhores exploradas na formação deste profissional. O que chama a atenção, contudo, é que a opção pela regência coral – pelo menos nos casos estudados em Campo Grande – MS – não se dá a priori, durante o processo formativo (neste caso, a licenciatura em música). O caminho da regência é definido no contato e a partir das demandas do mercado de trabalho, especialmente no período de iniciação profissional.

Tal situação nos conduz a pensar que uma boa saída, neste contexto específico, é a criação de cursos de formação continuada direcionados à regência de coros, bem como cursos de pós-graduação (como especializações, por exemplo).

Outra questão a ser considerada, é a inclusão de reflexões em torno do repertório mais adequado às diferentes faixas etárias, e também aos diferentes contextos sociais dos coros. A organização de oficinas de arranjos corais, por exemplo, parece ser uma boa sugestão para os encontros de regência coral que já ocorrem na região.

Também a criação de fóruns locais (e quem sabe de alcance mais amplo) de discussão da temática, para troca de experiências e de materiais, é outra possibilidade que pode dinamizar o desenvolvimento da profissionalidade, contribuindo não somente para aqueles em fase de iniciação profissional.

Em todo caso, investigações desta natureza, que tragam à tona questões envolvidas com a iniciação profissional de licenciados em música e também de egressos de cursos de bacharelado, são essenciais para alimentar o debate em torno da formação destes profissionais.

Debates que permitam um diálogo entre a formação inicial, a realidade de trabalho e a possibilidade de caminhos para uma formação continuada; entre a universidade e a comunidade; entre os cursos de licenciatura e os múltiplos espaços em que o professor de música pode vir a atuar – bem como as múltiplas facetas profissionais que a realidade de trabalho (mesmo as escolas de educação básica) podem demandar destes profissionais.

Neste trabalho, apesar de não ser necessariamente a intenção inicial, acabamos por conhecer alguns aspectos do regente de coros infanto-juvenis com formação inicial na licenciatura em música, que veem seus coros como ferramentas para os processos de

ensino aprendizagem de música. Novas investigações desta natureza em outras localidades são fundamentais para se aprofundar as questões aqui levantadas. Pesquisas que podem transcender a regência coral como atividade profissional dos licenciados, contribuindo para a reflexão em torno da profissionalidade construída em outras das múltiplas possibilidades de atuação do licenciado. Pesquisas com regentes sem uma formação musical de caráter formal, institucionalizado; com regentes egressos de cursos técnicos e de bacharelados; regentes que atuam em coros cuja finalidade última é a performance musical.

São vários os caminhos que se abrem, todos eles contribuindo para a reflexão em torno dos processos formativos do professor de música, do regente de coros, do professor-regente, do regente-educador.

As várias finalidades dos coros, as diferentes posturas dos regentes, a multiplicidade de possibilidades do professor: os estudos em torno da profissionalidade certamente têm muito a contribuir para a compreensão dos caminhos possíveis para a construção de um profissional complexo, que se movimenta por caminhos inter, trans e multidisciplinares, formando-se ao longo deste caminhar, e alimentando-se do profícuo diálogo que se estabelece entre música e educação.

Referências

- ANDRADE, Debora. A metodologia de Bartle para o trabalho com crianças “desafinadas” por meio do canto coral: uma prática inclusiva. *Revista Tecer* vol. 3, nº4. Belo Horizonte, 2010. Disponível em <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/9>> Acesso em: 10/04/2015.
- BARRETO, Ceição de Barros (1970) *in* LEMOS Jr., Wilson. As finalidades do Canto Orfeônico na escola secundária brasileira (30 e 40). III Congresso brasileiro de história e educação. PUC-PR, 2004. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/170.pdf>> Acesso em: 14/02/2015.
- BEHLAU, Mara Suzana, REHDER, Maria Inês Beltrati Cornachioni. Perfil Vocal de Regentes Corais do Estado de São Paulo. *Revista CEFAC*, v.10, n.2, p.206-217. São Paulo 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v10n2/a10v10n2.pdf>> acesso em: 12/08/2016.
- BRASIL, Congresso Nacional. LEI 8069, Estatuto da Criança e do Adolescente.1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm> Acesso em: 10/02/2015.
- BRITO, Teca de Alencar. Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical. Editora Fundação Peirópolis. São Paulo, 2001.
- CLEMENTE, Louise. Estratégias didáticas no canto coral: estudo multicaso em três corais universitários da região do Vale do Itajaí. Florianópolis: Dissertação de Mestrado. PPGMUS/UDESC, 2014. Acesso em: 14/04/2015.
- COSTA, Patrícia. Coro juvenil: por uma abordagem diferenciada. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio e Janeiro. Programa de pós-graduação em música. Rio de Janeiro, 2009.
- D’ASSUMPÇÃO, José Teixeira Junior. A pedagogia crítica de Paulo Freire e as práticas do Regente-educador de corais escolares. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2011.
- DEL BEN, Luciana. A delimitação da educação musical como área de conhecimento: contribuições de uma investigação junto a três professoras de música do Ensino Fundamental. Em pauta v. 12. Rio Grande do Sul, 2001.
- ESPERIDIÃO, Neide. Educação musical e formação de professores – suíte e variações sobre o tema. Editora Globus. São Paulo, 2012.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A prática coral na formação musical: Um estudo em cursos superiores de licenciatura e bacharelado em música. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1990.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? Revista Eletônica da ANPPOM, OPUS 1, p.72-78, 1989. Disponível em <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/9/13>> Acesso em: 14/04/2015.
- FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes. Curitiba: Dissertação de Mestrado. PPGMUS/UFPR, 2014.
- GARRETSON, Robert L. Conducting Choral Music. 7ª Edição. Editora Prentice Hall. New Jersey, 1993.
- GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educ. Soc. v. 31, n. 113, p. 1355-1379. Campinas, 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br.>> Acesso em: 20/06/2015.
- GIL, Antonio Carlos Gil. Como classificar as pesquisas com base em seus objetivos? 4ª Edição. Editora Atlas. São Paulo, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt, INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. Revista de Administração de empresas. V. 35, n. 2, p. 57-63. São Paulo, 1995. Disponível em <<file:///C:/Users/Cinara/Downloads/38183-75982-1-PB.pdf>> Acesso em: 05/02/2016.
- GOLDEMBERG, Ricardo. Educação Musical: A experiência do Canto Orfeônico no Brasil. Revista Prop-Posições, V.6, nº3, p. 103-109. Campinas, 1995. Disponível em <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto676.html>> Acesso em: 14/04/2015.
- GRINGS, Bernardo. O ensino da regência na formação do professor de música: um estudo em três cursos de licenciatura em música da região Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. PPG em Música UDESC. Florianópolis, 2011.
- HOBOLD, Marcia de Souza. A constituição da profissionalidade: um estudo sobre a construção da docência dos professores de educação profissional. Contrapontos, v. 4, nº2. Santa Catarina, 2006. Disponível em <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/781>> Acesso em: 11/10/2015.
- HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: Vida de Professores. Coleção Ciências da educação. 2ª edição. Porto Editora. Porto, 2013.
- JUNKER, David. Panoramas da Regência Coral: Técnica e Estética. Escritório de Histórias. Brasília, 2013.
- LIMA, Emília Freitas de; CORSI, Adriana Maria; MARIANO, André Luiz Sena; MONTEIRO, Hilda Maria; PIZZO, Silvia Vilhena; ROCHA, Gisele Antunes; SILVEIRA, Maria de Fátima Lopes da. Sobrevivendo ao início da carreira docente e permanecendo nela. Como? Por quê? O que dizem alguns estudos. Educação e

Linguagem, ano 10, nº15. Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/issue/view/12>> Acesso em: 14/05/2015.

LÜDKE, Menga e BOING, Luis Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616>> Acesso em: 14/05/2015

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª edição. Editora Atlas. São Paulo, 2012.

MENEZES, Eстера Muszkat e SILVA, Edna Lúcia da Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC. Florianópolis, 2001.

MICHAELIS. Dicionário *on line*. Editora Melhoramentos. 2012.

MOITA, Mary Louise Holly. Investigando a vida profissional dos professores: Diários Biográficos. In: Vida de Professores. Coleção Ciências da educação. 2ª edição, Porto Editora. Porto, 2013.

MOTA, Cinara Ribeiro; ANDRADE, Débora; LINHARES, Leonardo Barreto. Canto Coral e Muda Vocal na Educação Básica: Contribuições para a formação do educador musical. XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. P.556-564. Vitória, 2011. Disponível em <<http://docslide.com.br/documents/canto-coral-e-muda-vocal-na-educacao-basica-contribuicoes-para-a-firmacao-do-educador.html>> Acesso em: 14/04/2015.

MONTEIRO, A. Reis. Profissionalidade e suas refrações. Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, V. 1, nº2. Escola Superior de educação. Universidade de Lisboa, 2010.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim; RAMOS, Marco Antonio da Silva. Coro infanto-juvenil: aspectos do trabalho do regente-educador. In: II Jornada Acadêmica Discente – PPGMUS ECA/USP, 2011, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em <<http://www3.eca.usp.br/pos/ppgmpa/eventos/jornadas-discentes/segunda-jornada>> Acesso em: 14/04/2015.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim. Regência coral infanto-juvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU. São Paulo Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 2015.

MORGADO, J. Carlos. Novo estatuto da carreira docente: Que desafios? Revista Portuguesa de Pedagogia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Ano 41-1, 2007. Disponível em <<http://iduc.uc.pt/index.php/rppedagogia/issue/view/65>> Acesso em: 14/05/2015.

MORGADO, J. Carlos. Identidade e profissionalidade docente: sentido e (im) possibilidades. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. FAP – UNIFESP. São Paulo, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>> Acesso em: 14/05/2015.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Editora: Nova Enciclopédia. Lisboa, 1995.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Editora Dom Quixote, p.13-33. Lisboa, 1992. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf> Acesso em: 14/05/2015.

NÓVOA, António. Revista Nova Escola, Edição 142, 1992. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/formacao/formacao-continuada/professor-se-forma-escola-423256.shtml>> Acesso em: 14/05/2015.

OLIVEIRA, Fernando Martins Mourão Oliveira. Construindo o Canto Coral: a construção dos conhecimentos musicais no ensaio coral à luz da teoria sócio-histórica de Vigotsky. Dissertação de mestrado. PPG Educação, arte e história da cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.

PIRES, Nair Aparecida Rodrigues. A profissionalidade emergente dos licenciandos em música: conhecimentos profissionais em construção no PIBID música. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2015.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. O ensino da regência coral. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. Comunicantus: Laboratório Coral – A estruturação de um pensamento pedagógico em Canto Coral na Universidade de São Paulo e a formação de regentes corais. In: Encontro Anual da ABEM, Campo Grande-MS, 2007, Anais..., 2007.

RASSLAN, Manoel Câmara. Painéis Funarte de regência coral (1981-1989): de política cultural à política curricular. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2013.

REQUIÃO, Luciana. Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. Revista da ABEM nº7. 2002. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cinara/Downloads/432-1579-1-PB.pdf>> Acesso em: 14/05/2015.

ROCHA, Áurea Maria Costa. Profissionalidade docente: objetivo de uma reconfiguração em cursos de formação de professores na universidade? XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, UNICAMP. Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.infoteca.inf.br/endiPE/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivo_s/acervo/docs/2959b.pdf> Acesso em: 14/05/2015.

ROCHA, Ricardo. Regência, uma arte complexa: Técnicas e reflexões sobre a direção de orquestras e corais. Editora: Ibis Libris. Rio de Janeiro, 2004.

ROLDÃO, Maria do Céu. Professores para quê? Para uma reconceptualização da formação de profissionais de ensino. Revista Discursos. Série: perspectivas em

educação nº2. Universidade Aberta. Portugal, 2004. Disponível em:
<<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/160>> Acesso em: 14/05/2015.

ROLDÃO, Maria do Céu. Profissionalidade docente em análise – especificidades dos ensinos superior e não superior. Nuances: estudos sobre educação – ano XI, v. 12, n. 13. UNESP. Presidente Prudente, 2005. Disponível em:
<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1692/1601>> Acesso em: 14/05/2015.

SACRISTÀN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António. Profissão Professor. Coleção Ciências da Educação. 2ª Edição. Porto Editora. Porto, 1999.

SCHIMITI, Lucy Maurício. Regendo um coro infantil. Revista Canto Coral, Ano II, Nº 1, 2003. Disponível em:
<http://www.uel.br/pos/musica/pages/arquivos/Regendo_um_coro_infantil.pdf> Acesso em: 14/04/2015.

TEIXEIRA, Lucia Helena Pereira. Espaços de atuação e formação de regentes corais: os desafios do contexto. *In*: SOUZA, Jusamara. *Aprender e ensinar música no cotidiano*. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2009. P.189 – 210.

TEIXEIRA, Cristina Maria D'Ávila; LEAL, Antonio Batista. Nos labirintos da docência universitária: saberes profissionais construídos em redes educativas. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP. Campinas, 2012. Disponível em:
<http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1548b.pdf> Acesso em: 14/05/2015.

TEIXEIRA, Cristina Maria D'Ávila; LEAL, Antonio Batista; BERNARDES, Monique. Profissionalidade de Práxis pedagógica no ensino superior. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Sergipe, 2010. Disponível em:
http://educonse.com.br/2010/eixo_13/e13-14.pdf. Acesso em: 14/05/2015.

UTSUNOMIYA, Mirian Megumi. O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades. São Paulo: Dissertação de Mestrado. PPGECA/USP, 2011.

VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil: Um estudo de repertório inserido em uma nova estética. Editora: UNESP e FUNARTE. São Paulo e Rio de Janeiro, 2008.

ANEXOS

ANEXO A – LEVANTAMENTO

Anexo A - Levantamento do perfil dos regentes corais de Campo Grande - MS.

1) O (a) senhor (a) trabalha como regente de coros em Campo Grande - MS?

- Sim
- Não

2) Há quanto tempo o (a) senhor (a) atua como regente de corais?

- a) Menos de um ano
- b) 1 a 2 anos
- c) 2 a 3 anos
- d) 4 a 5 anos
- e) 5 anos ou mais

3) Em quantos grupos o (a) senhor (a) atua atualmente?

- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais

4) Como foi o início de sua atuação como regente de coros? Descreva quais as estratégias desenvolvidas durante sua iniciação profissional.

5) Qual a faixa etária atendida em seus grupos?

- a) Infantil – abaixo dos 12 anos
- b) Infante – Juvenil
- c) Juvenil – acima dos 13 anos
- d) Juvenil/Adulto
- e) Adulto (acima dos 20)
- f) Terceira Idade

Outro:

6) Os grupos atendidos pelo (a) senhor (a) são ligados a:

Caso sejam duas ou mais opções escolher a opção Outro e identificar os locais de atuação.

- a) Instituição de Ensino
- b) Projetos Sociais
- c) Instituição religiosa
- d) Escola de música

Outro:

7) Qual o principal objetivo do grupo coral em que atua?

- Caso selecione outro favor descrever o objetivo.
- Realização de apresentações musicais
- Sociabilização por meio do canto coral
- Possibilitar a iniciação musical por meio do canto coral
- Entretenimento por meio do canto coral

Outro:

8) O trabalho de regência é desenvolvido individualmente ou há a colaboração de outros profissionais?

9) Caso haja a contribuição cite quais são as habilitações deles.

O (a) senhor (a) possui formação em Música?

- Sim
- Não

10) Se sim qual?

a) Bacharelado em música com habilitação em canto

b) Bacharelado em música com habilitação em instrumento _____

c) Bacharelado em Composição e Regência

d) Licenciatura plena em Música

e) Curso Técnico em Música

f) Cursos livres em Escolas Especializadas de música

g) Aulas particulares de música

Outro:

11) Durante sua formação em música o (a) senhor (a) teve aulas de regência Coral?

- Sim
- Não

12) Se sim, durante quantos semestres?

- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais

13) De que maneira sua formação em música contribuiu ou contribui para a sua atuação como regente de coros?

14) O (a) senhor (a) tem participado de cursos de aperfeiçoamento na área de regência Coral para a complementação de seu conhecimento?

- Sim
- Não

ANEXO B – PROTOCOLO DE ESTUDO DE CASO

A profissionalidade dos regentes de coros infante-juvenis de Campo Grande - MS – Pesquisa de Mestrado PPG Música em Contexto-UNB
Cinara Baccili Ribeiro (Marcus Vinicius Medeiros: Orientador)

Protocolo de pesquisa/Justificativa

PROTOCOLO DE PESQUISA –

O objetivo da realização de entrevista é identificar nos discursos dos regentes quais são as características da profissionalidade do regente nos anos iniciais da carreira.

Segundo YIN (2005) as entrevistas são fontes essenciais de informações para o estudo de caso. Para isso é indicada a realização de um protocolo do estudo de caso, evidenciando os objetivos e as possíveis indicações de evidências que poderão ser coletadas durante o processo de entrevistas.

É necessário, ainda segundo o autor, que a elaboração das questões considere as necessidades de investigação de forma não tendenciosa, considerando a realidade. Para o autor é importante que as questões sejam cuidadosamente preparadas com o objetivo de não colocar o investigado numa posição defensiva, para tanto é indicada a substituição do “por que” por “como”.

O autor apresenta vários tipos de entrevista, a escolhida para esta coleta foi a ENTREVISTA FOCADA, realizada em um curto período de tempo, por volta de uma hora, contando questões prontas, baseadas em um PROTOCOLO, cuidadosamente formuladas para que o entrevistador pareça ingênuo, o que permite ao respondente a inclusão de comentários.

Questões preparatórias para a realização de estudo de caso/coleta de dados/entrevistas

Nome completo: _____ Nascimento: ___/___/_____

Ano em que iniciou estudos musicais: _____ Tipo de formação? _____

Ano que iniciou a atuação profissional como regente de coros infante-juvenis: _____

Em qual instituição/grupo exerce a atividade como regente de coro infante-juvenil?

1. Em situações normais quantos dias durante a semana são realizados os ensaios nos grupos em que atua?

() 1 dia () 2 dias () 3 dias () mais de 3 dias quantos? _____
(objetivo – identificar em qual fase da iniciação profissional o regente está/ estima-se encontrar uma média de um ensaio por semana).

2. Quantas horas são utilizadas por ensaio?

() 1 horas () 2 horas () 3 horas () 4 horas () mais de 4 horas Quantas? _____

(identificar se há um padrão entre as condições de trabalho, e se não, quais seriam as diferenças/ estima-se encontrar uma média de uma hora).

3. Você costuma possui ajudantes/pianistas/auxiliares durante os ensaios?

(identificar se há um padrão entre as condições de trabalho, e se não, quais seriam as diferenças/ estima-se que o regente realize o trabalho sozinho).

6. De que forma se deu a sua iniciação profissional como regente de coros infante-juvenis? Como decidiu atuar como regente?

(nesta questão pretende-se compreender como se deu a inserção do regente no mercado de trabalho para assim identificar as características comuns, ou não, que possam explicar os aspectos essenciais da iniciação profissional e da profissionalidade do regente).

(possíveis respostas: - indicação profissional, necessidade de professor de música nos locais de trabalho, era cantor de coros e se identificou com a atividade....)

7. Durante sua iniciação profissional quais seriam os pontos positivos que você pôde vivenciar? De que forma eles influenciaram em sua atuação profissional?

(o objetivo aqui é identificar quais são as habilidades e competências que foram adquiridas durante a iniciação profissional, assim como foram desenvolvidas ações baseadas nas angústias características do início de carreira, e que tratam do “choque com a realidade” (Hubermann – 1995)

(conhecimento musical geral – voz – técnica vocal, higiene vocal, tessitura, extensão vocal, harmonia, piano, repertório coral, regência, história da música, teoria musical, técnicas de arranjo, educação musical, etc...)

8. Ainda considerando sua iniciação profissional, quais foram as principais dificuldades, inseguranças durante sua adaptação? Como buscou solucionar estes conflitos?

(o objetivo aqui é identificar quais são as habilidades e competências que foram adquiridas durante a iniciação profissional, assim como foram desenvolvidas ações baseadas nas angústias características do início de carreira, e que tratam do “choque com a realidade” (Hubermann – 1995)

(relação interpessoal – jovens e crianças, desenvolvimento cognitivo, complementação de repertório destinado à faixa etária – habilidade em elaborar arranjos musicais destinados à faixa etária)

9. Como você enxerga o trabalho do regente de coros infanto-juvenis? Qual seria o objetivo principal desta atividade?

(o objetivo da questão é compreender se os regentes identificam o coro infanto-juvenil como uma atividade de educação musical)

(estima-se, em toda a entrevista, encontrar um discurso do regente que compreenda a atividade como um processo de educação musical, possibilitando conhecer o fazer musical por meio do canto)

10. Quais pontos seriam relevantes para facilitar a inserção do regente de coros infanto-juvenis no mercado de trabalho, o que você entende como conhecimento essencial para a atuação frente aos coros?

(visualizar, no olhar do regente, quais os conhecimentos essenciais para a realização de seu trabalho, e que poderiam ter facilitado o seu contato inicial com a prática profissional).

Observação: Estas são questões iniciais para a realização da coleta de dados, as mesmas podem ser complementadas dependendo da explanação do entrevistado e de acordo com o objetivo principal da pesquisa: compreender como se desenvolve a profissionalidade dos regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande-MS.

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA



Universidade de Brasília

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: “A profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis de Campo Grande, Mato Grosso do Sul”.

Pesquisador Responsável: Cinara Baccili Ribeiro

Contato: (67) 92561297(CLARO); Por e-mail: cinara_baccili@hotmail.com

Trata-se do projeto “A profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis de Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, que visa realizar um estudo sobre as características profissionais dos regentes de coros infanto-juvenis em Campo Grande, durante os anos iniciais de sua carreira. Espera-se identificar os processos e procedimentos que envolvem o percurso formativo dos profissionais atuantes, assim como, identificar a sua relação com a prática educativa musical.

O voluntário será entrevistado pela pesquisadora, presencialmente ou via chamada de vídeo. As questões propostas serão abertas envolvendo a temática citada acima. O estudo não oferece risco aos participantes, mesmo assim, os responsáveis pela pesquisa estarão disponíveis para esclarecer suas eventuais dúvidas. Após a coleta, os dados pessoais dos voluntários serão preservados quanto à confidencialidade e privacidade. A participação dos voluntários é de grande valia para a ampliação das pesquisas na área de educação musical, em particular sobre as questões que envolvem as funções dos regentes de coros infanto-juvenis em sua atuação profissional.

O voluntário tem o direito de retirar sua participação na coleta de dados a qualquer momento.

Pesquisadores responsáveis:

Prof. Dr. Marcus Vinicius Medeiros (orientador) _____

Cinara Baccili Ribeiro _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG ou CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *A profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis de Campo Grande, Mato Grosso do Sul*, como sujeito de pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Cinara Baccili Ribeiro sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local: Campo Grande Data / /2016.

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____